Diário de Lisboa

Setembro 1979
Terça-feira
25

ANO 59.º
N.º 20 065
10$00

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Responsabilidade civil automóvel: Seguro obrigatório em Janeiro

Pág. 6

Médio Oriente: Portugal condena acção de Israel

Pág. 7

PROFESSORES
Terceira fase das colocações a partir de 15 de Outubro

Pág. 4

Casqueiro, Sousa Tavares e Medeiros Ferreira nas listas de direita

Pág. 20

Batalha aérea com Israel provoca alerta na Síria

Pág. 13

Primeiro acordo sobre a Rodésia

Pág. 13

TRÊS ANOS DEPOIS

Inspiradores do FMI voltam a Lisboa

A economia portuguesa vai ser o objecto pela segunda vez em três anos das atenções do «lobby» mais sofisticado do capitalismo norte-americano e oeste-alemão. O German Marshall Fund of the United States patrocina a Segunda Conferência sobre Economia Portuguesa, que conta com o apoio do «brain-trust» do MIT, Massachussets Institute of Technology, conhecido grupo de pressão e que há três anos «previu» com um espantoso rigor as medidas de austeridade que Portugal teria de efectuar para reequilibrar as suas finanças. Em Outubro de 1976, os conferencistas apontaram como imperativo para Portugal uma desvalorização do escudo superior a 30%, um congelamento do crédito e um estrangulamento dos gastos com o sector público e a administração estatal. A receita seria fielmente retomada pelo FMI e cumprida pelo I e II GovernosConstitucionais, que fariam preceder a carta de intenções ao FMI de um «pacote» de severas medidas de austeridade. Na Fundação Calouste Gulbenkian o tema central será a adesão de Portugal à CEE, não a adesão propriamente dita, que para os patrocinadores é um dado adquirido, mas os estudos das suas vantagens e desvantagens. No entanto, os conferencistas terão ainda disponibilidade para se debruçarem altruisticamente sobre a balança de pagamentos, a inflação, a política económica a curto prazo e as políticas monetárias, cambiais, orçamentais e fiscais portuguesas.

O German Marshall Fund of the United States é uma organização norte-americana criada com o fundo concedido pelo Parlamento da RFA, para celebrar o Plano Marshall – com que os Estados Unidos procuraram apoiar as economias dos países europeus após a Segunda Guerra Mundial.

«As perspectivas e problemas da adesão à CEE» será o tema de uma mesa-redonda para que foram convidados economistas e outros intelectuais de todos os países membros da CEE. Ninguém espera grandes novidades desta conferência, mas sabe-se que a conferência tem o condão de influenciar com particular incidência os centros de decisão internacionais sobre aquilo que à economia portuguesa diz respeito. Uma terapia tipicamente capitalista, independentemente da abertura das opiniões que durante a conferência serão expressas, será o resultado mais evidente da reunião que conta como observadores com a NATO, o Banco Mundial e a OCDE.

Richard Eckhaus, célebre economista do MIT, Bela Belassa do Banco Mundial, o embaixador Wells Stabler, presidente do German Marshall Funda of the United States, Jurgen Donges, do Instituto Mundial de Economia, em Kiel, RFA, e Edmund Goldenstein, das Comissões da CEE, são alguns dos proeminentes participantes estrangeiros, simultaneamente membros da Comissão Executiva da conferência. Os portugueses que integram esta Comissão são José da Silva Lopes, governador do Banco de Portugal, e Alfredo de Sousa, reitor da Universidade Nova de Lisboa. Vítor Constâncio, Jacinto Nunes, João Cravinho, João Salgueiro, Manuela Silva, Xavier Pintado, Paulo Pita e Cunha e João Cravinho são outros dos participantes portugueses.

FRUTOS DA VIOLÊNCIA

Suarez adiou périplo americano

MADRID, 25 – (Do nosso correspondente Fernando Jauregui) – O presidente do Governo espanhol, Adolfo Suarez decidiu adiar a viagem que amanhã deveria iniciar a diversos países americanos, segundo se anunciou esta manhã no Palácio de Moncloa.

O adiamento deve-se à situação interna espanhola, depois do assassinato de dois oficiais do Exército na passada quinta-feira e do Governador militar da Guipúscoa, no domingo.

Suarez deveria começar amanhã uma viagem, considerada muito importante pelos meios diplomáticos espanhóis, à Costa Rica, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos, donde regressaria a 4 de Outubro.

Especial importância dava-se ao encontro entre Suarez e Carter, que se deveria realizar a 3 de Outubro.

Insiste-se no entanto em Madrid que esta viagem foi somente adiada e não «suspensa».

Este adiamento parece pôr em dúvida as contantes afirmações de porta-vozes da Presidência do Governo,no sentido de que reina a maior normalidade no país.

Ontem à noite, mais de dois mil ultradireitistas manifestaram-se violentamente no centro de Madrid, com gritos de «Exército ao Poder», tendo sido dispersos pela Polícia, que teve de utilizar gases lacrimogéneos.

Pág. 20

Guiné-Bissau: Problemas dos cooperantes

Daniel Reis descreve, de Bissau, os problemas com que se debatem os professores portugueses que ali se encontram como cooperantes

Pág. 10

Angola: Luanda tão diferente

Rogério Vidigal escreve de Luanda: a capital de Angola já não é a cidade que os portugueses que por lá passaram guardam na memória

Pág. 2

Moçambique: Há 15 anos a luta armada

No dia 25 de Setembro de 1964, o fundador e primeiro presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane, proclamava em Cabo Delgado a insurreição geral armada

Pág. 11

Quatro membros da Comissão do Livro Negro sobre o fascismo, na mesa da conferência, esta manhã: Fernando Piteira Santos, José Magalhães Godinho, José Carlos de Vasconcelos e Joaquim Barradas de Carvalho

LIVRO NEGRO SOBRE O FASCISMO

Comissão apresenta primeiros documentos

Cerca de um ano depois de ter iniciado os seus trabalhos, a Comissão do Livro Negro sobre o Fascismo apresentou esta manhã à Imprensa o primeiro do que se anuncia uma série de pequenos livros arquivando documentação encontrada, classificada e seleccionada, dos despojos do regime de Salazar e Caetano. Este primeiro volume titula-se «Eleições no Regime Fascista» e reúne alguns documentos secretos ou confidenciais da ANP/UN, LP, Ministério do Interior, personalidades do fascismo. E traz ainda uma exposição assinada por diversas figuras da Oposição Democrática acerca da situação em Portugal em 1958 e enviada ao PR de então.

A Comissão foi criada como tal numa deliberação do Conselho de Ministros em Janeiro de 77, passou depois por um despacho de S. Bento a nomear os seus membros, e ficou institucionalizada em Maio de 78. Só em Julho do ano passado, porém, pôde começar efectivamente o seu trabalho, mas ainda sem colaboradores. Preside-lhe o dr. José Magalhães Gdinho, e integram-na, além dos drs. Fernando Piteira Santos, José Carlos de Vasconcelos e Joaquim Barradas de Carvalho, que esta manhã estiveram no encontro com os jornalistas, e ainda Raul Rego e Teófilo Carvalho Santos. Nos últimos tempos, os trabalhos a que a comissão se dedicou contaram com a colaboração de dez pessoas.

No encontro com os jornalistas, José Magalhães Godinho deu conta das dificuldades de vária ordem que lhe foi preciso ultrapassar para levar a efeito o trabalho que lhe compete.

Em que consiste este trabalho? – No exame dos arquivos das instituições do regime fascista. E – disseram esta manhã os conferentes – «um trabalho moroso, que tem de ser executado com os maiores escrúpulo e isenção, pois tem de reunir documentos destinados não a julgar aqueles que detiveram o poder durante quase meio século, mas sim o regime que eles institucionalizaram».

A Comissão, em vez de publicar «o livro» que a sua designação faria prever, optou pela publicação em série de pequenos livros, mais facilmente utilizáveis, e dando conta pública do trabalho que vai desenvolvendo.

Este primeiro livro vai ser posto à venda nas livrarias ao preço de 70 escudos.

post-scriptum

Quem é que ataca a República Popular de Angola?

«Bispo ataca em Fátima a República Popular de Angola» – foram as parangonas sob cuja epígrafe o «Diário de Lisboa», na sua edição de 30 de Agosto de 1979, acusou o signatário de atacar, na saudação que dirigiu aos peregrinos de Fátima no dia 26 do mesmo mês, o país angolano.

Sinto-me no dever de repudiar tão estranha criação do «DL» que não está de acordo com a ética profissional da informação na verdade, nem com o respeito devido à «honra e reputação» da pessoa humana.

De facto, nem uma só palavra da homilia atacou a RP Angola, e nem uma só vez o nome deste país nela foi invocado sob qualquer pretexto de acusação.

Começa por afirmar o «DL» que os peregrinos aplaudiram ruidosamente a homilia, «nomeadamente as suas referências de índole política à situação actual naquele país».

E para demonstrar a sua tese, cita entre aspas as passagens condenatórias: «bem pior do que perder a casa, os campos, o emprego, é o drama dum cristão que vê a sua fé ameaçada, e se vê no dilema de ter fé ou ter emprego»... «drama dos pais que vêem os filhos ser levados para longe, onde vão ser educados no ódio contra a Igreja e contra seus próprios pais, a quem devem denunciar se eles tiverem ideias contrárias ao regime que todos sabeis qual é».

Foi isto que no fim da homilia os peregrinos nomeadamente aplaudiram? Como pode sabê-lo e demonstrá-lo «DL»? Terá visto os pensamentos e as intenções de quem bateu palmas?

São estas as pecaminosas referências políticas? Quando foi que a fé – tema central da homilia e das frases citadas – deixou de ser assunto religioso para ser questão política?

São estes os ataques dirigidos à R.P. de Angola? Onde é que se fala deste país, ou a ele se faz alusão acusativa?

O dilema e o drama referidos, não diz a homilia se têm lugar na R.P. de Angola, se na R. P. da China, se no Chile. Só pode localizá-los num país quem souber que nele se verificam.

Se o «DL» ensina que os mesmos se referem à R. P. de Angola é porque tem conhecimento de que eles lá existem. E se o «DL» enfia o sambenito ao país que reputa como réu, quem é que ataca a R. P. de Angola?

Francisco da Mata Mourisca
Bispo do Uíje

ANGOLA: QUATRO ANOS INDEPENDENTE — 2

"Já há mandioqueiras à volta de Luanda"

Rogério Vidigal

Luanda não é, hoje, a cidade que a maioria dos portugueses por lá passados guardam na memória. Desde logo, diluiu-se a cidade do asfalto nos muceques, interpenetraram-se com a descida da população negra às casas deixadas vagas pelos colonos.

A fisionomia da capital (e certamente das outras cidades) alterou-se, portanto: hoje circula nas ruas a população angolana, conduzem os automóveis, servem na banca, consertam as ruas, fazem bicha nos talhos e peixarias ao fim da tarde.

Desde logo a natural pergunta: quatro anos de independência neste grande país, terão tornado a população mais feliz? Faça-se a pergunta e tem-se a totalidade das respostas favoráveis. De outro modo não poderia ser. Um bem principal, inestimável, foi recuperado a 11 de Novembro de 1975: a liberdade.

Mas, do ponto de vista exclusivamente material, quais terão sido os benefícios para a população?

Vejamos: pelo menos uma grande parte das pessoas pôde passar a viver em casas, onde, contrariamente ao que acontecia (e acontece) nos muceques, há água, luz, conforto.

E as bichas para comprar carne, para comprar peixe, para determinados géneros? E as lojas fechadas, aquelas antigas que serviam uma tropa ociosa e rapace? Essa é uma interrogação que paira em muitos espíritos e alguns até bem intencionados.

Mas vejamos a questão de outro ângulo: qual seria o consumo da população suburbana de Luanda, ou no interior, no que respeita principalmente a carne. E quanto a peixe fresco ou congelado?

É que, hoje, munido do seu cartão de trabalhador, o cidadão tem direito a comprar dois quilos de carne por semana e por cartão, a um preço convidativo: entre 80 e 90 quanzas, ou seja entre 110 e 120 escudos. O peixe oscila entre os 40 e os 60 escudos, embora, verdade seja, mesmo congelado, não seja grande a variedade.

O acesso a produtos é, entretanto maior do que antigamente: nos tais «supermercados», com o acesso condicionado pelo cartão de trabalhador e a uma vez por semana, o cidadão encontra uma certa variedade de produtos, em grande parte de origem brasileira pois foi-lhes concedida a montagem e exploração dessa cadeia de abastecimento.

Do leite em pó ao óleo vegetal, ou, nos mercados normais, do repolho ao tomate pequenino bem característico, a população vai podendo escolher. Será menor o «campo de manobra» do que era antes da independência? Que o digam os conhecedores, que, pela nossa parte, não temos a menor dúvida...

UMA ECONOMIA DESTRUÍDA

E, no entanto, a «herança colonial» não foi nada convidativa. Por outro lado, a guerra que ficou no terreno angolano a 11 de Novembro contribuiu de forma decisiva para a destruição da economia do país, destruídas que foram fazendas inteiras, mortas ou roubadas milhares e milhares de cabeças de gado, rebentadas pontes em grande número, cortadas estradas e até aviões desviados para um país vizinho e aí utilizados nas carreiras internas.

Daí resulta que, actual e naturalmente, a carne consumida seja em grande parte importada (do Botswana) e o peixe à venda seja congelado. É que, neste último caso, tanto quanto soubemos, alguns dos poucos barcos que ficaram em Angola estão incapazes e não existem por enquanto, quadros quer para a reparação quer para futuras actividades piscatórias em moldes não artesanais.

É uma luta constante, esta, que travam os dirigentes e o povo angolano, uma vez que a guerra continua, com os sul-africanos e os homens por si mandados, a fazerem constantes surtos pelo interior do país, particularmente na fronteira sul.

«Guerra de hipocrisias e violências» – assim a classificava Agostinho Neto, em 11 de Novembro de 1978. Guerra que desgasta as «energias da nossa jovem República, guerra de usura que produz o cansaço e a rendição aos seus desígnios diabólicos de dominação do continente africano».

Mas, enfrenta-se também, a sabotagem interna, cuja dimensão não conseguimos apurar mas que, a avaliar por diversos testemunhos, existe. Não esquecendo, por exemplo o fraccionismo, que, naturalmente, provocou um intenso desgaste no país, até pela morte de quadros que daí resultou.

E, apesar disso, alguns produtos frescos já abastecem os mercados de Luanda, sendo que ainda não foi possível repor os antigos ou fazer novos circuitos de distribuição dos produtos do interior.

«Já há mandioqueiras à volta de Luanda» – considerava, alegre, o extinto presidente, em discurso feito a 10 de Dezembro do ano passado.

«Dentro de dez, vinte, trinta anos a situação será completamente diferente» – garantia na mesma altura, quando exclamava: «O mais importante é resolver os problemas do Povo».

«Já há mandioqueiras à volta de Luanda». E as bananas vão rompendo o «cerco»...

PARA A CIDADE!

Um aspecto curioso mas com uma explicação fácil é que, tendo ficado vagas as casas do «asfalto» da capital e logo ocupadas pelos antigos habitantes dos muceques, estes continuam a existir (agora mais arrumados, mais limpos e com algumas casas substituindo as antigas barracas).

É que se verificou um movimento populacional rápido do campo para a cidade, particularmente para a capital e, ainda, ali caíram grande parte dos refugiados angolanos em países vizinhos, como os do Zaire e da República Popular do Congo.

Isso causou e causa algumas preocupações. O próprio Agostinho Neto focaria a questão num dos seus discursos, procurando as causas para o movimento migratório e exortando à fixação no interior. Dizia então, e vale a pena recordar as palavras a propósito, que «é necessário oferecer mais possibilidade de actividade privada no nosso país. Nem é errado».

E acrescentava: «Nem é contra-revolucionário como à primeira vista pode parecer».

Aqui vale a pena salientar o número razoável de refugiados que voltaram a Angola e hoje habitam em Luanda. Falam, geralmente, melhor o francês do que o português mas lá se vão esforçando para entrarem na sua (e para alguns «nova») língua.

Um motorista de táxi, por exemplo, filho de pais angolanos (de Maquela do Zombo) que emigraram para o Zaire: ali nasceu a criança, e cresceu e guiou automóveis, até voltar. Não tem agora dúvida de que Angola é o seu país, e de que é muito melhor do que o Zaire onde «a vida está impossível».

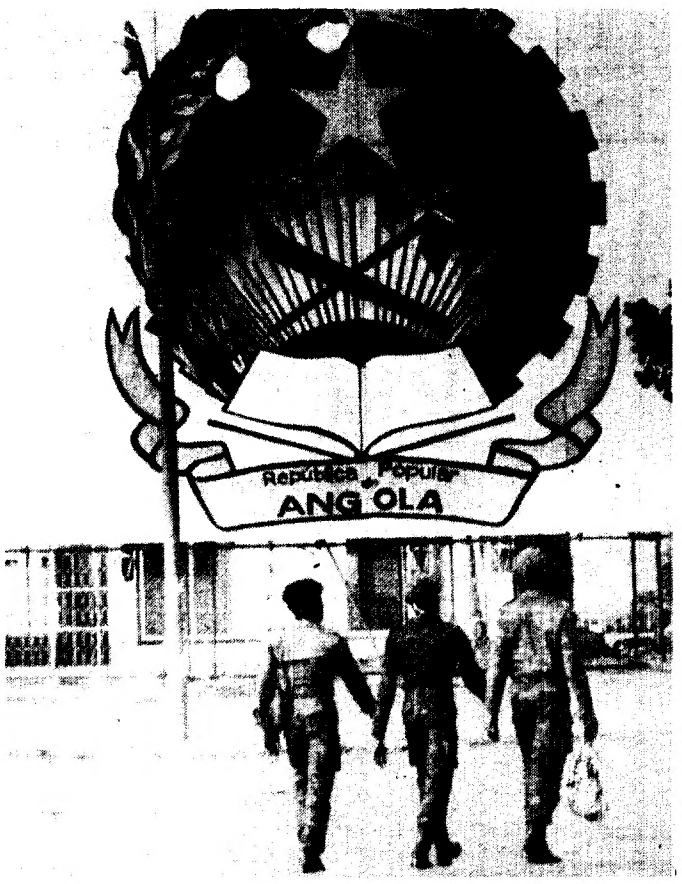
Aqui levanta-se um outro problema: «Esta fixação de refugiados em Angola não dará possibilidade à penetração de alguns inimigos tradicionais?» (pensamos, concretamente, na FNLA e não só).

Não parece ser grande preocupação para os dirigentes angolanos e também para o seu povo. E, também sobre este problema, Agostinho Neto tinha tomado uma posição:

«Porque é que eles não vão ter uma vida normal? Ter a vida que cada um de nós tem, excepto lugares de direcção, por agora? Porque não hão-de ter?» – perguntava-se em 17 de Dezembro do ano passado.

E respondia: «Vamos deixar toda a gente trabalhar. Somente não podem trabalhar aqui, livremente, aqueles que fazem guerra contra nós. Aqueles que estão na Namíbia e fazem incursões armadas contra o nosso Povo. A 'Unita', os fantoches da 'Unita' aqui não têm nenhum direito».

Os continuadores de Neto, provavelmente, terão a mesma aposta, a mesma opção, na reconstrução, ou melhor, na construção de um novo país, do homem novo, do socialismo...



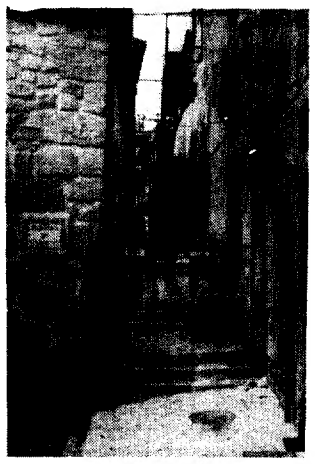
O exército angolano, conjuntamente com a Organização de Defesa Popular, continua mobilizada contra a «guerra de usura» imposta pelos sul-africanos

PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341

ponto a ponto

Como ontem anunciámos, está prevista para 24, 25 e 26 de Outubro próximo, a visita ao nosso país do presidente da República de S. Tomé e Príncipe, Manuel Pinto da Costa, convite do Chefe do Estado português, general Ramalho Eanes.

A Comissão Promotora da Romagem dos Centros Republicanos tornou público um comunicado exortando o Povo de lisboa a comparecer no cemitério do Alto de S. João no próximo dia 5 de Outubro, pelas 10 horas. O comunicado subscrito, entre outros, por Dias Amado, António Lomelino, Ramon de La Féria e Alcina Bastos, integra ainda a romagem aos túmulos dos heróis da República num «apelo à unidade de acção de todos os portugueses em defesa da República e da Democracia».



Em visita, desde há vários dias pelo Minho, o Presidente da República desloca-se amanhã ao Porto, acompanhado de D. Manuela Eanes. O general Ramalho Eanes visitará, a título particular, na capital nortenha, a zona do Barredo, onde decorrem importantes obras de beneficiação, além de outras zonas da cidade.

A Associação Portugal-Moçambique, realiza hoje uma sessão comemorativa do 15.º aniversário do início da luta armada desencadeada pela Frelimo, que conduziria à libertação e independência da RPM. No decorrer do acto, que terá lugar na Rua de Artilharia Um, 105, 4.º andar, haverá intervenção de um representante da embaixada moçambicana e ainda a exibição de um filme sobre aquele país irmão.

Esteve em Portugal, de 17 a 22 do corrente, a convite do PCP, uma delegação do Partido Comunista Búlgaro que integrava membros do seu comité central, ligados ao departamento de Artes e Cultura. A delegação teve um encontro com uma delegação do PCP que incluía Aboim Inglês, Vítor Dias (SIP), Fernando Correia («Avante») e António Ângelo (Relações Internacionais).

ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DE UM FENÓMENO CHAMADO "CRÓNICA FEMININA" (IV)

JOAQUIM PALMINHA DA SILVA

«ALEGRIA DE VIVER» E HUMORISMO

Depois do concreto e do pessoal, «C.F.»., dedica-seeeee a expor o imediato, o presente e a boa disposição. A importância que atribui à necessidade de «mostrar-se alegre», caminho da «felicidade», é consequência da convicção que sabe possuirem as suas leitoras, de que a vida é materialmente difícil e pouco compensadora. Note-se que esta atitude, que amiúde somos levados a classificar de sentimental ou parva, porque simplista (nomeadamente quando temos em conta os graves problemas económicos e culturais que afligem o País e o seu povo enquanto entidade de continuação nacional), assenta as suas bases nas pessoas das classes trabalhadoras que, se bem que em muitos aspectos sejam sentimentais; pessoas que devem essa boa disposição que ostentam como fruto sazonado, ao realismo socioeconómico que igualmente as caracteriza. A sua boa disposição é fruto de um inconformismo realista, tanto como a necessidade de «levar as coisas com alegria», «levar as coisas a rir». Isso ajuda as classes trabalhadoras a suportar a vida, que é cada vez mais dura, e a manter uma certa dignidade e independência de espírito perante coisas «eloquentes» que das tribunas lhes sopram aos ouvidos, quando a realidade do dia-a-dia lhes diz, pela prática, que as intenções, se bem que «boas», demoram muito a concretizarem-se ou então não passam de propaganda política eleitoral. Por isso, manifestam frequentemente em relação ao mundo exterior uma atitude humorística, sendo esse humor quase sempre feito de escárnio, mofa. Daí a sua especial predilecção pelas anedotas ilustradas que apresentem certos aspectos da vida política ou doméstica, o custo de vida, as dificuldades em encontrar emprego ou marcar consulta para o especialista das «Caixas de Previdência», assim como para com a caricatura política e até a **banda desenhada,** esta última tão maltratada e menosprezada no País e, o que ainda é pior, nos meios da Imprensa diária e periódica pretensamente «popular», a qual lhes devia dar guarida, enquanto «produto nacional» exactamente pela qualidade de implantação que lhe é inerente nos meios populares.

AS HISTÓRIAS DA «C.F.»/FIDELIDADE À VIDA

Quem tenha ocásião de ler as histórias e contos publicados na «C.F.» não deixará de observar a grande fidelidade dos pormenores da vida quotidiana, os quais são reproduzidos tendo em atenção a vida da classe social a que a revista se dirige. O conjunto de histórias curtas, ocupa quase tanto espaço como a fotonovela, consistindo estas geralmente em transcrições fiéis de acontecimentos sem grande importância, uns anedóticos, outros inquietantes, extraídos do dia-a-dia. Abrindo, por exemplo, o n.º 1035, de 23 de Set. 1976, encontramos num conto este diálogo: «(...) – Que tens, Manuel? Por que motivo me afastas de ti?/Amo-te demasiado para suportar esta situação. Não posso casar contigo porque nada ganho. Aqui, na aldeia, não consigo um bom emprego que assegure o nosso futuro. Vou para outra terra...».

«Marido e mulher discutiam amiudadas vezes, em voz muito alta, ofendendo-se mutuamente. Até chegaram a pensar numa separação definitiva. Contudo, devido à forte amizade que ainda os unia, desistiram de o fazer. Um dia...» n.º 870, 26 de Julho 1973.

«– Quem é o Maurício?/ – ó «pá», tu não conheces o Maurício? É aquele antigo contínuo lá do escritório...ª – Ah! Ja'me lembro.../– Ele reformou-se, mas está agora na miséria. Internaram a mulher dele num hospital... O pobre Maurício mal pode sustentar os filhos, dois rapazes na idade escolar...». «C.F.» n.º 823, 31 de Agosto 1972.

«(...) Em geral, chegava ao fim da tarde; raramente aparecia mais cedo. Quando ouvia aquele toque leve da campainha, logo seguido daquele bater com o nó dos dedos, na madeira da porta, já sabia quem era! Até porque se tratava de um toque convencionado entre ela e os inquilinos – para poderem abrir à confiança, isto é, sem receio de surpresas desagradáveis uma vez a porta aberta (...)». «C.F.» n.º 1088, 29 de Setembro de 1977.

«– Posso entrar, senhor Mar-

Continua na pág. 4

MUDANÇA DE MENTALIDADE PARA GOVERNAR O PAÍS

Das dificuldades de governar em Portugal vai Maria de Lurdes Pintasilgo dando pública notícia. Estas quintas-feiras dedicadas a ver o «País que somos» têm aspectos positivos. Dê-se bola branca ao estilo de Maria de Lurdes Pintasilgo nos contactos, nas reuniões. Louve-se a informalidade. Mas se não merece bola preta, suscita reserva que um «Governo de 100 dias», chefiado por quem aberta e corajosamente reconhece que a máquina burocrática central está perra, viaje na periferia quando é no centro que o mal deverá ser atacado. É o centro que carece de uma grandíssima e reverendíssima reforma.

Claro que as digressões na periferia quando revestem o aspecto de inspecções e de visitas de trabalho proporcionam experiência e permitem a conclusão reconfortante: «As pessoas não têm apenas reivindicações a fazer, mas têm, também, sugestões da maneira como isso podia ser feito».

E foi assim após o 25 de Abril de 1974. Em inúmeros casos as populações não se limitaram a apresentar reivindicações, solicitaram meios e poderes, tomaram iniciativas, avançaram soluções. Mas a desconfiança do «poder central» e a hostilidade das estruturas burocráticas, precederam as «recuperações» e o «restauracionismo». O **centro,** burocrático e político, é cioso das atribuições que a lei velha lhe confere e lento na aplicação da legalidade nova.

Falando ao «Jornal de Notícias», do Porto, da situação do «sector empresarial do Estado», Maria de Lurdes Pintasilgo reconheceu: «O que nós temos em Portugal, em muitos sectores, e este não é distinto do que acabámos de falar, é que possuimos as leis e não as colocamos em prática». Neste, como noutros sectores – no entender do Primeiro-Ministro –, não serão necessárias «medidas radicais completamente ao arrepio das leis existentes», mas «apenas fazer funcionar as leis».

Grandes palavras: «fazer funcionar as leis». Mas – perguntamo-nos – quais leis? Leis posteriores ao 25 de Abril? Leis anteriores?

A velha legislação é um colete de forças. Sob múltiplos aspectos autoriza a lentidão burocrática, as exigências paralisantes, as rotinas. Modificar a sociedade portuguesa, acelerar a sua inevitável transformação, o «agiornamento» bloqueado durante décadas, implica uma reforma da mentalidade dos cidadãos e dos burocratas e implica uma revolução legislativa que excede largamente a capacidade e a competência legiferante de um Governo a prazo.

Mas revolução legislativa que exige um Mouzinho da Silveira, e um apoio franco e forte à acção de um Mouzinho da Silveira, revolução legislativa que se não compadece com clientelismos e compromissos.

Talvez seja essa a verdadeira força do Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo: não ter nascido de compromissos, não estar a pautar-se pelas reacções do eleitorado, não ter instrumentos próprios para tirar partido das «eleições intercalares».

Não diremos que o Governo, de missão ou de serviço, como à falta de melhor designação foi qualificado, seja um Governo sem política ou acima da política. Um certo activismo pragmático e as conhecidas limitações temporais que condicionam a actuação governativa nem sempre se combinarão sem levantar suspeitas políticas. Os «políticos» são desconfiados, atreitos a reservarem-se espaços e funções.

Não poderá este Governo levar a cabo a revolução cultural e legislativa. Essa é uma tarefa de tempo e de fôlego. Mas se queremos cumprir Abril teremos que a realizar. Adiar a revolução cultural e legislativa é adiar o «País novo», é consentir que persista – e não só nas estruturas burocráticas do Estado como factor de bloqueamento – a mentalidade da velha «ordem», a mentalidade da «ordem nacional corporativa».

São 48 anos de história colectiva que pesam na nossa vida presente, na política e no viver quotidiano dos portugueses. A ruptura do sistema político e até as transformações sociais não produzem efeitos imediatos no domínio das mentalidades, das mentalidades individuais e da mentalidade social. Não será preciso, para nos defendermos com uma autoridade, citar o historiador Labrousse.

Não estamos perante uma situação que a força de vontade, a generosidade das intenções, a humildade ante os problemas, a iniciativa de uma equipa entusiasta, possa enfrentar e vencer. As dificuldades são muitas e teimosas. As mudanças que urge realizar são de uma natureza radical. São mudanças de raiz.

Descentralizar, desburocratizar, modernizar. E, principalmente, não confundir **descentralização** com a criação de estruturas intermédias delegadas do «poder central»; não confundir **modernização** com a criação de novas estruturas tecnocráticas de burocratas de tecnocracia.

A expressão: «organizar a resposta institucional do Estado às carências das populações» deverá ser aprofundada. Clarificada, talvez. A «resposta institucional» deverá ser concretizada numa perspectiva antiburocrática, descentralizadora, participativa. O que importa é que as populações controlem estruturas e instituições, que disponham de meios e de quadros técnicos. Mas atenção. Nada de estruturas tecnocráticas e paternalistas. A técnica serve a política, não a comanda.

E, por outro lado, a região – a «região administrativa» ou a «região plano» – terão que integrar-se no planeamento do desenvolvimento nacional, terão que subordinar-se a uma economia global, terão que vincular-se a uma distribuição racional dos meios. Dos portos aos hospitais, dos parques de máquinas às escolas de nível universitário, este Portugal precisa de ser apetrechado com critério e com o rigor de não desperdiçar meios: financeiros, tecnológicos, humanos. As «universidades» não poderão ser presentes políticos a capitais de distrito, as máquinas não deverão envelhecer física e tecnologicamente antes de terem rendido o que custaram. A economia deste País não suporta uma governação demagógica, clientelista, de favores pessoais e regionais.

Nesta batalha para modernizar Portugal – as estruturas, as mentalidades – definiremos a «esquerda» como «o conjunto de forças que baseiam a sua **facies** política na convicção de que a mudança é possível e que há sempre caminhos novos para a mudança». Estas palavras são de Maria de Lurdes Pintasilgo. E acrescentou: «Ora nem sempre a Esquerda tem essa novidade.»

Não podemos dizer que não tenha razão. Essa é, contudo, a função histórica e sociológica da Esquerda: ser a força de mudança, ser a corrente social de modernização.

"Crónica Feminina"

Continuação da pág. 3

ques?46 entre, entre, vizinha... – respondeu o Marques, um homem idoso./ – A lavadeira deixou a sua roupa em minha casa, pois o senhor tinha saído.../ – E terei de sair muitas vezes. Ando a tratar de um assunto muito importante. (...)». «C.F.» n.º 947, 16 de Janeiro de 1975.

«– A nossa filha vai casar – dizia Josefa ao marido – mas ainda não tem casa. Eu gostaria que vivessem connosco, mas é natural que ambos queiram ter a sua independência./ – Talvez se alugue uma casa perto da nossa.../ – Já estás a pensar nos netos, não? – perguntou ela, sorrindo./ – Sim – respondeu ele, sorrindo também – É provável que venham brincar no nosso jardim...». «C.F.» n.º 909, 25 de Abril de 1974.

Estes podem ser considerados como o resumo dos pontos de partida de quase todas as histórias, as quais, como se pode verificar, assentam as suas bases em descrições muito simples, mas inteiramente identificáveis com o dia-a-dia das leitoras de «C.F.». Evidentemente que, além disto, uma tal fidelidade ao pormenor da vida quotidiana da leitora constitui por vezes um prelúdio para a descrição de como os sonhos das pessoas desse mundo podem tornar-se em realidades. Assim, pode verificar-se uma ascensão na escala social, um «amor» difícil torna-se num lar feliz, a rapariga que foi ludibriada acaba por encontrar um homem que é um bom marido sem se preocupar com o passado da sua exnoiva. Mas a maior parte das vezes as coisas que acontecem nessas histórias são coisas que acontecem a toda a gente, e o meio descrito, incidindo sempre no respeito pelo casamento e pelo lar, é aquele que a maioria das leitoras conhece por experiência própria.

Quando examinamos o estilo dessas histórias em pormenor, não podemos deixar de concordar com a acusação de que elas estão eivadas de lugares comuns – todas as reacções são apresentadas em linguagem estereotipada. Se a história descreve uma cena dramática, as pessoas nela implicadas têm a boca «cerrada», o rosto «tenso»; sentem «arrepios»; o herói tem «nervos de aço» e dirige aos seus interlocutores «um olhar frio»; a noiva do herói, que assiste a tudo, «tem o coração pequenino» e «a expectativa adensa-se». Mas que significa este abuso de lugares-comuns? Apenas que os autores sabem que falam por lugares comuns, porque às leitoras agradam os lugares comuns; que não estão a descrever vivências, a transformar vivências em linguagem. Tudo isto é verdade. No entanto, como se disse atrás, este género de literatura limita-se a afirmar, apresentar quadros de coisas já conhecidas. A leitora destas histórias não aprecia com toda a certeza aquilo que nós designamos por literatura séria; mas podia ler coisas piores, sobretudo nos tempos que correm. Não nos devemos esquecer disto! Será pois preferível olhar estas histórias como fiéis descrições dramáticas de um tipo de vida cujas formas e valores são conhecidos, deduzindo destas descrições literárias os valores que lhes estão subjacentes. A nosso ver não adianta troçar delas, pois interessa sobretudo verificar se, na sua banalidade, exprimem realmente um modo de vida sólido e significativo no que respeita a certa camada social e, por outro lado, não nos devemos esquecer que até à data nós, que pretendemos fazer parte de uma plêiade de homens devotados à causa da democracia e da instrução cívica do povo, não conseguimos oferecer uma contrapartida válida e duradoira para este tipo de publicação.

O mundo apresentado nestas histórias é um mundo simples e muito limitado; um mundo baseado em meia dúzia de valores há muito estabelecidos e aceites. Será muitas vezes um mundo ingénuo e espalhafatoso, no qual as emoções brotam a jorros. Mas são verdadeiras emoções, num mundo que não é corrupto nem pretensioso. As palavras que o descrevem podem parecer exageradas; palavras que os escritores sérios que se dirigem a um público mais sofisticado deixaram geralmente de utilizar nos nossos dias, e que outros escritores menos ingénuos põem resolutamente de parte. Palavras como «desgraça», «vergonha», «culpa», «mal», utilizadas na sua verdadeira acepção. Esse mundo aceita plenamente, como ponto de referência essencial, a ideia de que o casamento e o lar constituídos com amor, fidelidade e alegria são o verdadeiro destino de uma vida de mulher. Quando dizem que uma rapariga se «perdeu», a frase significa (o que de resto vem confirmar aquilo que se disse atrás, falando do pendor moral dos princípios das classes trabalhadoras) não que a rapariga tenha «pecado» contra si mesma, se tenha «perdido a si própria», como outros autores poderiam dizer, ou que tenha falhado numa outra relação que não a humana ou a social, mas apenas que desperdiçou as possibilidades que tinha de vir a fundar um lar e uma família como «deve ser». O fim destas histórias é muitas vezes que a rapariga ou acaba por casar com o homem, finalmente decidido a assumir as suas «responsabilidades», ou então encontrou um outro homem que se prontifica a casar com ela e a servir de pai à criança, embora sabendo que é filha de amor ou aventura frustrada.

Não nos esqueçamos que a vida lá fora, a vida de segunda a sexta-feira, é muito dura – mas «ao fim e ao cabo», nesta e noutras revistas congéneres, exprimem-se os verdadeiros sentimentos das classes trabalhadoras. As suas histórias contribuem para alegrar, dar indicações de procedimentos, esperança de vida e encorajar as suas leitoras. Os sentimentos que exprimem estas últimas, permanecem ocultos num cantinho da memória durante uma semana de trabalho; trabalho muito terra-a-terra e do qual está ausente o sentimentalismo. A maioria destas histórias, nas suas teias simples, constituem a expressão de «corações sensíveis». Tocam «nas velhas teclas», referem-se a valores que continuam a ser aceites.

Até que ponto é que as leitoras das classes trabalhadoras levam a sério este tipo de histórias? Talvez tenhamos atribuído demasiado relevo à qualidade emocional destas histórias e aos sentimentos que despertam, levando os leitores a acreditar que a classe trabalhadora, e as mulheres em especial, acreditam realmente nos textos das histórias, constituindo os leitores da revista, num momento, um grupo de pessoas unidas pela lágrima ao canto do olho. É claro que não é tanto assim. Podemos afirmar que a revista é levada a sério até certo ponto, isto é, não fazem troça das suas histórias, nem as consideram como uma relíquia de sentimentos de tempos idos. Estas revistas, especialmente a «C.F.» de que nos ocupamos, agradam hoje como agradava nos tempos dos nossos avós a revista «Serões», por exemplo; os sentimentos descritos e as soluções encontradas para os pequenos dramas que as hitórias desbobinam, inspiram uma certa nostalgia, pois vêm de uma época de relações de produção artesanais, onde a industrialização e a vida anónima das grandes cidades ainda não existiam; época que atribuía a devida importância ao lar e ao amor, tanto como à entreajuda e à solidariedade – tal como aos sentimentos que nos são despertados por um belo velho ou velha, do qual dizemos «É pena que já não haja muitos como ele».

COMUNICAÇÃO SOCIAL

"Forum 79"/"Telecom 79"/"CAMR 79" começaram em Genebra com CTT/TLP

● Países do Terceiro Mundo adiam sessão da "CAMR"

Patrocinadas pela União Internacional das Telecomunicações (UIT) estão e vão decorrer em Genebra as três seguintes manifestações: «Forum 79», «Telecom 79» e «CAMR 79».

A primeira daquelas manifestações, «Forum 79», congresso que visa facilitar o contacto entre os meios internacionais, os dirigentes financeiros e industriais e as empresas de telecomunicações, começou ontem e termina amanhã. O presidente do Conselho de Administração dos CTT/TLP, dr. Norberto Pilar, apresentou já uma comunicação subordinada ao tema «Perspectivas das telecomunicações e suas consequências económicas». Amanhã, será abordado o tema «A integração da rede mundial de telecomunicações», estando prevista uma comunicação pelo eng. Monteiro Lopes, também dos CTT/TLP, onde é administrador do pelouro das telecomunicações.

No decurso da «Telecom 79» (terceira edição da Exposição Mundial de Telecomunicações), que, iniciada em 20 do corrente tem o seu encerramento amanhã, os delegados dos CTT/TLP tiveram oportunidade de contactar com os mais recentes e sofisticados equipamentos, sistema e concepções no domínio das telecomunicações.

Finalmente, até 30 de Novembro efectua-se naquela cidade a Conferência Administrativa Mundial das Radiocomunicações (CMAR), encontro em que serão debatidos vários problemas e apresentadas propostas pelos países membros da UIT, sendo as decisões de carácter vinculativo.

Como delegados dos CTT/TLP estão presentes o chefe-adjunto da delegação portuguesa, eng. Pires Franco, e, ainda, o eng. Simões Carnêiro.

Embora a sessão inaugural estivesse prevista para ontem, uma disputa política forçou ao adiamento da CMAR, até amanhã pelo menos. Pormenorizando: os delegados do Terceiro Mundo, que se propõem lutar pela obtenção de um quinhão maior das frequências mundiais de rádio, não conseguiram chegar a acordo com as potências ocidentais sobre quem deverá presidir aos trabalhos.

Efectivamente, os países em desenvolvimento resistem às propostas norte-americanas para que sejam atribuídas mais frequências às emissões da nova era espacial e outras comunicações, alegando que essas frequências deveriam ser adstritas a telecomunicações convencionais com base em terra.

Socialistas e comunistas denunciam em França "giscardização" da Informação

A Assembleia Nacional francesa considera que a Informação não é isenta em França.

Após seis meses de estudo e pesquisa, uma Comissão da Câmara dos Deputados, encarregada pelo governo de fazer averiguações sobre o estado da Imprensa, Rádio e Televisão concluíu não ser este «satisfatório».

Os deputados, que chegaram a um resultado diametralmente oposto ao que o Governo desejava, afirmam que «não estão asseguradas nem a independência nem o pluralismo na Informação, o que colide com a liberdade de expressão».

Na política interna, esta diferenciação de critérios levará a confrontações entre os gaulistas de Jacques Chirac, que pediram a sondagem, e os centristas de Valery Giscard d' Estaing.

Os socialistas vão mais longe, afirmando que «dentro de pouco tempo não será necessária censura governamental, porque não haverá nada a censurar».

Quer os socialistas quer os comunistas denunciam a «giscardização» da Informação, com a Televisão e a Rádio a serem utilizados como instrumentos do Governo.

Carlos Cruz nomeado director-coordenador da RTP/1

Regressado há alguns meses de Nova Iorque, onde exerceu o cargo de conselheiro de Imprensa na missão portuguesa junto das Nações Unidas, Carlos Cruz foi nomeado director-coordenador da RTP para o 1.º canal.

Carlos Cruz aceitou assumir aquelas funções a convite de Soares Louro, presidente da Comissão Administrativa da RTP.

Nessas mesmas funções, já ontem cumpridas, compete a Carlos Cruz, designadamente, coordenar, com a equipa responsável pelo 1.º canal, a programação da informação da RTP/1, ficando ainda sob a sua dependência o sector de harmonização e apresentação de emissões e a programação dos centros regionais.

Sindicato dos Jornalistas ultima regulamento da Carteira Profissional

Na sequência da publicação no «Diário da República» do Estatuto do Jornalista, documento pelo qual o Sindicato dos Jornalistas se vinha batendo há longos anos, a direcção sindical está a ultimar uma proposta de regulamento da carteira profissional, e, correspondendo à solicitação contida na lei, definirá as regras deontológicas e a garantia do seu cumprimento.

Lembra o SJ que os deveres fundamentais do jornalismo profissional contidos no Estatuto dos Jornalistas correspondem aos princípios pelos quais o Sindicato tem vindo a pugnar:

Respeitar escrupulosamente o rigor e a objectividade da Informação; respeitar a orientação e os objectivos definidos no Estatuto Editorial do órgão de Comunicação Social para que se trabalha, bem como a ética profissional, nem abusar da boa-fé dos leitores encobrindo ou deturpando a Informação e respeitar os limites ao exercício da liberdade de Imprensa nos termos da Constituição e da lei.

Quanto a direitos, o SJ salienta os seguintes:

Não serem detidos, afastados ou por qualquer forma impedidos de desempenhar a respectiva missão em qualquer local em que a sua presença seja exigida pelo exercício da actividade profissional, nem outras limitações além das decorrentes da Lei da Imprensa e demais legislação em vigor e não serem, em qualquer local e em qualquer momento, desapossados do material utilizado ou obrigados a exibir os elementos recolhidos, a não ser por mandado judicial nos termos da Lei.

ENSINO

COLOCAÇÃO DE PROFESSORES

Ministério da Educação regulamenta mini-concursos

Com a assinatura de Aldónio Gomes, secretário de Estado dos Ensinos Básicos e Secundários, o Ministério da Educação acaba de regulamentar, através do despacho 102/79, a execução da terceira fase, vulgarmente conhecida por miniconcurso de professores provisórios e eventuais dos ensinos preparatório e secundário.

Têm prioridade nesta última fase das colocações os professores com veículo contratual ao ME e que não foram colocados nas fases anteriores. Serão logo colocados na escola e nas condições em que o foram no ano anterior no prazo de seis dias a partir do dia seguinte ao da publicação das listas da 2.ª fase, prevista para seis de Outubro. Estes candidatos manterão vínculo contratual até 30 de Setembro e a remuneração que irão receber nunca pode ser inferior à auferida no ano escolar anterior. No que respeita aos professores provisórios ou eventuais não vinculados ao ME o sistema de prioridades aponta para a colocação dos professores profissionalizados não efectivos, candidatos que tenham concorrido nas posições um, dois e três do boletim do concurso; candidatos que tenham concorrido nas posições quatro, cinco ou seis; candidatos portadores de habilitação própria que não tenham sido opositores das 1.º e 2.ª fases do concurso; candidatos que tenham concorrido nas posições um, dois ou três do boletim, mas não a todo o continente; candidatos que tenham concorrido na posição sete, mas não a todo o continente e possuam, pelo menos cinco anos de serviço docente; candidatos de habilitação suficiente que não tendo sido opositores às 1.º e 2.ª fases, possuam, pelo menos cinco anos de serviço docente; outros candidatos portadores de habilitação própria.

A apresentação a concurso far-se-á mediante o preenchimento de um boletim e de uma ficha, a partir de 16 de Outubro, caso se venha a verificar a publicação das listas da segunda fase a seis de Outubro. Os candidatos que forem colocados terão de se apresentar no respetivo estabelecimento de ensino no prazo de três dias após a afixação das listas das colocações do miniconcurso. Os candidatos só podem concorrer a um distrito do continente e a um máximo de 100 horários.

DELEGADOS DO MINICONCURSO

Para a apresentação dos boletins de concurso que deverão ser entregues em mão, a Direcção-Geral do Pessoal do ME, publicou a lista dos seus delegados e locais nos respectivos distritos.

A lista: António Aurélio da Silva Fernandes (Liceu de Aveiro), Zacarias de Sá Oliveira (Liceu de Beja), Júlio Machado Ribeiro Guimarães (Liceu D. Maria II em Braga), Olema Rodrigues Moita Mariano (Escola do Magistério Primário de Bragança), Maria Lisete Magalhães Domingues (Escola Preparatória de Castelo Branco), Maria Celeste Marques Braga de Matos (Liceu José Falcão em Coimbra), Fernando Baptista Martinho (Escola T.C. de Évora), Francisco Pinto Rodrigues Polaré (Escola Preparatória de Faro), António Maria Martins Amaro (Escola Industrial e Comercial da Guarda), Deolinda Margarida Ribeiro (E.T. das Caldas da Rainha), António das Dores Gonçalves Picarilho (E. P. Nuno Gonçalves, em Lisboa), Plínio Casimiro Serrote (Liceu de Portalegre), António Fernando Nascimento Ruivo (Liceu Rodrigues de Freitas no Porto), José Silvestre Prista de C. Caetano (Liceu de Santarém), Vítor António da Fonseca (E. T. Anselmo de Andrade), António Araújo Gonçalves (Liceu de Viana do Castelo), Alberto Rego Barros Teixeira (E. P. de Vila Real) e Augusto Rodrigues Guimarães (E. I. C. de Viseu).

Cuidados primários e carreira médica alvos de reformas do V Governo

A criação do Departamento Central de Cuidados Primários de Saúde e da carreira médica de clínica geral são dois pontos fundamentais do programa do V Governo para a Saúde, que ontem foi objecto de reunião de esclarecimento entre o secretário de Estado da Saúde com os responsáveis dos serviços centrais e das administrações distritais dos Serviços de Saúde.

O dr. Correia de Campos anunciou também a intenção de ser realizado o reordenamento dos recursos humanos do sector, a revisão da lei geral sobre carreiras do pessoal de saúde e a cessação do regime de instalações dos estabelecimentos dependentes daquele departamento.

O responsável pela Sociedade de Estado da Saúde salientou que não basta legislar para melhorar os serviços de saúde e que são necessárias reformas de maior vulto na orgânica do Ministério dos Assuntos Sociais. No entanto, acrescentou, há que conseguir que as unidades de cuidados primários (postos dos Serviços Médico-Sociais e Centros de Saúde) prestem assistência mais adequada, o que permitirá o descongestionamento dos hospitais, especialmente dos Serviços de Urgência e possibilitará que estes dediquem toda a atenção aos cuidados diferenciados para que estão vocacionados.

SISTEMA DE SAÚDE MUITO DETERIORADO

«Temos o sistema de saúde mais deteriorado da Europa e se não agirmos rapidamente seremos mesmo ultrapassados por países de outros continentes», declarou em entrevista à ANOP o responsável pela Secretaria de Estado da Saúde que considerou muito importante a lei do Serviço Nacinal de Saúde aprovado na Assembleia da República como forma de obstar a que a deterioração prossiga.

O dr. Correia de Campos reconheceu que a eficácia do SNS depende muito de todo o pessoal de saúde da forma como estiver preparado e das condições que lhe forem oferecidas. «Por isso – referiu – ninguém se poderá admirar se privilegiarmos os médicos que trabalham em regime de exclusividade».

Para Correia de Campos o SNS tem aliás o objectivo de dignificar a carreira do médico de clínica geral: «Não poderemos utilizar especialistas como clínicos gerais, como actualmente acontece nas Caixas de Previdência».

Em sua opinião a aplicação do SNS permitirá fundamentalmente lutar contra a massificação que se atingiu nos Serviços Médico-Sociais, desenvolvendo em alternativa uma relação personalizada entre o médico e o doente. Espera-se deste modo reduzir drasticamente os meios auxiliares de diagnóstico (radiografias e análises) dado que o médico passará a acompanhar melhor a história clínica do seu doente habitual.

A reorganização dos serviços de saúde permitirá também reduzir a afluência às urgências dos hospitais onde actualmente cerca de 80 por cento dos doentes atendidos necessitam apenas cuidados primários.

Por outro lado, a aplicação da lei do SNS não vai exigir o dispêndio de novas verbas mas levará à racionalização dos gastos actuais, acentuou o secretário-geral da Saúde que acrescentou ser muito difícil racionalizar todo um sistema de saúde que tem hoje um excessivo peso administrativo mas informou já estarem em curso medidas tendentes a aplicar a informática nos Serviços Médico-Sociais.

Máquina administrativa bloqueia serviço de hemodiálise no Porto

A máquina administrativa parece ser a causadora do bloqueamento à compra de um equipamento complementar, que custa cerca de um milhão de contos, que iria funcionar nos Serviços de Hemodiálise do Hospital de S. João, no Porto.

Isto, apesar de, segundo o secretário de Estado da Saúde, Correia de Campos, aquela unidade estar completamente montada e dispor já de pessoal preparado e da nossa carência em meios de tratamentos de insuficientes renais crónicas ser dramático.

Durante a visita de trabalhos efectuada este fim-de-semana aos hospitais do Porto e Gaia, o secretário de Estado tratou nomeadamente de questões de investimentos programados e de quadros de pessoal, bem como o problema da preparação de médicos e a colaboração a prestar nesse campo pelo Instituto Abel Salazar. A propósito, Correia de Campos salientou a preocupação pela formação de clínicos gerais, na perspectiva defendida pelos responsáveis da Saúde a nível mundial, acrescentando o apoio estrangeiro que nos será oferecido, nomeadamente pela Noruega.

CML discute renda habitacional

A CML começou a apreciar uma proposta de bases gerais para fixação de uma renda social nas habitações propriedade do município.

A proposta, que será votada numa das próximas reuniões da CML, prevê que os agregados familiares com rendimentos naõ superiores ao ordenado mínimo nacional fiquem a pagar rendas que não excedam os 750 escudos mensais.

Este valor poderá ser ainda reduzido de acordo com dois critérios-base: o número de pessoas do agregado familiar e as características (localização, assoalhadas, anos de construção, etc.) da própria habitação.

A «grelha» prevista varia entre os 400 e 2.900 escudos e será determinada de acordo com a totalidade dos vencimentos do casal e apenas uma percentagem (a determinar) dos restantes membros do agregado.

PASSE SOCIAL

Em Coimbra e Braga lá para 80

Ainda não será este ano que a utilização do passe social se estenderá a Braga e a Coimbra, cidades que juntamente com Setúbal, pelo seu desenvolvimento e movimentação, «reclamam» esse benefício. Foi o próprio ministro das Comunicações e Transportes, eng Monteiro da Silva, quem admitiu, aquando do anúncio do aumento tarifário do sector, essa possibilidade.

Questões de ordem técnica, nomeadamente no tocante à repartição de receitas, estão na base dessa impossibilidade, que se deverá manter até Dezembro – confiou ao «DL» uma fonte do Ministério da tutela. O IV Governo, todavia, «está a fazer todos os esforços» e a desenvolver «os mecanismos necessários» por forma a que a extensão do passe social àquelas duas primeiras cidades venha a ser um facto no próximo ano e já com outro Executivo.

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 80

Obrigatório fazer o seguro de responsabilidade civil automóvel

Um decreto-lei e outro regulamentar hoje publicados na folha oficial instituem, para entrar em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1980, o Seguro Obrigatório de Responsabilidade Civil Automóvel e o Fundo de Garantia Automóvel, este integrado no Instituto Nacional de Seguros. Os diplomas já promulgados sobre o Seguro Obrigatório de Responsabilidade Civil Automóvel são substituídos pelo presente e outros que venham a ser inseridos no «Diário da República», que terão em conta as actuais ou futuras perspectivas do mercado segurador e da economia nacional «mais realisticamente encaradas» e de acordo com as novas estruturas criadas, ou seja, no caso corrente, o Instituto Nacional de Seguros.

Fundamentalmente, o diploma contempla a obrigatoriedade do Seguro Automóvel, satisfazendo a Convenção Europeia do ramo. O decreto introduz duas alterações de relevo em relação à legislação ainda em vigor: a diversificação do capital, que passou a ser global e a obrigatoriedade do Seguro de Responsabilidade Civil a favor dos passageiros transportados mediante remuneração nos veículos ligeiros de transporte público.

Entre outras das disposições constantes dos três capítulos por que se divide, num total de trinta e um artigos, o diploma refere, sobre a obrigação de segurar, que os veículos terrestres a motor, seus reboques e semi-reboques, só podem circular na via pública, ou em locais públicos ou privados abertos ao público ou a certo número de pessoas com o direito de os utilizar, desde que seja efectuado, em empresa ou sociedade legalmente autorizada, Seguro de Responsabilidade Civil que possa resultar da sua utilização. A obrigação de segurar não é extensiva à responsabilidade relativa às pessoas ou bens transportados nos veículos referidos. Fica obrigado ao Seguro de Passageiros o transporte que se faça em veículos pesados de transporte colectivo, de aluguer sem condutor, automóveis ligeiros de táxi e aluguer e carros eléctricos.

A obrigação de segurar impende sobre o proprietário do veículo, excepto os casos de usufruto e venda com reserva de propriedade, que recai sobre o usufrutário ou adquirente. Ficam isentos os Estados estrangeiros, de acordo com o princípio da reciprocidade, bem como as organizações intergovernamentais. O Seguro, por seu turno, garantirá a responsabilidade do proprietário, usufrutuário ou adquirente. No caso de roubo, furto ou furto de uso e acidentes de viação dolosamente provocados o Seguro não garante a responsabilidade dos respectivos autores, cúmplices ou encobridores para com o proprietário e outros. Exceptuam-se da garantia do mesmo o condutor, cônjuge, ascendentes e descendentes, bem como os representantes legais das pessoas colectivas ou sociedades responsáveis pelo acidente, quando no exercício das suas funções.

O decreto regulamentar que acompanha e complementa o anterior diploma, com seis capítulos e treze artigos, institui o Fundo de Garantia Automóvel integrado no Instituto Nacional de Seguros, competindo àquele satisfazer as indemnizações de morte ou lesões corporais consequentes de acidentes originados por veículos sujeitos ao Seguro Obrigatório. O limite, por acidente, das indemnizações é determinado polas quantias fixadas no diploma que torna obrigatório o Seguro de Responsabilidade Civil de Automóvel, só aproveitando do benefício do FGA os lesados por acidentes em Portugal.

NO DOMÍNIO DA GEOLOGIA E MINAS

China quer cooperação com Portugal

As autoridades chinesas afirmaram-se interessadas na cooperação de técnicos portugueses no domínio da geologia e minas, durante contactos que mantiveram com dois administradores da ANOP que se encontram de visita àquele país a convite da agência «Nova China».

A revelação foi feita durante um encontro entre João Tito de Morais e António Ramos, da ANOP, com o vice-primeiro-ministro chinês, Wang Zhen. Durante a audiência, a que assistiu também o embaixador de Portugal em Pequim, Ressano Garcia, aquele membro do Governo chinês pediu aos administradores da ANOP para transmitirem ao Governo português um convite para fazer deslocar à China uma delegação de geólogos e especialistas portugueses em prospecção de minerais, designadamente metais raros e preciosos.

Depois de contactos com responsáveis chineses da Informação e com diversas autoridades dos sectores político e económico, em Pequim, os administradores da ANOP visitarão também as cidades de Xangai, Nanquim e Cantão.

EM OITO DIAS DE AGOSTO

Fiscalização Económica "abriu" 1190 processos

● algumas penas pesadas entre os especuladores

Como resultado da sua acção directa e de queixas e participações, a Direcção-Geral de Fiscalização Económica (DGFE) instaurou 1190 processos, no período compreendido entre 21 e 31 de Agosto (último relatório tornado público), sendo 184 por especulação, oito por açambarcamento, dezoito por crimes contra a saúde pública, um por desobediência, um por exportação ilícita de café, 900 por várias contravenções e 78 por colheita de amostras de produtos suspeitos de impropriedade para consumo, falsificação ou falta de características legais.

Os delitos de especulação situaram-se sobretudo nas áreas da venda de batata, do pescado, da matança clandestina e dos produtos de cafetaria, com maior incidência nos distritos de Setúbal (67 detenções em flagrante delito), Lisboa (7), Porto (6), Castelo Branco (5), Viseu (5), Aveiro (3) e Faro (1).

Em resultado destas infracções realizaram-se os respectivos julgamentos sumários, sendo de realçar, entre eles, pelo volume das penas, os seguintes: Amélia Maria do Rosário, de Setúbal, é condenada em 10 dias de prisão efectiva e 50 contos de multa, por matança clandestina; Manuel Jaime Serrano, de Buarcos (Figueira da Foz) condenado na multa de 41 contos (alternativa de 269 dias de prisão), por açambarcamento de bacalhau, Fernando Manuel Jorge Sales, sócio-gerente da Firma Flor de Santo Amaro, com estabelecimento retalhista de «snack-bar», pastelaria, e restaurante, denominado «O Furo», situado na Rua Luís de Camões, 3-A, em Lisboa, condenado em nove contos de multa (alternativa de 52 dias de prisão efectiva), por ter armazenados, para consumo público, vários produtos, a saber: carne de vaca crua – 7 quilos; miudezas comestíveis de frango-3 quilos e 700 gramas; rins de vitela-950 gramas; restos de carnes confeccionadas 1 quilo e 900 gramas e camarão descascado-1 quilograma.

No mesmo período verificar-se-iam ainda seis detenções no sector do inquilinato (arrendamento), devido a especulações (duas) e contravenções (quatro).

CONTRA EXTINÇÃO DA LINHA DO SABOR

Centenas de populares em Bruçó mantêm automotora "sequestrada"

BRAGANÇA, 25 – como forma de protesto pelo facto da CP ter anunciado a suspensão da linha férrea do Sabor, que numa extensão de 104 quilómetros serve os concelhos de Moncorvo, Freixo-de-Espada-à-Cinta, Mogadouro e Miranda do Douro, centenas de pessoas retêm, desde as 16 horas de ontem, na freguesia de Bruçó, a automotora que faz a ligação entre Duas Igrejas e Pocinho, não permitindo igualmente, na estrada 221, a circulação das camionetas das empresas rodoviárias privadas a quem a anunciada extinção da circulação ferroviária virá beneficiar.

A decisão tomada pela CP, com base na existência de transportes alternativos e no mau estado de conservação da via, terá tido como principais executores o seu chefe dos Serviços de Transportes da Região Norte, eng. Jorge Villaverde, afilhado do governador civil de Braga no tempo de Caetano, Santos Cunha, e um inspector da empresa saneado depois do 25 de Abril, Valdemar Silva, que assim pretendiam passar a exploração ferroviária (300 passageiros diários, número que aos fins-de-semana chega a triplicar) para empresas privadas do sector rodoviário.

«Os populares não se mantêm dispostos a deixar passar a automotora e as camionetas. Mas até ao momento ainda não se registaram quaisquer confrontos», afirmou esta manhã ao «DL» um informador da GNR de Mogadouro, corporação que, à hora do fecho desta edição, ainda mantinha uma força no local.

Entretanto, a Assembleia Distrital de Bragança, reuniu-se ontem em sessão extraordinária, para debater a situação, tendo enviado depois um telegrama ao Presidente da República, ministro dos Transportes e Comunicações (que esta manhã, segundo apurámos, ainda não tinha qualquer resposta) e director-geral dos Transportes Terrestres.

No telegrama, a Assembleia Distrital recorda as promessas que o presidente da República fez na visita ao distrito em Junho de 1977: «Nada será retirado ao distrito de Bragança. Pelo contrário, ser-lhe-á dado o que carece, dado ser uma das regiões menos favorecidas até hoje pelo Governo Central». Esta promessa, recorda-se no telegrama, foi reiterada em Outubro de 1978 pelo general Ramalho Eanes aos autarcas do distrito.

EM COIMBRA

Suspeita de sequestro e droga

Foi apenas devido aos enérgicos protestos de repúdio dos moradores do Bairro de São Sebastião em Coimbra, que as autoridades policiais intervieram no caso da seita «Unificação», instalada na Quinta do Roldão existente naquele bairro. Porém até agora, quer a PSP quer a Direcção-Geral da Polícia Judiciária ainda nada revelaram do que de ilícito possa ter sido detectado na actividade daquele grupo.

Foi o nosso colega «O Diário» quem ontem levantou o problema, referindo-se ao aparente sequestro de um jovem das Caldas da Rainha, Rodrigo Pimenta Cardoso que só terá sido libertado após pressões populares que obrigaram a intervenção da Polícia. Este jovem terá sido encontrado em estado abúlico, possivelmente devido a sobredose de droga.

Correm várias versões de que no interior da sede da seita, dirigida por um indivíduo de nome Liberto José de Sousa e Silva, se têm passado actos reprováveis e até criminosos o que provoca da parte da vizinhança a intenção de obrigar, por todos os meios, o encerramento de tal organização que em voz alta acusam como sendo uma ramificação da CIA.

Na verdade ninguém sabe qual a verdadeira origem da seita que dá pelo nome de Associação para a Unificação do Cristianismo Mundial.

Escola Náutica Infante D. Henrique: menos inscrições que em 78

Dos 403 inscritos este ano na Escola Náutica Infante D. Henrique em Paço de Arcos, 35 são raparigas que escolheram a pilotagem (13), máquinas (4) e radiotecnia (18). O número de inscritos este ano é inferior ao de 78 em 134.

O menor número de alunos inscritos este ano, conforme admitiu um informador da Escola à ANOP, deve-se ao facto da equiparação dos cursos da Escola Náutica a Superiores obrigarem a uma exigência especial no que diz respeito à qualidade de ensino. Os candidatos, ainda segundo o mesmo porta-voz, não vêm devidamente preparados na sua maioria.

Com instalações para cerca de 500 alunos, a Escola Náutica de Paço de Arcos conta com 66 professores de diversas especialidades, 33 dos quais a tempo inteiro.

O curso, que terá início na terceira semana do próximo mês, conta com a inscrição de oito candidatos com habilitações superiores, que aguardam despacho para nele poderem participar.

"Colectânea de documentos para a história dos Açores"

A Direcção Regional de Orientação Pedagógica da Secretaria Regional da Educação e Cultura editou uma «Colectânea de documentos para a história dos Açores», composta por textos extraídos de publicações e autores que abordaram temas açorianos.

Embora destinada aos alunos dos cursos complementares, a obra agora editada poderá também ser útil a quantos se interessam pela história do arquipélago.

PORTO DA PRAIA DA VITÓRIA

Estaleiros e um entreposto de frio num investimento de 600 mil contos

ANGRA DO HEROÍSMO, 25 – Envolverá cerca de 600 mil contos e proporcionará 400 novos postos de trabalho a construção do projectado porto da Praia da Vitória, na Ilha Terceira. O Governo Regional encarregou, entretanto, a firma norte-americana «Marine Joint Venture» de proceder ao estudo de mercado do projecto.

A prospecção, segundo um despacho da ANOP, destina-se também a estudar o interesse internacional pelo projectado estaleiro de reparação naval, a construir naquela baía e com capacidade para receber oito a doze embarcações até 80 metros. O empreendimento prevê também, para além da construção de estaleiros, um entreposto de frio com capacidade para 30 mil toneladas de pescado.

Numa primeira fase, o estaleiro poderá construir embarcações até 40 metros e estimular a criação de uma frota pesqueira açoriana, actualmente inexistente. A sua função primordial será, contudo, a reparar os barcos pesqueiros que em número superior a um milhar operam normalmente nas águas do Atlântico Norte.

No que se refere ao financiamento do empreendimento será dada prioridade aos capitais regionais, nacionais e dos emigrantes e, posteriormente, aos capitais estrangeiros. De acordo com Mota Amaral, a construção do porto da Praia da Vitória poderá ser iniciada no próximo ano.

CONTAMINAÇÃO COSTEIRA

Haverá solução para evitar a degradação do mediterrâneo?

Com a comunicação «Plano de Acção para o Mediterrâneo» começou ontem, em Palma de Maiorca, a Conferência sobre Contaminação Costeira do Mediterrâneo, na qual Portugal participa. Além do nosso país estão presentes mais 16, num total de 200 especialistas, alguns dos quais da Organização para as Nações Unidas (ONU). Coube a Richard Helmer, técnico da UNEP (organismo dependente da ONU) fazer a comunicação inaugural sob o tema acima referido.

Os conferencistas estudarão os efeitos da contaminação das águas, a ecologia do litoral e os seus riscos para a saúde humana e, por outro lado, as possíveis soluções para evitar a degradação do Mediterrâneo. Outros pontos agendados: o nível de contaminação nas águas costeiras e a incidência dos vários factores contaminantes, cabendo neste ponto o tráfego de petroleiros no Mediterrâneo, o superpovoamento costeiro e os resíduos industriais causados pelos núcleos urbanos ribeirinhos.

A reunião é organizada pela Associação Internacional de Investigação sobre Poluição nas Águas, com sede em Londres, através da Associação Espanhola de Abastecimento de Águas e Saneamento. Países participantes: Espanha e Portugal, naturalmente, bem como Itália, França, Turquia, Mónaco, Jugoslávia, Egipto, Israel, EUA, Grã-Bretanha, Japão, Suécia, Holanda, Brasil, RFA e Finlândia.

Ainda 'escândalo' de Valpaços

A propósito da reportagem que ontem publicámos sobre os acontecimentos na Câmara de Valpaços, pede-nos o serviço de Relações Públicas do PSD para fazermos duas rectificações – primeiro a manifestação de apoio ao dr. Sobrinho de Morais não estava convocada para a Câmara Municipal da vila, mas sim para o campo de futebol; segundo, aquela concentração não se realizou à mesma hora que a reunião da Assembleia Municipal que elegeu a «nova» comissão admministrativa do município.

Certos de que nenhum destes esclarecidmentos alteram no essencial a notícia que publicámos, aqui os deixamos registados.

NAZARÉ

MARIA JOAQUINA LEONARDO

Proprietária da Pensão Leonardo

FALECEU

Licínio Clímaco, filha, cunhada e restante família, cumprem o dever de participar que faleceu, sua esposa e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 26, pelas 10.30, de sua casa, para o cemitério local.

Conferência de Lisboa é muito importante afirmou Hourani (OLP) ao chegar a Lisboa

«Os europeus têm variados interesses económicos no mundo árabe e sabem que as relações entre os povos da Europa e os árabes dependem da paz no Médio Oriente. E, neste caso, não há paz possível sem que um entendimento global considere o reconhecimento da OLP e dos direitos legítimos do povo palestiniano», declarou ontem à noite ao chegar a Lisboa o dirigente palestiniano Abdulah Hourani.

Director do Departamento de Informação e Cultura da OLP e membro do conselho central e conselho nacional da OLP em Beirute, Hourani deslocou-se a Portugal para participar expressamente nos trabalhos preparatórios da Conferência Mundial de Solidariedade para com o Povo Árabe e Palestiniano.

À pergunta de um jornalista sobre eventuais contactos com representantes israelitas e sobre a questão do reconhecimento mútuo, Hourani respondeu:

«Não haverá a curto prazo os contactos que referiu, pois se para a OLP não se coloca a questão de reconhecer Israel, já o contrário é imprescindível. Israel existe, não necessita do reconhecimento especial da OLP. É um facto a sua existência e nós não o negamos. Mas, Israel tem de reconhecer não apenas a OLP como os inalienáveis direitos do povo palestiniano. Sem isso não há negociações.»

Hourani referir-se-ia ainda aos recentes acontecimentos no Sul do Líbano dizendo que «as incursões israelitas dos últimos dias não constituem qualquer mudança de atitude dos israelitas. As tropas israelitas existem para agredir os palestinianos e as populações civis, como acontece sistematicamente no Sul do Líbano sem qualquer pretexto. Bombardeiam-se refugiados palestinianos e populações libanesas sem discriminação».

Abdulah Hourani que vinha de Tunis onde participou numa reunião de ministros da Informação de seis países árabes afirmou que «a Conferência Mundial que se realiza em Lisboa deverá contar com a participação o mais alargada possível não só de representantes de organizações internacionais, como de organizações portuguesas. Desejamos a presença de todos os amigos que apoiam a causa palestiniana, das forças democráticas sem excepção. A Conferência de Lisboa é um acontecimento muito importante para a OLP».

Hourani não afasta a possibilidade de se encontrar nos próximos dias com representantes de organizações políticas e partidárias portuguesas, bem como com representantes do Governo, embora seja a preparação da conferência o objectivo principal da sua visita.

A abertura da delegação da OLP em Lisboa e a possível vinda a Lisboa de Yasser Arafat foram outras questões levantadas pelos jornalistas que se deslocaram ao Aeroporto de Lisboa. Hourani reafirmou não ser possível ainda falar de datas certas para a abertura da representação palestiniana na nossa capital, acrescentando que era possível que Arafat assistisse à conferência mundial. Uma e outra questão dependiam ainda dos contactos a estabelecer em Lisboa com os membros do executivo da comissão nacional preparatória da conferência.

EMBAIXADOR ÁRABE VISITA PORTUGAL

Para «conhecer de perto a realidade portuguesa» visita Portugal no final de Outubro o embaixador em Madrid dos Emirados Árabes Unidos. Mohamed Darwish Ben Karam deverá permanecer três dias na capital portuguesa e realizar contactos diversificados com as forças defensoras da causa árabe.

Embora não existam relações diplomáticas ao nível de embaixada entre Portugal e os Emirados Árabes Unidos, o embaixador Ben Karam demonstrará o desejo de estreitamento dos laços entre os dois Estados.

UNIÃO INTERPARLAMENTAR

Intervenção determinante de Portugal no debate sobre o Médio Oriente

A posição de Portugal pesou determinantemente na resolução tomada pela União Interparlamentar sobre o Médio Oriente, afirmou ontem à ANOP o deputado socialista Rodolfo Crespo, chefe da delegação portuguesa à Conferência da UIP.

Ao regressar de Caracas, Rodolfo Crespo, revelou que o projecto de resolução apresentado por Portugal, juntamente com Espanha, França, Itália, crítico em relação a Israel, foi aprovado por 37 votos, contra 4 e 10 abstenções «após debate acalorado em que os delegados portugueses desempenharam um papel particularmente activo».

Poucas alterações foram introduzidas ao projecto que Portugal subscreveu na resolução adoptada sobre o problema do Médio Oriente, resolução em que se denunciam como factores de retardamento da pacificação da zona de «acções (israelitas) como as da instalação de aldeamentos nos territórios árabes ocupados» e os «repetidos ataques contra o Líbano».

O documento solicita às partes em conflito «que se abstenham de qualquer acção susceptível de dificultar o accionamento de processos de negociação que permitam assegurar uma paz justa e duradoura no Médio Oriente».

A delegação portuguesa à conferência, que compreendia ainda os deputados socialistas António Arnaut, António Esteves Luís Madeira, o social-democrata independente Artur Cunha Leal, os centristas Henrique Morais e Maria José Sampaio e os comunistas Alda Nogueira e Sousa Marques, destacou-se ainda no debate do tema específico da descolonização. Timor foi assunto que ocupou largamente o plenário, tendo-se travado aceso debate entre as partes mais ligadas ao destino da antiga colónia portuguesa, designadamente Portugal, Austrália e Indonésia. A delegação portuguesa sustentou que «Portugal se viu impedido de descolonizar Timor devido à invasão do território pela Indonésia» e lembrou as resoluções inaplicadas da ONU que apontavam para a autodeterminação e independência da Timor-Leste.

A conferência da União Interparlamentar, que reúne duas vezes por ano deputados de todo o mundo, tratou ainda, nesta última edição, que decorreu em Caracas entre 10 e 21, as problemáticas do desarmamento (em que as metas estabelecidas no SALT 2 terão sido consideradas insuficientes pelos participantes e ultrapassadas pelas suas resoluções), da criança, da educação e desenvolvimento, dos direitos do espaço, e dos direitos do homem.

Sobre o tema da criança, a voz portuguesa que se fez ouvir foi a da deputada comunista Alda Nogueira. Na resolução para cuja elaboração contribuiu solicita-se aos participantes na conferência «que insistam junto dos respectivos governos para que façam do Ano Internacional da Criança uma ocasião de se adoptar como objectivo a promoção permanente, sob todos os aspectos, da infância e da juventude».

No capítulo dos direitos humanos, foram especialmente criticados os governos ditatoriais do Chile, Uruguai e Argentina, segundo revelou Rodolfo Crespo.

Na conferência da União Interparlamentar, os votos de cada país contam-se na proporção do seu número de habitantes, dispondo Portugal de doze, nos quais, no encontro de Caracas, se registou sistemático consenso.

Bispo de Bragança intervém na campanha eleitoral

O bispo de Bragança, D. António Rafael, reafirmou ontem a vontade da Igreja Católica de intervir na vida política, anunciando que «tomará uma atitude pedagógica durante a campanha eleitoral».

Num documento intitulado «Para Reflexão de todos os Cristãos», ontem divulgado na capital do Nordeste, o prelado afirma que «os cristãos não devem dar o seu voto a partidos que no seu programa, implicita ou explicitamente, defendam o aborto ou qualquer atentado contra a vida».

Em nota introdutória do comunicado, D. António José Rafael refere ter mantido contactos com representantes de partidos políticos que lhe solicitaram audiência, sem no entanto mencionar os nomes dessas personalidades. O bispo acrescenta que durante esses contactos deixou clara a posição da Igreja da diocese sobre a actual conjuntura política.

As linhas gerais das posições defendidas pelo bispo são desenvolvidas ao longo do seu comunicado. Nele se afirma que no Nordeste transmontano «não se fizeram sentir ainda os benefícios esperados após o 25 de Abril».

«As populações continuam sem condições dignas e humanas, em nítido antagonismo com o modo de viver das gentes do litoral ou da Cintura Industrial de Lisboa», acrescenta.

Preocupando-se com as questões salariais, o bispo D. António José Rafael defende que nenhuns salários deveriam ser aumentados «enquanto não fosse garantido um salário mínimo para os agricultores, uma reforma social coerente e um subsídio de desemprego capaz de garantir a subsistência dos desempregados».

Por outro lado, o prelado refere problemas decorrentes da emigração, salientando que o dinheiro dos emigrantes transmontanos deveria ser «investido no desenvolvimento do mesmo Nordeste, e isso não se verifica».

Além disso, afirma, «o peso eleitoral do seu voto (dos emigrantes) não está em relação com o montante das remessas enviadas».

O bispo de Bragança, que se confessa defensor de «uma sociedade livre e igualitária, onde haja igualdade de oportunidades para todos, onde cada cidadão seja verdadeiramente livre, a coberto de influências e pressões, invulneráveis a toda a espécie de caciquismo, liberta de clientelas de nepotismo, só sujeito à justiça e apenas apoiado na própria dignidade e competência», afirma ser seu objectivo ao intervir na vida política e na campanha eleitoral «ajudar tanto quanto puder os transmontanos a serem livres e a terem voz, para que se façam ouvir e respeitar».

JULGAMENTO DO CASO DELGADO

O homem que recebia as cartas de "Oliveira"

As declarações do homem que serviu de «receptáculo» à PIDE para as cartas, oriundas de Roma, do informador Mário de Carvalho (dito «Oliveira») preencheram ontem à tarde, em Santa Clara, a parte mais importante da 67.ª sessão do julgamento do assassinato do general Humberto Delgado. Servidor da polícia terrorista de Salazar e Caetano durante vinte anos, Joaquim Rosário da Silva, que chegou a chefiar os serviços do «Centro de Informação Um», afirmou ter recebido essas cartas apenas pelo facto do seu chefe, Miguel Castanheira (já falecido), «ser uma pessoa que nunca teve casa própria, que sempre viveu em pensões». Mas chamado a depor Pereira de Carvalho (um dos dois réus do processo, juntamente com Agostinho Tienza, ainda detidos depois da libertação de Silva Pais), logo o probelema seria colocado na sua real dimensão: Rosário foi escolhido para essa missão porque ele, Pereira de Carvalho (então director de serviços), pedira a Castanheira para escolher «um funcionário da máxima confiança». E Castanheira escolheria Rosário.

Um Rosário que neste tribunal demonstrou, à saciedade (para quem ainda tivesse dúvidas), a verdadeira «inocência» dos chamados funcionários administrativos da PIDE, tão reivindicada por certos sectores «humanistas» da opinião bem pensante portuguesa, no período pós-25 de Abril. Um Rosário «inocente», que para além de receber em sua própria casa (Rua Poiais de S. Bento) a correspondência, de entre outros, de um dos mais execráveis e bem remunerados (dos já conhecidos) agentes dos bastidores da «bufaria» «pidesca», coordenava (em perfeita consonância com a alta hierarquia às ordens de Silva Pais), um serviço encarregado, segundo confessou, «de recolher, dactilografar, compilar e arquivar as informações canalizadas de vários sectores (Guarda Fiscal, GNR, PSP) e dos elementos e entidades que nessa altura colaboravam com a corporação.

Vendo-se deste modo o grau de familiaridade que ligava à repressão os inocentes funcionários da «estirpe» de um Rosário, os quais frequentavam não a sala de convívio (segundo Rosário) do soturno edifício da António Maria Cardoso, destinada aos agentes, «mas sim as que eram exclusivamente frequentadas por chefes de brigada e subinspectores».

Eram, portanto, homens próximos dos grandes segredos da PIDE, apesar de no seu depoimento Rosário ter tentado fazer-se passar por um mero burocrata da papelada. Mas, a certa altura, caíria na «ratoeira» armadilhada pelo promotor de Justiça, coronel Casimiro Morgado, e complementada pelo dr. Abranches Ferrão (da bancada da acusação), ao conotar «Oliveira» com a Itália, ele que até ali afirmara nunca ter sabido de onde vinham as cartas, nem de quem era o seu remetente. Um Rosário que, conforme revelou, até tinha em seu nome um apartado postal destinado à correspondência de numerosos informadores.

Mas apesar de Rosário ter demonstrado poder vir a constituir uma fonte preciosa para desvendar toda a responsabilidade de Mário de Carvalho na «teia» que levou ao assassinato do general Delgado e da sua secretária, o tribunal deixá-lo-ia partir em paz. Dando assim mais uma amostra do «ponto morto» em que este importante julgamento se encontra (com reflexos notórios na alegria incontida que se vive nas hostes de Agostinho Tienza e de Pereira de Carvalho).

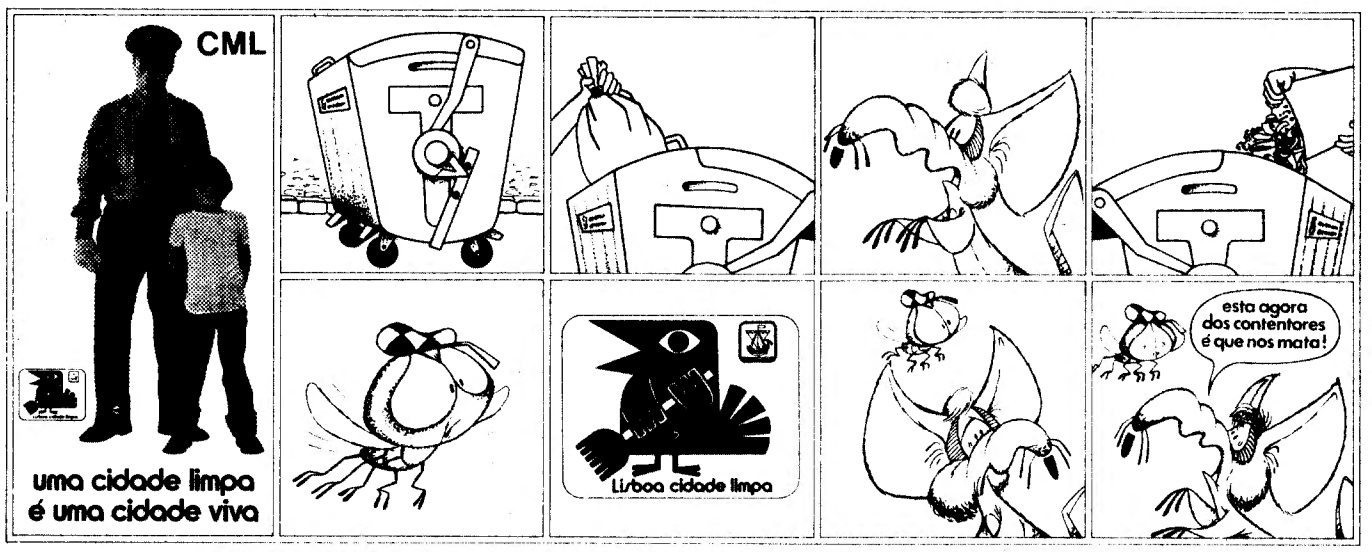
Outro factor, ou melhor, um dos factores que talvez melhor espelhe esta situação, fixa-se na ausência, na sessão anterior, de todos os advogados da acusação (Luís Saias, Abranches Ferrão e José Luís Nunes). Ontem apenas estava presente Abranches Ferrão. E na deslocação que o juiz-auditor do 2.º TMT, Gonçalves Pereira, realizou a Itália para se inteirar do processo de Mário de Carvalho, nenhum destes três causídicos o acompanhou, não tendo, porém, faltado, um dos advogados da defesa, precisamente, o patrono de Pereira de Carvalho.

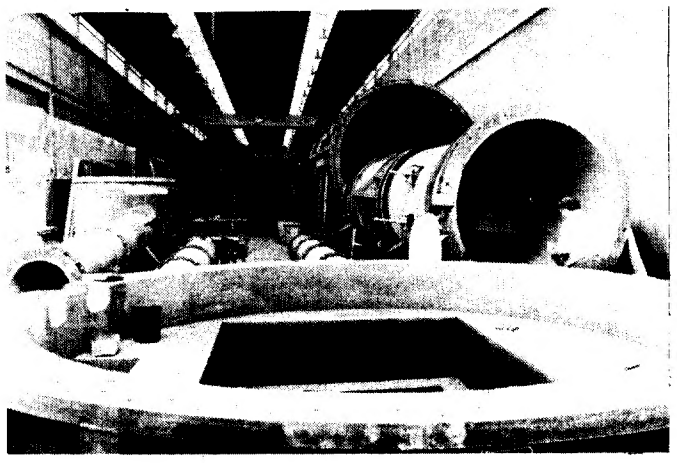
MÁRIO DE CARVALHO ESCREVE A JUIZ

Entretanto, no final da sessão, Gonçalves Pereira revelaria ter recebido no hotel em que se hospedou, em Roma, uma carta de Mário de Carvalho, a qual, em sua opinião, «não tem qualquer interesse para o processo, servindo quanto muito para uma leitura de férias». Gonçalves Pereira frisou no entanto que só tomaria uma decisão definitiva sobre o destino a dar à missiva depois de ela ser lida, e apreciada pelos diferentes membros daquele executivo.

Outro ponto: por solicitação do promotor de justiça irão ser de novo convocados a depor em tribunal. Adolfo Ayalan Pedro Ramos de Almeida e Henrique Cerqueira (indivíduo sobre quem recaem fortes suspeitas de haver colaborado com a PIDE). O julgamento prossegue amanhã, a partir das 15 horas.

MANUEL GERALDO





Em greve desde 1 de Agosto, a Corame é um dos casos pendentes no sector metalúrgico

Metalúrgicos recebidos no Ministério do Trabalho

Problemas laborais dos sectores metalúrgico e mineiro foram ontem abordados durante uma audiência concedida pelo secretário de Estado do Trabalho ao Secretariado da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal.

«De uma forma geral, o ministério mostrou estar interessado na resolução dos vários problemas», revela um comunicado da Federação. «No entanto, teremos de aguardar a sua actuação concreta, para melhor podermos ajuizar da sua vontade expressa nesta reunião», acrescenta a Federação, que assinala o contraste entre a «abertura dialogante» deste ministério e o «comportamento autoritário» do anterior.

A representação sindical teve oportunidade de expor alguns casos de contratação, que a preocupam muito particularmente. Sectores em causa: a Indústria Extractiva (embora estejam a decorrer as negociações, a actuação patronal suscita «algumas apreensões»), a Ourivesaria do Norte, a Metalurgia e Metalomecânica (revisão para breve), o Fabrico, Montagem, Reparação e Comércio Automóvel (em negociações) e diversas portarias de extensão.

O ministério foi também alertado para a situação laboral em diversas empresas, com destaque especial para a Corame, a MDF, a Moali, a Sorefame, a Molaflex, os Cabos d'Ávila e a Galuchos, entre outras. A Federação manifestou ainda a necessidade de uma actuação pronta e eficaz por parte da Inspecção do Trabalho, organismo que, segundo foi adiantado pelo secretário de Estado, se encontra em fase de remodelação.

Represálias no Altis

A administração do Hotel Altis tem estado a adoptar medidas de represália contra os trabalhadores que aderiram à greve do passado dia 19, segundo informa o Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

De acordo com a mesma fonte, estão a registar-se transferências abusivas de trabalhadores, ameaças de processos disciplinares a delegados e activistas sindicais, etc. Deste modo, tenta-se «criar um ambiente de terror entre os trabalhadores, no sentido do coarctar a sua capacidade de luta», e, ainda, «privilegiar os trabalhadores que não aderiram à greve em prejuízo dos que a fizeram». Naturalmente, essas actuações são ilegais e merecerão a «resposta adequada» por parte do pessoal do Altis– acrescenta o mesmo sindicato, cuja direcção faz um apelo à serenidade, firmeza e unidade.

De notar que o «patrão» deste hotel preside à direcção da associação patronal (centro e sul), cujo comportamento esteve, em grande parte, na origem da recente greve do sector.

Patrões dos têxteis do Norte despedem, devem e reprimem

Os trabalhadores dos têxteis do Norte continuam, em diversas empresas do sector, a lutar contra os despedimentos e a repressão patronais que, desde há algum tempo, se fazem sentir com grande intensidade.

Esses processos de luta permitem, frequentemente, o averbamento de vitórias que constituem um incentivo à sua continuação. Foi o que aconteceu na Jacinto, uma desintervencionada pelo Governo de Mota Pinto, onde foram arquivados 71 processos disciplinares com vista ao despedimento de outros tantos trabalhadores.

Na mesma empresa foi possível levar a administração a ceder na renovação de contratos a prazo de 15 trabalhadores, o que até agora vinha sendo recusado.

Mas, a luta continua na Jacinto, uma vez que a entidade patronal insiste no regresso de dois elementos da sua confiança e que, em contraposição, são contestados pelos trabalhadores. O facto será discutido em plenário a realizar na próxima sexta-feira.

Por seu turno, os trabalhadores da Beta prosseguem a sua luta contra o despedimento ilegal de uma trabalhadora. Por esse motivo foi iniciada no dia 3 uma paralisação progressiva que agora já atingiu as sete horas diárias.

Apesar disso, o patrão continua a recusar o diálogo com os representantes dos trabalhadores o que, a avaliar porium comunicado dos representantes sindicais respectivos, merece a viva repulsa tanto dos trabalhadores como do pessoal de outras empresas e da população local que lhes têm manifestado o seu apoio.

Por outro lado, nas zonas de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim, a repressão patronal tornou-se um emblema da reacção. É o que acontece na Valfar, onde a situação de desemprego atinge já muitos milhares de pessoas, uma vez que apenas continuam em laboraçâg cerca de 120 operários.

Para já aguarda-se a decisão do Tribunal da Relação do Porto relativamente às tentativas que a multinacional Winner tem desenvolvido para impedir a normal laboração da Valfar, que administra.

Entretanto, a situação vivida por aquela empresa tem sido aproveitada pelo patronato do sector têxtil daquela zona no sentido de insistir na repressão sobre os trabalhadores.

Por exemplo, na Têxtil do Mindelo, têm sido recusados os retroactivos devidos aos trabalhadores em consequência da aplicação da Portaria para o sector.

Também na Povolã são devidos os retroactivos respeitantes à aplicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho, bem como os subsídios de férias e os salários referentes ao mês de Agosto.

Ainda o SIMA: esclarecimento do sr. Neves

A questão das «dissidências no Sima» que foi levantada no nosso jornal e mereceu um «esclarecimento» de dois seus dirigentes, motiva agora uma tomada de posição de um elemento focado nesse texto.

Trata-se do sr. Neves, da Cometna, onde é operário e delegado sindical. Afirma, relativamente à parte em que é focado: «Não valeria a pena responder a este comunicado, «pura mentira do princípio ao fim», se não fosse a intenção divisionista do sr. José Simões ao conotar-me politicamente com o PCP e dizendo que foi o camarada António Mira que lhe disse. Eu compreendo, também Salazar o dizia aos trabalhadores para poder reinar».

E acrescenta, a determinado passo da sua resposta: «Colega José Simões, o Neves, delegado sindical da Cometna, não esconde a verdade aos trabalhadores nem nunca abanará a cabeça como os burros...».

Direcção unitária nos Hidratos de Carbono

Foram ontem eleitos os primeiros corpos gerentes do Sinidcato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul.

Concorria apenas uma lista, de características unitárias, que obteve votos favoráveis de cerca de 38 por cento dos associados inscritos nos cadernos eleitorais.

Os resultados são provisórias, faltando apurar cerca de 130 votos por correspondência, além dos que foram depositados em três mesas de voto. Segundo fonte sindical, eles traduzem uma afluência razoável, devido a factores como a dispersão das unidades fabris, o período de férias, e a ausência de outras listas.

Este sindicato resultou da fusão, recente, dos Sindicatos da Doçaria, da Panificação e da Refinação de Açúcar da Zona Sul.

Instalações da Preh ocupadas em resposta ao "lock-out"

Os trabalhadores da Fábrica de Componentes Electrónicos Preh, no Porto, ocupam desde ontem as instalações da empresa, em resposta ao «lock-out» da gerência.

É objectivo dos trabalhadores impedir que da empresa sejam retirados quaisquer materiais ou máquinas. A direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte afirma que a gerência (Comissão Liquidatária) da Preh «retirou já, neste fim-de-semana, todas as encomendas e cabeças de máquinas, instrumentos indispensáveis à laboração».

Segundo a mesma fonte a empresa comunicou também ao pessoal não haver mais trabalho, recomendando-lhe que abandonasse as instalações.

O sindicato classifica de «lock-out» esta situação e relaciona-a com o facto de «o Governo ter verificado insuficiência de elementos no processo de despedimento colectivo dos 200 trabalhadores».

Por outro lado, o Governo decretou em 23 de Agosto a «dilação dos prazos por mais de um mês, o que permitia a laboraçõ normal da empresa» durante esse peíodo.

Multinacional com sede na República Federal Alemã, a Preh dispõe de outra fábrica em Trofa, onde se realizará amanhã um plenário de solidariedade.

Segundo aquele sindicato, a situação criada pela gerência «é de puro desafio às autoridades do País e à legalidade, visando o facto consumado, o confronto e a instabilidade».

PLENÁRIO DA CGTP-IN CONVOCATÓRIA

CGTP INTERSINDICAL

NOS TERMOS DOS ARTIGOS 33.º, n.º 2 b) E 34.º N.º 1 DOS ESTATUTOS CONVOCA-SE O PLENÁRIO DA CGTP-IN PARA REUNIR EXTRAORDINARIAMENTE NO DIA 13 DE OUTUBRO DE 1979, PELAS 10H00 EM LISBOA, NA SEDE DA SOCIEDADE VOZ DO OPERÁRIO — RUA VOZ DO OPERÁRIO, COM A SEGUINTE

ORDEM DE TRABALHOS:

1. CONGRESSO DA CGTP-IN
a) DELIBERAR SOBRE A PROPOSTA DO SECRETARIADO NACIONAL RELATIVA À DATA DE REALIZAÇÃO DO CONGRESSO
b) DECIDIR SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO CONGRESSO DOS SINDICATOS NÃO FILIADOS (ARTIGO 20.º N.º 4)
c) ELEGER A COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO (ARTIGO 25.º N.º 1)
d) RATIFICAR A ORDEM DE TRABALHOS DO CONGRESSO, APROVADA PELO SECRETARIADO NACIONAL (ARTIGO 26.º N.º 1)
e) APROVAR O REGULAMENTO DO CONGRESSO (ARTIGO N.º 19.º)
2. SITUAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL

NOTA: O PLENÁRIO É ABERTO À PARTICIPAÇÃO DOS SINDICATOS NÃO FILIADOS.

LISBOA, 24-9-79

O SECRETÁRIO NACIONAL DA CGTP-IN

SEMANA DO MÓVEL PROFISSIONAL
"Mobiliário de Escritório Longra"
AS GALERIAS PERSA — BEJA, APRESENTAM
– Novas Soluções para o seu Escritório
– Os mais adequados Modelos para Salas de Reunião e instalações Sociais e de Convívio
– O Design, o Conforto e a Qualidade ao seu Serviço
Visite a nossa Exposição em Beja a partir de 24 de Setembro das 9 às 22 Horas
galerias persa
Faro — R. Aboim Ascensão, 29 ★ R. Baptista Lopes, 2 — Tel. 22374
Olhão — E. N. 125 Belmonte
Beja — R. Engº Aires da Fonseca, 6 — Tel. 24121
Portimão — Largo D. João II, 16

EM 1977

Produção de mobiliário cresceu 79,7 por cento

O valor bruto da produção do sector de Fabricação de Mobiliário de Madeira e Operações Conexas foi, em 1977 no continente, de 3 879 282 mil escudos – segundo as Estatísticas Industriais do INE.

Este valor significa, a preços correntes, um aumento de 79,7% relativamente a 1976.

A taxa média anual de crescimento no sector durante o quinquénio 1973-77 foi de 25,7%.

O número de estabelecimentos em actividade em Dezembro de 1977 era de 797, mais 25 que no mesmo mês de 1976.

O distrito de maior concentração de estabelecimentos fabris é o do Porto, com 495 (62,1%), seguido de Lisboa com 95 (19,2%), Braga 38 (4,8%), Aveiro 34 (4,3%) e Santarém 23 (2,9%).

O sector tinha ao seu serviço 15 940 pessoas das quais 8798 no distrito do Porto (55,2%), 2676 no de Lisboa (16,8%), Aveiro 878 (5,5%), no de Braga 856 (5,3%), e 751 no de Leiria (4,7%).

Dos 797 estabelecimentos em actividade, no ano de 1977, 721 (90,5%) tinham menos de 50 trabalhadores e 268 (33,6%), empregavam entre 1 e quatro trabalhadores. Registe-se ainda que neste escalão de dimensão, 181 estabelecimentos se situavam no distrito do Porto.

Quanto à formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), atingiu 362 903 mil escudos, mais 30% que em 1976, e a variação de existências aumentou de 238 888 mil escudos em 1976 para 413 761 mil escudos em 1977.

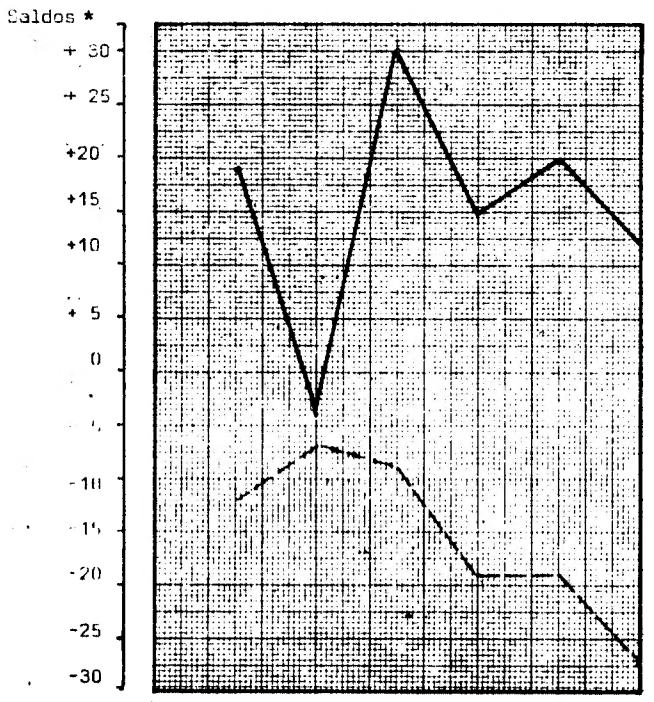
O montante das importações portuguesas de mobiliário de madeira tido pouco peso no conjunto das importações totais, pois de 1973 a 1977, apenas representou 0,025%, sendo os principais países fornecedores o Reino Unido, a Itália, República Federal da Alemanha e a França.

No mesmo período as exportações representavam 0,042% do total e em 1976 e 1977, respectivamente 57 e 53% das exportações eram constituídas por mobiliário de estilo.

Os principais clientes são os Estados Unidos, a França, a Guiné-Bissau, o Luxemburgo, o Malawi e Angola.

A taxa de cobertura das importações pelas exportações em 1977 cifrou-se em 23,8%.

Indústria eléctrica e electrónica: "quebra" no 2.º trimestre



O gráfico mostra-nos a evolução da procura no sector de «Máquinas e Aparelhos» ao longo do segundo trimestre deste ano

No segundo trimestre do corrente ano foi visível o recuo do nível da actividade da indústria eléctrica e electrónica – afirma o boletim mensal da «Associação Nacional de Industriais de Material Electrónico e Electrónico.

Com efeito, os ramos de actividade em que houve diminuição da facturação representam 37 por cento do sector (contra 20 por cento no primeiro trimestre). Por outro lado, reduziu-se a percentagem daqueles em que se registou acréscimo de facturação, que passou a ser de 21 por cento (contra 32 por cento, nos três primeiros meses do ano).

Em termos mais concretos o boletim revela que se mantém a conjuntura alta nos bens de equipamentos eléctricos (com excepção de fios e cabos), permanece estacionária a actividade nos bens intermédios e de equipamentos electrónicos e de telecomunicações e se registou uma quebra acentuada na procura de material eléctrico e electrónico «grande público».

A ANIMEE considera que não são igualmente favoráveis as perspectivas a curto prazo, dada a descida verificada na carteira de encomendas. De salientar que se reduziu de 24 para 22 por cento a percentagem das empresas com «boa» carteira de encomendas.

RELATÓRIO DO BANCO MUNDIAL AFIRMA

A economia portuguesa ultrapassou em 1978 o seu "ponto crítico"

A economia portuguesa ultrapassou em 1978 o seu ponto crítico – afirma o relatório do Banco Mundial ao analisar a situação económica de alguns países, como a Roménia, a Jugoslávia e Portugal.

Estes três países, segundo o relatório, experimentaram nos princípios da década de 70 uma rápida expansão económica baseada em elevadas taxas de crescimento das exportações

E todos eles depararam – nota o documento – com graves problemas na sua balança de pagamentos por causa «das mudanças nas perspectivas económicas mundiais» ocorridas em 1974.

A resultante comum foi a necessidade de efectuar uma reestruturação económica, o que «os três países conseguiram em 1978 de forma diversa», com a Roménia, por exemplo, incapaz de manter o ritmo de desenvolvimento económico conseguido em 1977.

Portugal, de acordo com o relatório, beneficiou em 1978 de três empréstimos do Banco Mundial no valor de 143, milhões de dólares (7078,5 milhões de escudos), destinados a três projectos distintos.

Um empréstimo no valor de 45 milhões de dólares destinado a financiar pequenas e médias empresas com o fim de criar emprego e aumentar as exportações e a criar parques industriais assim como à elaboração de um plano de investimentos para o sector textil.

Outro, no valor de 58 milhões de dólares (2.871 milhões de escudos) para a substituição de algumas fábricas de adubos e a um estudo sobre a sua utilização, para tentar conseguir uma melhor utilização por parte da agricultura dos fertilizantes artificiais.

O terceiro, no montante de 40 milhões de dólares teve por fim melhorar a situação das estradas e a concessão de bolsas de estudo a técnicos do sector.

O relatório do Banco Mundial contém também a informação comparando o peso da dívida externa e os seus juros, sobre a economia dos países em vias de desenvolvimento.

Os números publicados abrangem o período entre 1971 e 1977, e quanto a Portugal vê-se como relação entre as despesas da divida externa (juros e amortizações) e as receitas totais das exportações passou de 3,8 em 1971 para 5,3 por cento em 1977, depois de ter atingido um mínimo de 2,0 por cento em 1974.

Esta percentagem de 5,3 por cento aparece como relativamente pequena comparação com os 16,1 por cento de Israel, 30,3 por cento da do Peru os 22,8 por cento do Egipto ou os 18,4 por cento do Brasil.

Considerando o conjunto dos países mediterrânicos a que pertence Portugal, verificamos que o défice global das contas correntes da sua balança de pagamentos somou 11.760 milhões de dólares (582.120 milhões de escudos), mais 1.100 milhões de dólares do que em 1976.

Relacionado com o financiamento deste défice, a dívida pública deste país atingia, em 1977, 25.022 milhões de dólares, o que corresponde a um crescimento de 16 por cento em relação a 1976.

Em relação à divida pública externa Portugal – ainda segundo o Banco Mundial – figurava em 1977 apenas com 1.455 milhões de dólares (72.0225 milhões de escudos), um número relativamente modesto em comparação por exemplo com os 19.220 milhões de dólares do Brasil ou os 14.531 milhões da Índia.

Viabilizadas 19 empresas em Maio e Junho

Em Maio e Junho foram concluídos contratos de viabilização entre a banca e 19 empresas privadas – informa o boletim do Banco de Fomento Nacional.

Entre essas empresas encontram-se a Feruni, de Trofa, um dos maiores exportadores portugueses do sector metalomecânico, e a Lusotur, do sector turístico.

As demais empresas distribuem-se por diversos sectores, entre os quais o têxtil e o vestuário.

Os contratos de viabilização foram criados em Abril de 1977 e destinam-se a ser celebrados entre a banca e empresas com viabilidade económica, mas com dívidas e encargos financeiros muito elevados em relação à banca.

Em contrapartida de condições de amortização mais favoráveis, as empresas comprometem-se a atingir um certo número de objectivos económicos e financeiros.

Em certas condições os contratos podem também ser realizados por empresas não-viáveis mas de «grande relevância económico-social no plano nacional», recebendo nesse caso ajuda governamental.

ANO LECTIVO 1979/80

EXTERNATO BONFIM

R. dos Fanqueiros, 136 Tel. 874391

Instrução Primária Ciclo Preparatório, geral e complementar
Aulas Diurnas e Nocturnas

Abertas as inscrições

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 136/79

«FORNECIMENTO DE 4 VIATURAS AUTO-PRONTO-SOCORROS PARA O BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS DE LISBOA»

Faz-se saber que o concurso em epígrafe, cuja realização estava marcada para as 15 horas do dia 19 de Setembro de 1979, foi adiado para as 15 horas do dia 1 de Outubro de 1979.

O processo de concurso continua patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, no Batalhão de Sapadores Bombeiros, Av. D. Carlos I e na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Av. 24 de Julho, 171, onde as propostas deverão ser entregues até às 17.30 horas do dia 28/9/79.

Paços do Concelho de Lisboa, em 14 de Setembro de 1979

O Presidente da Câmara Municipal

Aquilino Ribeiro Machado

O ULTIMO FILME DE

LAURENCE OLIVIER

O que dois apaixonados conseguem contra todos os impossiveis

um Pequeno Romance

6.ª-FEIRA ESTREIA cine estúdio erminal

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

ACTIVIDADES CULTURAIS E DESPORTIVAS

9.º ANIVERSÁRIO DA CGTP-IN

PROGRAMA DAS INICIATIVAS

1 — CONVÍVIO DESPORTIVO INFANTIL
(Andebol, Futebol, Atletismo, Voleibol, Basquetebol e Tiro com Arco)
— A realizar dia 30/9, a partir das 9,30 horas, nos terrenos anexos à Torre de Belém, no qual podem participar crianças de ambos os sexos com idade entre os 4 e 12 anos, sendo as inscrições feitas no local.

2 — NATAÇÃO — PROVA DE MAR
— A realizar dia 30/9 às 10.30 horas entre a Junqueira e Belém (concentração às 9,30 horas, junto à Doca do Bom Sucesso), podendo participar trabalhadores, estudantes e nadadores não federados de ambos os sexos, com idade superior a 12 anos.
— As inscrições para esta prova terminam dia 27/9, e devem ser feitas nos Sindicatos e na União dos Sindicatos de Lisboa.

3 — CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA
— A realizar dia 7/10 a partir das 9 horas na Vala de Marcães (concentração às 6,30 horas junto da Estalagem do Gado Bravo — Estrada do Cabo — Lezíria de Vila Franca de Xira), no qual podem participar todos os trabalhadores interessados.
— As inscrições para este concurso, devem ser feitas até ao dia 4/10.

4 — CICLO «O CINEMA, O TRABALHO, OS SINDICATOS»
— A realizar nos dias 1, 2, 3 e 4 de Outubro, no Palácio Foz (Restauradores), cujo programa é o seguinte:
. Dia 1/10 às 21 horas — «F.I.S.T.», de Norman Jewison
. Dia 2/10 às 21 horas — «O Sal da Terra», de Biberman
. Dia 3/10 às 21 horas — «Delito de Amor», de Luigi Comencini
. Dia 4/10 às 21 horas — «Tudo Vai Bem», de Jean-Luc Godard
— A projecção dos filmes, será seguida de debate.

Departamento de Tempos Livres da
União dos Sindicatos de Lisboa

EM OUTUBRO SERÃO 150

Português, professor, cooperante em Bissau

É duro ser português, professor e trabalhar como cooperante em Bissau durante um ano lectivo? Como são recebidos os cooperantes que todos os anos, no Outono, aqui chegam às dezenas para dar aulas no liceu e nas escolas primárias? Depois de um ano de trabalho, sentirão os professores que terá valido a pena o esforço de cooperação, em condições de clima inóspitas para a maioria e de carências materiais, por vezes agudas?

Estas são algumas das perguntas que provavelmente se oferecem aos jovens professores que, por esta altura, se encaminham para o Gabinete Coordenador da Cooperação e para a Embaixada da Guiné-Bissau, em Lisboa, a saber das condições em que poderão trabalhar, no próximo ano lectivo, no país de Amílcar Cabral.

Foram também perguntas que o «DL» colocou a alguns dos professores que recentemente concluíram mais uma missão de cooperação, a quinta, nesta cidade e neste país banhados pelo inigualável sol de África. Nas respostas explícitas, nalgumas críticas implícitas e nas intenções declaradas de colaborar, até na hora da partida, com as autoridades deste novo país, se contém muito do que é e significa ser português, professor e trabalhar como cooperante em Bissau.

Ouvimos quatro cooperantes: Violeta Mendes Barranco, que trabalhou na principal escola primária da Guiné-Bissau, durante cinco anos seguidos – tantos quantos houve já de cooperação portuguesa; Rui Manuel de Sousa, professor de Geografia; Álvaro Henriques, de Matemática e Manuela Neves, que pertenceu ao grupo dos professores de Português, elementos-chave para a sobrevivência da língua e da cultura do nosso País na que foi durante cinco séculos colónia lusa.

Escolhemo-los em função de critérios políticos – uns com posição mais conservadora perante a vida, dispostos a aceitar facilmente o que está, outros mais inconformistas e quiçá inquietos quanto à lentidão das transformações sociais em curso nesta terra e no mundo; também em função do tempo de permanência – uns com maior antiguidade de cooperação, outros que chegaram num ano e partiram ao fim dele para não regressarem, pelo menos no imediato; finalmente, em função do lugar de alojamento, que tem certa importância para a definição das atitudes assumidas ao longo do ano – dois deles viveram a sua vida em Bissau na antiga messe da marinha (hoje Hotel Pidjiguiti, de casas térreas e ambiente familiar); um passou os seus 10 meses de cooperação na «colmeia» do Hotel Ancar e, outro, sentiu com maior premência a pressão das dificuldades materiais numa residência de professores ainda agora conhecida como «Lar Feminino», não obstante lá viverem rapazes e raparigas e até famílias inteiras, com os respectivos descendentes, miúdos e graúdos.

Posto isto, deixemo-los com as respostas às perguntas precisas do «Diário de Lisboa», colocadas a todos por igual. Apenas uma ressalva: Álvaro Henriques, engenheiro electrotécnico de profissão, está em vias de regressar a Bissau, mas agora para trabalhar como cooperante técnico no centro de telecomunicações dos CTT.

Que Ensino? Que Cooperação?

«Diário de Lisboa»: Na hora do regresso a Portugal, que comentários se lhe oferecem ao vosso trabalho em geral e à aceitação encontrada na Educação, em Bissau?

Violeta Barranco – Eu vim há cinco anos com o meu marido e encontrámos muitas dificuldades, como era de esperar. Elas têm sido superadas, lentamente, não obstante algumas ainda continuarem, mais esbatidas. A carência de material didáctico é um dos obstáculos principais ao bom resultado do trabalho. No geral, considerámos boa a nossa permanência na Guiné-Bissau. Encontrámos bastante apoio ao longo destes anos e pode dizer-se que de ano para ano se verificou uma melhoria bastante grande. Reconheço que tanto o Comissariado da Educação como a Direcção do Ensino Primário têm feito esforços para melhorar o ensino.»

«Olhando as crianças com quem trabalhei estes anos todos sinto nelas, hoje, à vontade completamente diferente. Nota-se outra abertura para a vida e para o mundo. As crianças são menos acanhadas. Um problema que entretanto se levantou foi o terem acabado com a pré-primária que era muito útil, especialmente pela aprendizagem do Português, antes de entrarem na escola primária. Agora as crianças chegam à escola com oito anos e até então só têm falado a língua materna. Ora todo o ensino é dado em português o que levanta problemas.»

Rui Manuel de Sousa – «Eu vim com uma certa esperança de encontrar uma situação diferente da que vivia em Portugal. E, realmente, encontrei-a, confirmando algumas ideias que já tinha por informação de colegas. A primeira coisa que eu vi foi que a presença de Portugal, ao fim de cinco séculos, foi muito reduzida. Fui colocado num liceu onde os alunos, praticamente, não falam português o que constitui uma dificuldade muito grande. Os professores são portugueses, falam português para alunos que, na sua grande maioria, têm grande dificuldade em falar português. Os problemas agudizam-se no ensino de qualquer ciência pois o crioulo é uma língua pouco rigorosa e não se adapta ao ensino das ciências puras.»

«Existe uma certa indefinição por parte do Comissariado em saber o que realmente se pretende do Liceu. Uma expressão que eu ouvi no princípio do ano é que o Liceu é um corpo morto que está a decompor-se para se refazer de novo. Só que, de momento, ainda é um corpo morto. Para mim, as questões fundamentais que se colocam são as seguintes:

Ontem, o ar livre no mato e as escolas na mira dos bombardeiros: hoje o calor das salas de aula em Bissau. Ainda e sempre um mundo de problemas para cuja solução Portugal está a contribuir através da cooperação e da centena e meia de professores que preparam mais uma missão na Guiné

– Necessidade de definição exacta do que se pretende com o ensino do Liceu;

– A situação dos alunos que praticamente não falam português quando entram para o Liceu, são ensinados em português e têm de mostrar aquilo que valem em português;

– A deficiência do próprio Liceu, com inexistência de estruturas de apoio ao trabalho dos alunos (a biblioteca do Liceu está fechada há dois anos e a biblioteca nacional praticamente não existe) e inexistência de salas de estudo.

Álvaro Henriques – «Por mim, parece-me de acentuar algumas ideias que fui definindo com o decorrer do meu trabalho. E aí coloco mesmo uma pergunta de base que é a de saber se o ensino praticado actualmente na Guiné-Bissau é o que mais interessa para a formação dos quadros de que precisa e para o desenvolvimento geral do País.»

«A minha resposta é não, porque o ensino é dado plagiando os sistemas clássicos. A meu ver o Liceu estaria bem durante o curso geral em que são ministrados os conhecimentos para a formação de base. Mas o ensino que me parece essencial na Guiné-Bissau seria o ensino técnico-profissional. Ora esse ensino técnico-profissional não existe quando o país precisa urgentemente de carpinteiros, sapateiros, mecânicos, operários especializados na construção civil, bons dactilógrafos, etc. Este ensino é absolutamente necessário e não há uma política apropriada, para a satisfação das necessidades em quadros especializados para as indústrias e os departamentos governamentais.»

Manuela Neves – «Eu vou referir apenas dois aspectos que me parecem mais importantes: o problema da língua e da formação de professores.»

«Quanto ao Português, nos meses que estive aqui notei que existe divórcio total entre a língua do Liceu e a língua da realidade, que é o crioulo.

Português ou crioulo: uma questão latente

«Esses problemas existirão enquanto não for definida uma política linguística cujas bases estão lançadas, mas só as bases, que apontam para a sistematização do crioulo e sua utilização como língua do futuro. Enquanto isso não acontecer, terá de ensinar-se em português. Um remédio transitório para esta situação seria, por exemplo, um ano só de aprendizagem do português falado, mesmo antes de passar à escrita. Talvez esse ano se situasse bem antes da primária.»

outro problema muito importante é o da formação de professores e o papel que os cooperantes poderiam ter para o resolver. Penso que neste momento nós, os professores cooperantes com mais experiência no ensino, poderíamos ser mais úteis a enquadrar os professores do ciclo que são, eles também, alunos do curso complementar.»

«Dadas as carências de quadros, os cooperantes não podem ser só utilizados como professores no Curso Geral e no Curso Complementar que é quando os alunos vêm já com uma série de vícios adquiridos por uma forma de ensino completamente deficiente. Além disso, a Guiné-Bissau tem de pensar em formar, a partir dos actuais alunos que completam o complementar, os quadros médios, não só voltados para a técnica, mas também voltados para o ensino que não pode estar à espera só de licenciados. Um curso de dois, três anos, bastaria para lhes dar os meios para trabalhar.»

«Não é o paraíso, mas esperava pior»

«Diário de Lisboa» – A nível pessoal e humano sentiram dificuldades de integração? O facto de serem portugueses, do país do colonizador, criou-lhes algum problema? E as carências de ordem material são ultrapassáveis?

Álvaro Henriques – «Quando se vai cooperar para os países africanos de expressão portuguesa, há dois motivos para a escolha: ou porque em Portugal não se arranjou emprego, ou porque desejam ajudar estes países a arrancar para o desenvolvimento.»

«Ao fazerem a opção, as pessoas já sabem que não vão para o paraíso. Mas chega-se aqui e vê-se que a vida em Bissau não é nada a vida da África que nós imaginávamos. Pode mesmo dizer-se que é uma cidade à europeia, com as comodidades mínimas: há cafés e hotel, casas e avenidas, banheiro e electricidade. E é ao verificar isso que começam as reivindicações pessoais. Já se sabe: se temos o mínimo desejamos sempre algo mais. É próprio do homem essa procura de melhor. Mas temos de pôr os olhos no enquadramento geral e não perder de vista a realidade, não pensar apenas nas particularidades dos cooperantes.»

«Por mim, aquilo que me foi propiciado satisfez-me minimamente. Não tenho razões de queixa.»

Rui Manuel de Sousa – «Quando decidi vir para Bissau, tive de vencer uma série de resistências de pessoas amigas, devido à propaganda perniciosa que se faz dos países africanos de expressão portuguesa. Eu vinha à espera de bastante pior.»

«Passaram ainda só cinco anos sobre a independência e a verdade é que em relação à população em geral não tenho nenhumas razões de queixa. Antes pelo contrário. As pessoas ao dirigirem-se à Guiné têm de esperar uns certos sacrifícios. O que talvez se pudesse esperar de melhor era uma gestão mais correcta das possibilidades de alojamento. Isso evitava, por exemplo, que uma pessoa sozinha estivesse a ocupar uma casa inteira e que um casal com oito filhos estivesse a viver em dois quartos. Mas para isso, a gestão tinha de ser mais vasta, abranger todos os cooperantes e não só os da Educação, para distribuir entre eles os lugares que há.»

Segurança absoluta nas noites e nos dias

Violeta Barranco – «Disse o general Ramalho Eanes, quando aqui veio, que cada cooperante era um embaixador. Há pessoas que, por vezes, esquecem isso e não se comportam bem.»

«Por mim não tive problemas de maior. Às vezes há estas faltas de água e electricidade e certas carências de géneros alimentícios; mas parece-me que se Bissau não tivesse esses problemas já não era Bissau. Se tivesse tudo era sinal de que o país não precisava de nós e a gente não estava aqui.»

«Este ano já não devemos voltar, mas apenas por razões familiares em Portugal. Gostaríamos de ficar mais um ano, que seria o sexto, mas não é possível.»

«As instalações? Não são as melhores mas são as que há num país que não é rico. Se a Guiné-Bissau não nos dá instalações melhores é porque não pode. Tem até certas atenções para connosco que não sei se serão bem merecidas. Disso estamos gratos.»

«Outras pessoas haverá que não digam isto: mas talvez não venham para aqui com o espírito de sacrifício e entreajuda que deve presidir à cooperação. De resto, nós não temos tido problemas de maior.»

«Há carências, como todos sabem, pois é um país jovem, que tomou a sua independência há pouco tempo, aqui mais ainda porque tomou a independência depois de uma longa guerrra. No primeiro ano foi bastante difícil pois as pessoas olhavam-nos com uma certa indiferença e até com desconfiança porque a guerra tinha terminado há pouco e o rescaldo estava ainda muito quente. Depois as pessoas começaram a confiar em nós e a partir daí não temos tido dificuldades de espécie alguma.»

«O clima é duro mas nós passámos muito bem. Tanto eu como o meu marido demo-nos cá muito bem. O ambiente é bom. No fim do ano as colegas da minha escola convidaram-me para um jantar no Grande Hotel e uma delas pediu para fazer um discurso e foi só de agradecimento e para dizer que tinham gostado de trabalhar comigo.»

«Também não quero deixar de destacar a segurança absoluta que se sente em Bissau, de dia e de noite, sejamos estrangeiros ou não. A intoxicação da opinião pública em Portugal não pode desmentir este facto.»

Daniel Reis

EXTERNATO BOCAGE
PROPEDÊUTICO
– DIURNO-NOCTURNO
R. Francisco Pereira de Sousa 22 (Frente ao n.º 325 da Estrada de Benfica)
Tels. 784024-782464

CRÍTICA UNANIME AO GABINETE DA COOPERAÇÃO PORTUGUESA:

"Contratados, despachados e cada um que se amanhe"

«Às vezes penso que o Gabinete Coordenador da Cooperação está interessado em sabotar a cooperação», disse-nos um dos professores ouvidos acerca da quinta missão portuguesa no ensino que terminou recentemente na Guiné-Bissau. O mesmo professor acrescentou que, se Portugal quer manter a sua presença cultural na Guiné «tem de fazer grandes esforços nesse sentido ou então é rapidamente ultrapassado pela cooperação de outros países».

Se há alguma questão em que é possível reunir a unanimidade dos professores cooperantes, pelo menos daqueles que o «DL» ouviu, é em torno do papel passivo (alguns chamam-lhe mesmo «extremamente negativo») desempenhado pelo Gabinete Coordenador. E no momento em que se prepara a sua elevação a Direcção-Geral, enquadrada na orgânica do Ministério dos Negócios Estrangeiros, parece-nos útil aprofundar um pouco mais esta questão. Tanto mais que estão indigitados para os cargos de maior responsabilidade diplomatas que já trabalharam em Luanda e Bissau em contacto directo com os cooperantes e os seus problemas.

«Cooperantes de outros países têm bons alojamentos em Bissau, geralmente construídos ou arrendados pelos seus próprios Governos. Outros têm médico e uma estrutura organizada para lhes trazer alimentos dos seus países que não haja à venda em Bissau», disse a este respeito a professora Manuela Neves.

«Sabemos que em Portugal há dificuldades e que não temos as possibilidades de outros países», acrescenta. «Mas alguma coisa pode ser feita. Nós não temos qualquer apoio da Cooperação ou da Embaixada: somos contratados, despachados a correr e depois acabou-se, cada um que se governe».

Rui de Sousa, um dos professores ouvidos pelo «DL» citou o facto de lhe terem telefonado cerca do meio-dia para a Figueira da Foz, onde trabalhava, dizendo-lhe que devia assinar o contrato em Lisboa, nessa tarde, para apanhar o avião da noite para Bissau.

Violeta Barranco analisou a questão com algum pormenor, baseada nos cinco anos de experiência de trabalho em Bissau:

«Da parte de Portugal tem havido uma falha muito grande na cooperação. Primeiro, não há um critério rigoroso para a escolha dos cooperantes. Depois, chegados ao destino, a coisa piora. Eu penso que seria atribuição da Embaixada ver como os cooperantes se comportam e aqueles que não interessam não deviam voltar outra vez. Estamos, por assim dizer, a pôr em jogo o nome de Portugal.»

«As pessoas vêm, são aqui despejadas – é o termo – e ninguém se importa mais com elas. Notamos até um certo acanhamento do Comissariado da Educação em rejeitar alguns cooperantes exactamente para evitar aborrecimentos. Outra coisa que não incentiva a cooperação é o facto de os cooperantes ficarem aqui um, dois ou três anos e depois regressarem a Portugal e não terem emprego garantido. Isso não agrada nada. O caso é mais grave para a gente nova, que vem logo depois de concluídos os seus cursos. Cumprem o seu período de contrato, regressam e não têm emprego. Por isso há muitas mudanças todos os anos, cada ano a maioria é de estreantes, o que é mau para todos. Isto tudo por falta de incentivos e de garantias no regresso a Portugal.»

É ponto assente, resultante das conversas com os cooperantes, que a Embaixada tem de dar um apoio mais sistemático ao trabalho dos professores. Também há a convicção de que, culturalmente, Portugal só tinha a ganhar se a Embaixada tomasse iniciativas para aproximar os estudantes guineenses, na sua generalidade, do Centro Cultural português a funcionar há meia dúzia de meses em Bissau.

Numa ocasião chegou a vir aqui o director do Gabinete para a Cooperação, dr. Matos Parreira (em vias de ser nomeado para uma embaixada no Norte da Europa) que se reuniu com os professores cooperantes, ouviu as suas queixas e elaborou um rol das questões a resolver. Dizem-nos agora que das questões tratadas nenhuma foi entretanto ultrapassada.

Falaram-nos de dois casos concretos. O primeiro relaciona-se com os professores efectivos que não terão garantias suficientes de que o seu lugar não vá, entretanto, a concurso. O segundo é o 13.º mês a que têm direito os professores ligados ao MEIC. Segundo nos disseram, e até ao fim do ano lectivo transacto, a respectiva liquidação ainda não tinha sido regularizada.

São todas estas questões (e outros de pormenor que não se justifica serem tratadas em órgão de Informação não especializado) que forjaram a unanimidade dos cooperantes na censura à passividade do Gabinete Coordenador da Cooperação. Um caso mais a ver pelo Governo actual que parece animado de intenções de dinamizar e aprofundar a cooperação com os países africanos de expressão portuguesa. E isto sem perder de vista a certeza de que, para a cooperação funcionar eficazmente, os seus principais agentes são os cooperantes e não os burocratas dos gabinetes em Lisboa.

D.R.

PELA VOZ DE MONDLANE, EM CABO DELGADO

Frelimo proclamou há 15 anos a insurreição geral armada

Faz hoje 15 anos que a Frelimo proclamou solenemente a «insurreição geral armada do povo moçambicano contra o colonialismo português, para a conquista da independência total e completa de Moçambique».

Em Cabo Delgado, e pela voz do seu primeiro presidente, Eduardo Chivambu Mondlane – mais tarde assassinado traiçoeiramente pela PIDE – a Frelimo declarou em 25 de Setembro de 1964:

«Moçambicanos e moçambicanas: a reveloçuão moçambicana, obra do povo moçambicano, insere-se no quadro geral da luta dos povos de África e do mundo pela vitória dos ideais da liberdade e da justiça.»

A luta armada que nós anunciados hoje, tendo por objectivo a destruição do coloanislimo português e do imperialismo, permitirnos-á instaurar no nosso país uma nova ordem social popular. Assim, o povo moçambicano dará grande contribuição histórica para a libertação total do nosso continente, para o progresso da África e do mundo.

Moçambicanos e moçambicanas: neste momento grave e decisivo da história do nosso país, em que unanimemente nos comprometemos a enfrentar o colonialismo português, a Frelimo cumprirá o seu dever.

Reforcemos continuadamente a nossa unidade, a união de todos os moçambicanos da Rovuma ao Maputo, sem qualquer discriminação. Consolidemos cada vez mais a nossa organização, estejamos sempre de maneira organizada.

Por toda a parte, em cada lugar, a Frelimo estará presente e pronta a conduzir a luta.

Sejamos firmes, decididos e implacáveis frente ao colonialismo português.

Sejamos firmes, decididos e implacáveis, frente aos lacaios do colonialismo português, frente a todos os agentes da PIDE e a todos os traidopres do nosso povo e da nossa Pátria.»

Quinze anos são passados sobre estas palavras de Eduardo Mondlane. Cumpre aqui recordá-las, e lembrar que o 25 de Setembro é hoje, no Moçambique independente, o dia da Revolução e das Forças Populares de Libertação.

DEZ ANOS DEPOIS

Dez anos depois da proclamação da insurreição geral armada – 25 de Setembro de 74– estava já a Frelimo no poder, com Joaquim Chissano a chefiar o governo de transição.

Nesse dia, todo o Moçambique, do Rovuma ao Maputo, pôde ouvir, pela primeira vez em Liberdade, a voz do presidente Samora Machel, festejando a data histórica.

Em mensagem diriga ao povo moçambicano, na qual historiou grande parte da vida da Frelimo, disse nomeadamente Samora Machel:

«A proclamação da luta armada parecia à primeira vista como uma aventura. Com efeito, face a um exército colonial forte, de 40 mil homens dispondo de todos os tipos de armamento, a Frelimo só podia opor duas centenas e meia de militantes, escassa e pobremente armados. Mas a nossa fraqueza era apenas aparente. Na realidade, a Frelimo dispunha da força decisiva: as massas unidas por uma linha correcta, convicção sobre a justeza da nossa causa e a inevitabilidade da vitória do nosso combate.»

«E nesse dia – faz hoje cinco anos – Samorta Machel afirmou ainda:

«O progresso de Moçambique não resultará de nenhum milagre, mas sim do esforço de cada um de nós. Liquidar a fome, a nudez, a falta de habitação, eliminar o analfabetismo, as doenças endémicas, acabar com o desemprego, liquidar a prostituição e a delinquência, são objectivos possíveis no imediato com os meios de que já dispomos.»

É nessa luta – contra a herança deixada pelo colonial-fascismo português – que Moçambique de hoje se encontra empenhado. Uma luta da qual sairá inevitavelmente vitorioso. É apenas uma questão de tempo, que «a luta continua» e «a vitória é certa».

Desfile militar no Maputo

Para festejar o 15.º aniversário da insurreição armada, realiza-se hoje no Maputo o primeiro desfile militar na República Popular de Moçambique.

Este ano os festejos do 25 de Setembro – dia das Forças Populares de Libertação – começaram há algumas semenas e envolvem, para além das forças militares e de segurança, de organizações de massas e trabalhadores, estrangeiros que em Moçambique representam países amigos.

Em Maputo estão presentes delegações militares da Tanzânia, Uganda, Hungria, Coreia do Norte e Cabo Verde, vindas para assistirem ao desfile militar na capital. As comemorações oficiais foram inauguradas no Estádio da Machava, nos arredores do Maputo, no passado dia 22, com um festival cultural e desportivo.

Hoje será ainda, pela primeira vez, içada a bandeira da organização da Mulher Moçambicana (OMM) na sede e delegações provinciais deste órgão. A bandeira foi entregue à OMM durante a IV Reunião do Comité Central de Frelimo.

Ainda no âmbito dos festejos de 25 de Setembro será posta em circulação uma emissão de um selo de cinco escudos alusivo ao «XV Aniversário do início da luta armada». O desenho, impresso em «offset», é de Fortunato Amaral.

© — Livros do Brasil/College Trustees

ele terá uma de duas atitudes: ou negará ou então entragá-la-á a todos os jornais da cidade. E se perguntar para o gabinete do sheriff eles mandá-lo-ão para o delegado.

— Não se preocupe com isso, sr. Marlowe. Nós temos os nossos processos. E quanto às condições?

— Já as disse.

— Ah, o senhor não quer que lhe paguemos?

— Não com dinheiro.

— Você lá sabe o que faz. Pode passar-me novamente o Morgan?

Eu passei o telefone ao Morgan.

Trocaram algumas palavras e ele desligou.

— Concorda — disse-me. — Eu vou levar a fotocópia e ele vai verificar-lhe a autenticidade. E fará o que você lhe disse.

Dei-lhe a fotocópia.

— Importa-se que lhe diga que acho que você está a portar-se como um idiota?

— Eu concordo consigo.

— Está a tempo de mudar de ideias.

— Não pense nisso. Lembra-se daquela noite em que você me trouxe a casa? Você disse-me que eu tinha de me despedir de um amigo. Nunca cheguei efectivamente a despedir-me. Mas se você publicar essa fotocópia acabou-se. Isto já dura há muito, muito tempo.

— Faça-se a sua vontade, amigo. Mas continuo a achar que você é um idiota. Quer que lhe diga porquê?

— Diga lá.

— Eu sei mais a seu respeito do que você pensa: são funções do jornalismo. Fazemos sempre muitas coisas das quais nos não podemos usar, e fica-se cínico. Se esta confissão chegar a ser publicada no *Journal* vai aparece muita gente furiosa: o delegado, o oficial de inquirição, os tipos que trabalham com o sheriff, e um cidadão influente e muito poderoso chamado Potter e mais dois malandros chamados Menendez e Starr. Não me espanta que você acabe num hospital ou na cadeia.

290

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

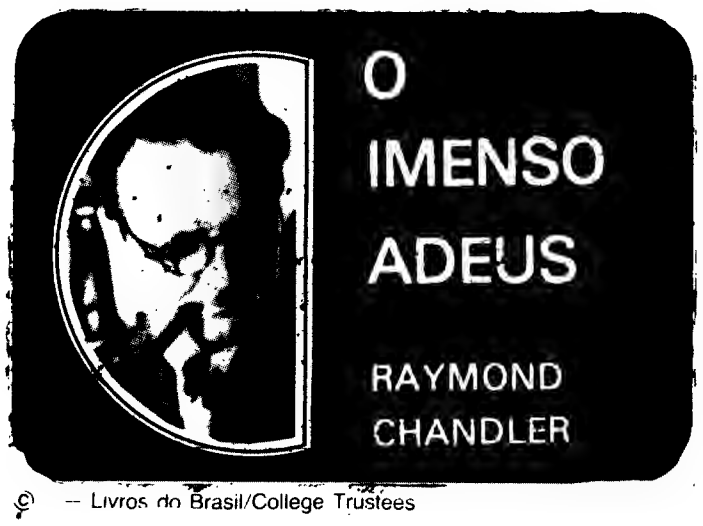
PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno	~~18 000$00~~	11 950$00
Quarto casal moderno	~~21 000$00~~	12 950$00
Quarto criança moderno (desde)	~~15 000$00~~	8 500$00
Jogos de maples (desde)	~~7 000$00~~	4 500$00
Quartos Século XVII — Mogno	~~29 000$00~~	20 950$00
Salas Século XVII — Mogno	~~38 000$00~~	30 500$00
Mesas de refeição tampo vidro	~~8 000$00~~	4 950$00
Cadeiras cromadas	~~2 200$00~~	1 580$00
Estante c/ cristaleira	~~18 500$00~~	12 850$00

MUITAS MAIS MOBILÍAS E MAPLES

A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.

R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMAD
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca d
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - OD.



© — Livros do Brasil/College Trustees

—Tenho a impressão que não.

—Pois eu tenho a impressão que sim. O delegado vai ficar furioso por vir a descoberto que o caso Lennox tinha sido abafado. Além de que, se ele tem efectivamente o original desta fotocópia, vai querer saber quem o atraiçoou no gabinete do sheriff.

—Mas você não precisa de publicar o selo de identificação.

—E não publicaremos. Nós somos amigos do sheriff, achamos que o tipo é honesto. Não lhe deitamos as culpas de tipos como o Menendez continuarem à solta. Ninguém consegue impedir a batota enquanto for considerada legal em algumas regiões e parcialmente legal noutras. Você roubou isto no gabinete do sheriff. Só resta que me diga como o conseguiu. Quer dizer-me?

—Nã, não quero.

—Está bem. O oficial de inquirição vai ficar furioso pelo facto de se ter enganado quanto ao suicídio do Wade. E o delegado também teve as suas culpas. O Harlan Potter ficará furioso porque se vai novamente tocar numa coisa que lhe deu muito trabalho a abafar. O Menendez e o Starr vão ficar furiosos por razões de que não estou certo. Mas sei que você foi avisado de que não metesse mais o nariz no caso Lennox. E quando esses tipos estão furiosos com alguém essa pessoa acaba mal. Pode acontecer-lhe o mesmo que ao Big Willie Magoon.

—Pode acontecer que o Magoon estivesse a ficar velho para o género de trabalho que fazia.

—Acha que sim? Aqueles tipos têm que ser coerentes. Se chegam ao ponto de dizer a um tipo que não os chateie mais o tipo não tem outra solução. Porque se continuar a chateá-los e eles não fizerem nada em resposta, o público pensa que não têm a força que apregoam. Os tipos que estão à frente desses negócios não querem gente fraca: é-lhes perigosa. Você continua a não mudar de ideias?—disse-me por fim, enquanto me estendia a fotocópia.

291

ÁSIA

IRÃO

Greve no petróleo em defesa do director

Funcionários da sede da Companhia Nacional Iraniana do Petróleo (NIOC) entraram ontem em greve para protestar contra as tentativas de membros do clero governante para demitir o presidente da companhia, Hassan Nazih.

Nazih, que julga que peritos estrangeiros podem ter um papel a desempenhar na direcção das jazidas sul do país, informou a Reuter da greve e acrescentou que também ele se manteria afastado do escritório até ser solucionada a disputa com o clero. Disse que pedira a colegas para continuarem a trabalhar normalmente.

Entretanto, dezoito rebeldes curdos foram mortos num ataque a um posto fronteiriço da Polícia na província oeste de Kermanshah.

Por outro lado, cinco pessoas, entre as quais uma mulher e o seu filho, foram mortas em Mahabad (Azerbaidjão Ocidental) na passada quinta-feira em incidentes que provocaram a dissolução do Conselho Revolucionário da cidade.

INGERÊNCIA NO BAHREIN

O «ayatollah» Sadegh Rouhani aceitou chefiar o «movimento revolucionário» em Bahrein e apelou à população deste emirado a derrubar o xeque Issa Ben Salman El Khalifa se este se recusar a submeter-se aos princípios islâmicos.

O «ayatollah» Rouhani precisou à «AFP» que guiaria a revolução no Bahrein a partir do Irão «no plano puramente islâmico e não político» e isto a pedido de súbditos do Bahrein.

Comparando a situação actual no emirado à que prevalecia no Irão antes da revolução, afirmou que a população do Bahrein-Chiita a 85 por cento, já não queria o soberano – sunita – e disse que este teria a mesma sorte que o ex-xá do Irão se recusasse seguir a via do Islão.

«O povo do Bahrein quer a instauração duma república islâmica copiada do modelo iraniano», acrescentou o «ayatollah» Rouhani, sublinhando que os bahreinianos pegarão em armas contra o seu soberano se este persistir na sua política actual.

"Eleições" locais no Paquistão

Os paquistaneses votam hoje em três das quatro províncias do país, pela primeira vez desde que os militares assumiram o poder num golpe dirigido contra o presidente Ali Bhutto pelo actual ditador Zia Ul-Haq. O escrutínio realiza-se em Sind, Punjab e na província do Noroeste. Amanhã realiza-se no Baluchistão.

Estas eleicões destinam-se a escolher os órgãos do poder local, e têm a particularidade de não contar com a participação dos partidos políticos, proíbidos de concorrer a esta consulta.

Entretanto, o ditador anunciou que as eleições gerais marcadas para Novembro próximo se realizarão se houver garantias de que «o regime islâmico não será posto em causa».

AMÉRICA

Encontro Vance-Gromyko

Os Estados Unidos e a União Soviética iniciaram um esforço de alto nível para resolverem a sua disputa sobre a presença de tropas soviéticas em Cuba, mas havia sinais hoje de que as negociações poderiam ser adiadas.

O secretário de Estado americano, Cyrus Vance, conferenciou durante 75 minutos, ontem, com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, na missão soviética das Nações Unidas, no primeiro encontro sobre a questão a nível de ministros dos Estrangeiros.

Ambos os funcionários disseram que informariam os respectivos presidentes e voltariam a encontrar-se na quinta-feira.

Dois mil presos políticos libertados na Indonésia

O governo da Indonésia libertou 2.000 presos políticos, retidos há 12 anos, sem julgamento, numa prisão remota.

Os prisioneiros, da Colonia Penal da Ilha Buru, no Leste da Indonésia, eram suspeitos de envolvimento numa tentativa de golpe de estado de esquerda, em 1965.

O governo prometeu libertar um total de 8.154 presos políticos, até ao fim deste ano.

O major-general Abdul Aziz, da Agência de Segurança Nacional, disse que 470 membros do Partido Comunista Indonésio (PKI), presos após a tentativa de golpe de estado, serão julgados por traição e rebelião armada.

Durante a intentona, foram raptados e assassinados seis generais do Exército.

Negociações sino-soviéticas começam hoje em Moscovo

Começam em Moscovo as conversações sino-soviéticas tendentes à normalização das relações entre a URSS e a China.

Segundo os observadores – e apesar das declarações encorajadoras do chefe da delegação chinesa, ao chegar a Moscovo – as conversações apresentam-se como muito difíceis e de longo fôlego.

Trata-se, para Pequim e Moscovo, de tornar sãs as relações entre os dois Estados (não se põe sequer o problema das relações de partido para partido). Ora tal tarefa assemelha-se bastante a uma aposta, já que quase todos os problemas de âmbito mundial – Sudeste Asiático, Afeganistão, desanuviamento, relações com os Estados Unidos, Médio Oriente e África – constituem motivos de confronto entre os dois países.

Anunciando que a China «esperava sinceramente que as negociações possibilitassem uma melhoria real das relações entre os dois países» e que Pequim faria «todo o possivel» para isso, o chefe da delegação chinesa, Wang Yu Pin, exaltou a «profunda amizade dos povos chinês e soviético».

Há muito que se não ouvia semelhante linguagem, apesar de serem tradicionais as proclamações de amizade ao «povo soviético», cuidadosamente distinguido dos dirigentes soviéticos. Mas este optimismo oficial contrasta com as opiniões mais cépticas manifestadas particularmente pelos meios diplomáticos chineses.

Congeladores	15 000$00
Fogões altos, 4 bicos, com vidro	5 000$00
Frigoríficos	8 000$00
Televisores 51	7 500$00
Esquentadores 5 L	3 000$00
Esquentadores 10 L	5 000$00
Máquinas de lavar Roupa	16 000$00
Armários c/banho	800$00

Av. Duque de Loulé 77 Loja 10. LISBOA

ADM. UNIVERSIDADE

MAIORES DE 25 ANOS — EXAMES «AD HOC»
NOVOS CURSOS A INICIAR EM OUTUBRO

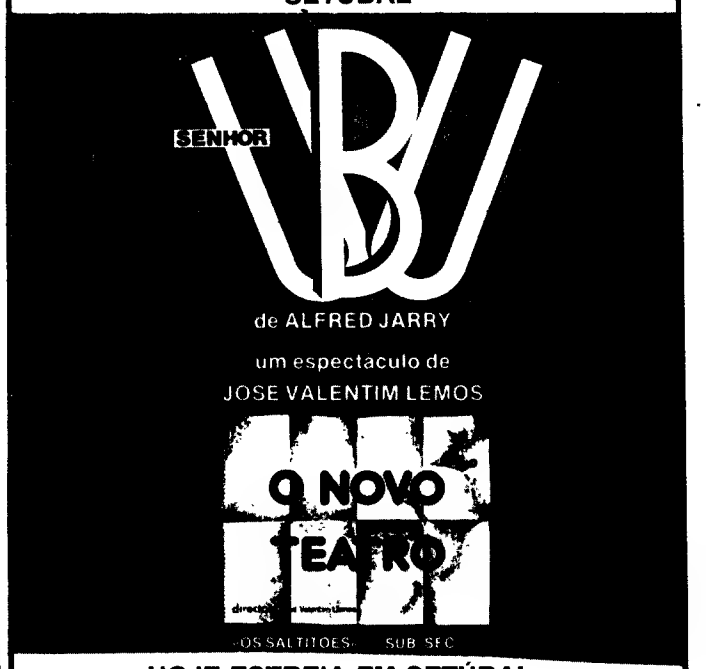
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL

MODERNO CENTRO DE ENSINO

Rua Morais Soares, 93 — (ao Chile)
Telefones: 83 46 58 — 83 14 16 — 82 02 21

DE 3.ª a 6.ª FEIRA, ÀS 21.30
SÁBADOS, ÀS 18 e ÀS 22 HORAS
DOMINGOS, SÓ ÀS 16 HORAS
Esp. não acons. men. 16 horas
SUBSÍDIO DA S.E.C.

ESTREIA NA DESCENTRALIZAÇÃO
SETÚBAL



HOJE ESTREIA EM SETÚBAL
Espectáculos amanhã, quinta e sexta às 21.30 no Museu da Cidade
Desde 1976 – um plano de trabalho continuado com as autarquias locais
UM PROJECTO DESCENTRALIZADOR

MÉDIO ORIENTE

ALERTA NA SÍRIA

Israel derruba "caças" sírios

A Síria pôs em alerta o seu sistema de defesa aérea e algumas forças mecanizadas terrestres, após a última batalha aérea com Israel, sobre o Sul do Líbano, anunciaram fontes diplomáticas árabes em Beirute.

A batalha sobre a cidade costeira de Damur foi considerada muito graves por diplomatas árabes, enquanto o Departamento norte-americano de Estado a descrevia como «um perigoso acontecimento».

Um comunicado oficial sírio dizia que a Síria tinha perdido quatro aviões e abatido dois caças israelitas. Israel negou ter perdido qualquer aparelho.

Contudo, correspondentes ocidentais inspeccionando os destroços de um aparelho que se esmagou num pinhal, perto de Aramun, a sul de Damasco, informaram que muitos fragmentos tinham marcas de palavras em inglês, do tipo usado nos aviões de fabrico americano fornecidos a Israel.

Foi a segunda batalha aérea entre a Síria e Israel, desde 27 de Junho, data em que os dois países tiveram o seu primeiro embate aéreo desde há mais de cinco anos.

O comunicado sírio dizia que os MIG-21 tinham entrado em acção para interceptar aviões israelitas que atacavam alvos civis e acampamentos de refugiados, perto de Damur.

Israel disse que os seus aviões efectuavam uma missão de reconhecimento.

Diplomatas de Beirute notaram que tanto a batalha de ontem como a de Junho se deram numa altura de problemas internos na Síria.

A Síria tem sido abalada por uma série de assassínios e actos de violência, dirigidos contra membros da seita minoritária muçulmana Alauita, cujo mais proeminente representante é o presidente Hafez Al-Assad.

Entretanto, altos comandos militares de Telavive anunciaram que Israel manterá voos de reconhecimento sobre o Sul do Líbano, após a última batalha aérea, em que foram abatidos quatro caças sírios.

Disseram que o reconhecimento aéreo e outras formas de vigilância eram essenciais, tendo em vista as actividades guerrilheiras da Organização de Libertação da Palestina (OLP) contra Israel.

NOVA RESTRIÇÃO NO SINAI

O Egipto retoma hoje o controlo de uma terceira área da península do Sinai, de acordo com o tratado de paz assinado, em 26 de Março, em Washington, com Israel.

A bandeira egípcia será desfraldada sobre Abu Darba, no litoral do golfo do Suez, numa cerimónia militar para assinalar a retirada de Israel de uma região de 7000 quilómetros quadrados, habitada por cerca de 2800 beduínos.

A área fica perto dos campos petrolíferos de Abu Rudies e Alma, que Israel abandonará no fim deste ano.

Israel retirou da El-Arish, capital do Norte do Sinai, em 25 de Maio e dois meses mais tarde devolveu ao Egipto uma zona de 6000 quilómetros quadrados, junto ao golfo do Suez.

Segundo o tratado de paz, o Egipto deverá recuperar dois terços do Sinai até ao fim do ano e toda a península, ocupada por Israel durante a guerra do Médio Oriente de 1967, no prazo de três anos.

A cerimónia de hoje tem lugar na véspera de uma outra série de duras negociações entre o Egipto e Israel, com a participação dos Estados Unidos, sobre a autonomia dos palestinianos da margem ocidental do Jordão e da Faixa de Gaza.

● A JORDÂNIA DECIDIU no domingo estabelecer relações diplomáticas com Cuba a nível de embaixador – segundo foi anunciado em Amã.

● REPRESENTANTES DA ORGANIZAÇÃO de Libertação da Palestina (OLP) e personalidades israelitas encontraram-se em Roma, 2.ª-feira, pela primeira vez publicamente, por ocasião dum colóquio internacional sobre os direitos dos palestinianos.

AFRICA

Bokassa antropófago

Bokassa é antropófgago? Esta é a pergunta que se faz em Bangui, depois da descoberta de quatro cadáveres mutilados conservados nos frigoríficos de uma das residências do deposto imperador.

Estes cadáveres, um dos quais foi enterrado à pressa e os restantes seguiram para a morgue, foram encontrados na «Villa Kolongo» situada à saída de Bangui, na estrada de Beringo.

Segundo a agência France Presse em telegrama datado de Bangui, os centro-africanos interrogados sobre este caso são unânimes: estes cadáveres, amputados das pernas e dos braços, com as entranhas abertas, destinavam-se ao consumo pessoal do ex-ditador.

Os factos, dizem as testemunhas, eram conhecidos de toda a gente deste país. Mas só o terror da perspectiva de acabar os seus dias na prisão tristemente célebre de Ngaragba, ou muito simplesmente no congelador do imperador, obrigavam a população a calar-se.

Bangui vai restabelecer relações com Pretória

O novo presidente centro-africano, David Dacko, declarou esta noite que estava disposto a estabelecer relações diplomáticas com a África do Sul.

Numa conferência de Imprensa, Dacko disse que o imperador Bokassa deposto tinha forjado relações privadas com os sul-africanos e acrescentou que tencionava oficializá-las, independentemente do que os outros países africanos possam dizer.

Durante a conferência de Imprensa, o presidente Dacko desmentiu as notícias transmitidas pela rádio centro-africana, segundo as quais teria condenado à morte o ex-imperador na sua ausência.

Dacko aproveitou a sua conferência de Imprensa para apresentar aos jornalistas o seu novo primeiro-ministro, Christian Bernard Ayando, que foi seu ministro das Finanças em 1965. Nessa época Dacko era presidente antes de ser derrubado por um golpe de Estado de Bokassa, então chefe do exército, em 1966.

Entretanto, ao mesmo tempo que o novo presidente divulgava os seus projectos em relação à África do Sul, o ministro francês da Cooperação, Galley, reconheceu em declarações contraditórias à rádio Monte Carlo «a ajuda francesa à acção dos opositores de Bokassa».

Também a propósito da intervenção francesa e no sentido das acusações de neocolonialismo relativas às intenções deste país no caso da República Centro Africana, o Chade apresentou um protesto à França por usar o seu território como base para o envio de tropas para a República Centro Africana após o derrube de Bokassa.

EUROPA

ITÁLIA

Preso presumível implicado no caso Moro

A Polícia de Roma feriu e capturou ontem um dos mais procurados guerrilheiros urbanos italianos, Propero Gallinari, membro fundador das «Brigadas Vermelhas» e suposto cérebro do sequestro e assassinato do antigo primeiro-ministro Aldo Moro, anunciou um porta-voz oficial.

O guerrilheiro foi capturado quando uma carrinha da Polícia o encontrou, juntamente com outros três homens, a alterar a matrícula de um automóvel, em plena Via Apia.

Juntamente com Gallinari, que se encontra em perigo de vida por ter sido atingido por uma rajada de metralhadora, foi igualmente detida uma sua cúmplice identificada como Mara Nanni.

Considerado por magistrados como um dos chefes das Brigadas Vermelhas, Gallinari foi condenado à revelia, em 1978, a dez anos de cadeia por acusações de pertencer a essa organização clandestina de guerrilha urbana.

Gallinari foi identificado por diversas testemunhas como o motorista do carro que participou no rapto de Moro, em Roma, em Março de 1978.

Entretanto no Sul de Itália um juiz que fazia parte de uma Comissão Parlamentar anti-Mafia e o seu guarda-costas foram mortos ao princípio do dia de hoje numa rua de Palermo.

O assassínio do juiz Cesare Terranova, antigo membro do Partido Comunista e deputado ao Parlamento, segue-se ao do director da Fiat, Carlo Ghiglieno, em Turim, na sexta-feira.

A Polícia ignora por enquanto se a morte teve motivação política.

Vaga de greves

Três milhões e 200 mil funcionários italianos observaram ontem quatro horas de greve para protestarem contra as condições materiais em que exercem as suas funções. Os sindicatos ameaçam o Governo com manifestações de rua se as negociações não conduzirem a qualquer resultado. Os ferroviários e os bombeiros não aderiram ao movimento de greve, mas vão paralisar durante vinte e quatro horas nos próximos dias.

Em Inglaterra entraram ontem em greve um milhão e 750.000 operários das indústrias mecânicas.

Trata-se da última de uma série de paralisações de dois dias com origem em reivindicações de carácter salarial e outras relativas aos horários de trabalho.

Também na Bélgica, dois mil e seiscentos operários da «Phillips» começaram ontem de manhã uma greve na fábrica de Hasselt para protestarem contra o despedimento de 540 operários, previsto até ao fim de 1981.

Foram montados piquetes de greve à entrada da fábrica, segundo anunciou uma fonte sindical.

Finalmente na Holanda começou também ontem uma greve na refinaria da «Shell» em Roterdão-Pernis, uma das maiores do mundo, por ordem do maior sindicato holandês, o FNV (socialista católico), que pede melhorias nas condições laborais.

● A QUESTÃO DE GIBRALTAR foi tratada na segunda-feira durante um encontro entre o secretário britânico do Foreigh Office, lorde Carrington, e o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Oreja Aguirre, à margem dos trabalhos da Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova Iorque, indica-se de fonte diplomática britânica.

● OS DIRIGENTES DOS TRÊS PARTIDOS SUECOS não socialistas iniciaram ontem conversações sobre a formação de novo Governo – anunciou um porta-voz do gabinete.

● A «AMNISTIA INTERNACIONAL» desencadeou ontem na Holanda uma campanha destinada a chamar a atenção da opinião pública internacional para a «violação de Direitos Humanos na República Democrática Alemã».

● DUZENTOS TÉCNICOS REPRESENTANDO 19 PAÍSES pertencentes á ONU participam na Conferência sobre a Poluição Costeira da Região Mediterrânica, que principiou na 2.ª-feira em Palma de Maiorca.

Patinadores soviéticos pedem asilo na Suiça

Um casal soviético, antigos campeões olímpicos e campeões do Mundo de patinagem artística, Oleg Protopopov e Ludmilla Belousava pediram asilo à Suíça, país onde se encontram desde há dias no âmbito de uma digressão pela Europa, segundo se soube hoje em Berna.

O seu pedido está a ser examinado pelo Departamento Federal da Justiça e da Polícia helvética (Ministério do Interior).

Oleg Protopopov e Ludmilla Belousava foram campeões do Mundo de pares durante quatro anos seguidos, de 1965 a 1968, e campeões olímpicos em 1964 e 1968.

DEFESA EM QUESTÃO

Polémica no Parlamento Europeu

O novo Parlamento europeu, eleito por sufrágio directo, debate hoje a polémica questão da cooperação entre países da CEE no capítulo do armamento.

A despeito de oposição vigorosa, a agenda para a primeira sessão plenária de trabalho, desde a eleição de Junho, inclui uma alínea sobre cooperação na Comunidade Económica Europeia quanto à fabricação de armas, considerada por alguns como estando fora do âmbito da CEE.

Uma maioria de deputados decidiu ontem manter a alínea na agenda, após enérgica oposição de comunistas e gaulistas franceses, receosos de que qualquer passo para integração militar poderia fazer voltar a França ao sistema de defesa atlântico com as conhecidas consequências no domínio da soberania e da independência nacional.

Georges Marchais participará hoje pela primeira vez, desde a sua eleição em Junho, nos trabalhos da Assembleia.

Primeiro acordo importante na conferência sobre a Rodésia

Uma concessão inesperada feita pelos guerrilheiros da Frente Patriótica pode conduzir a um acordo sem precedentes sobre a Rodésia. Os guerrilheiros informaram ontem a Grã-Bretanha (que está a fazer conversações separadas com a FP e os representantes de Salisbúria no âmbito da Conferência de Londres, a decorrer há 15 dias, de acordo com o que ficou estabelecido na reunião da Commonwealth em Lusaka) de que aceitam a proposta britânica no sentido de a minoria de 230 mil brancos rodesianos dispor de 20 por cento dos lugares no Parlamento.

A aceitação pelos guerrilheiros significa que as três partes da conferência chegaram, pela primeira vez, a acordo sobre uma das questões mais espinhosas a tratar.

Contudo, delegados salientaram que as negociações têm de enfrentar ainda a questão igualmente difícil sobre quem terá o poder real durante e depois de uma transição para a independência legal e Governo de maioria.

Os guerrilheiros pretendem o controlo de metade dos lugares de um Conselho Governativo durante esse período e o começo da criação de um novo Exército do Zimbabwe.

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início 3-10-79
GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início 3-10-79
DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 325652 — R. do Arsenal, 100-1.º

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
RUA DE S. CAETANO, 30, 1200 - LISBOA
TEL. 601199/601099/601124
CURSOS DE RUSSO
Ano lectivo 79-80
Aulas: R.S. Caetano, 30
Voz Operário
Professores soviéticos
Laboratório línguas

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Amor Entre Mulheres" de Robert van Ackeren

FICHA:

Título original: Harlis
Realização: Robert van Ackeren (RFA)
Argumento: Robert van Ackeren, Yoy Markert, Iris Wagner
Fotografia: Dietrich Lohmann, Lothar Stickelbrucks
Música: Gustav Mahler
Interpretação: Mascha Rabben, Gabi Larifari, Ulli Lommel, Rolf Zacher, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Ocidente
Cinema: Quarteto- sala 2
Classificação: Interdito a menores de 18 anos

Que filme é este, exibido ha quatro anos em quase «clandestinidade» pecaminosa e agora reposto no espaço privilegiado do Quarteto? Que filme é este em que uma comissão de classificação de espectáculos viu cenas eventualmente chocantes e que carrega consigo um título português de olho arregalado ao **voyeur** macho de Lisboa (enquanto o título original – um nome de mulher, **Harlis** – é bem mais económico)? Que filme é este que desconcerta a plateia, provoca ruídos na sala, incomoda?

Se um projecto fosse possível de detectar por detrás das imagens, hipercarregadas de significados e interferências, deste filme, esse projecto seria o da radical demolição do mau-gosto e da vulgaridade. Convocando para o **écran** um quase catálogo geral das convenções e dos lugares comuns do cinema de cordel, sublinhando-os com traço grosso de uma ironia desmedida (onde uma banda sonora subtil e de rara precisão ocupa importante posição), Robert van Ackeren constrói um filme onde essas mesmas convenções rebentam pelas costuras, onde esses lugares-comuns se revelam tão evidentemente como tais que o espectador sente, a todo o tempo, a artificialidade balofa dos códigos vulgares, exasperados que são até às fronteiras do insuportável e, portanto, do riso.

Quando a moral burguesa se revela um espectáculo decadentista e viciado

Harlis não é mais nem menos que um **travesti** dos melodramas, das fotonovelas, da colecção azul. Como tal ele executa-se em pleno território **kitsch** naquilo que esse lugar tem de mais rico: o de constituir um espaço escancarado à voragem destruidora do nosso olhar.

A moral burguesa (estrutura ideológica subjacente ao melodrama) passa, assim, pela revelação cáustica dos seus cordéis, ritos, adereços, enquanto encenação de um espectáculo de felicidade e de amor que já não resiste um instante ao mínimo corte cirúrgico nos seus mecanismos ficcionais. Por sua vez aparentando aquilo que é (uma farsa decadentista e moribunda) nada mais lhe resta que um vago protesto ante a real subversão que o filme produz. É por isso que **Harlis** é um filme incómodo que nenhum de nós pode atravessar incólume.

Teatro Hoje ensaia Strindberg

Na sequência de «Porta Fechada» (Huis-Clos) de Jean-Paul Sartre e «Feliz Natal, Avozinha» de Gilbert Léautier, o Grupo Teatro Hoje está já a ensaiar o seu oitavo espectáculo, «Miss Julie» de August Strindberg, um dos nomes maiores da dramaturgia dos últimos cem anos.

Surgindo sob o signo do realismo e do naturalismo, a obra de Strindberg (1849-1912) representa igualmente, na sua extraordinária complexidade e riqueza, um ponto de ultrapassagem dessa mesma estética, o que, pela forte carga simbólica, pelo valor atribuído ao sonho como imagem privilegiada da verdade do real, pela apresentação de situações-limite em que os grandes conflitos individuais e sociais se radicalizam, a torna simultaneamente um monumento e uma das matrizes do teatro moderno, com influência assinalável em dramaturgos como Wedekind, O'Neill ou Sartre. Como disse este último: «Strindberg, nosso credor».

«Miss Julie» será apresentada em tradução de Helena Domingos, com encenação de Carlos Fernando, cenografia de Ana Malta Jotta e interpretação de Fernando Barreto, Maria Emília Correia e Vicente Galfo. A estreia está prevista para o final do próximo mês, no Teatro da Graça, onde o Grupo Teatro Hoje tem a sua sede.

HOJE EM LISBOA

Do inferno à vitória

«Cindo homens (um americano, um francês, um alemão e dois ingleses) e uma mulher, decidem reunir-se todos os anos no mesmo local e na mesma data, pouco tempo antes do rebentamento da Segunda Guerra Mundial.

Todos estão envolvidos dramaticamente nesta guerra. Após a Libertação de Paris só três irão ao encontro marcado». Este é o argumento (muito sintético...) de um filme que logo à noite vai ser estreado em Lisboa?

Que mais podemos adiantar?

– Realizado por Hank Milestone e tendo como principais intérpretes George Peppard, George Hamilton, Capucine, Horst Bucholtz e Jean Pierre Cassel, o seu título original é «From hell to victory» (em português «Do inferno à vitória»). Em primeiro plano, na gravura, George Hamilton.

PROFESSOR TROCA COLOCAÇÃO

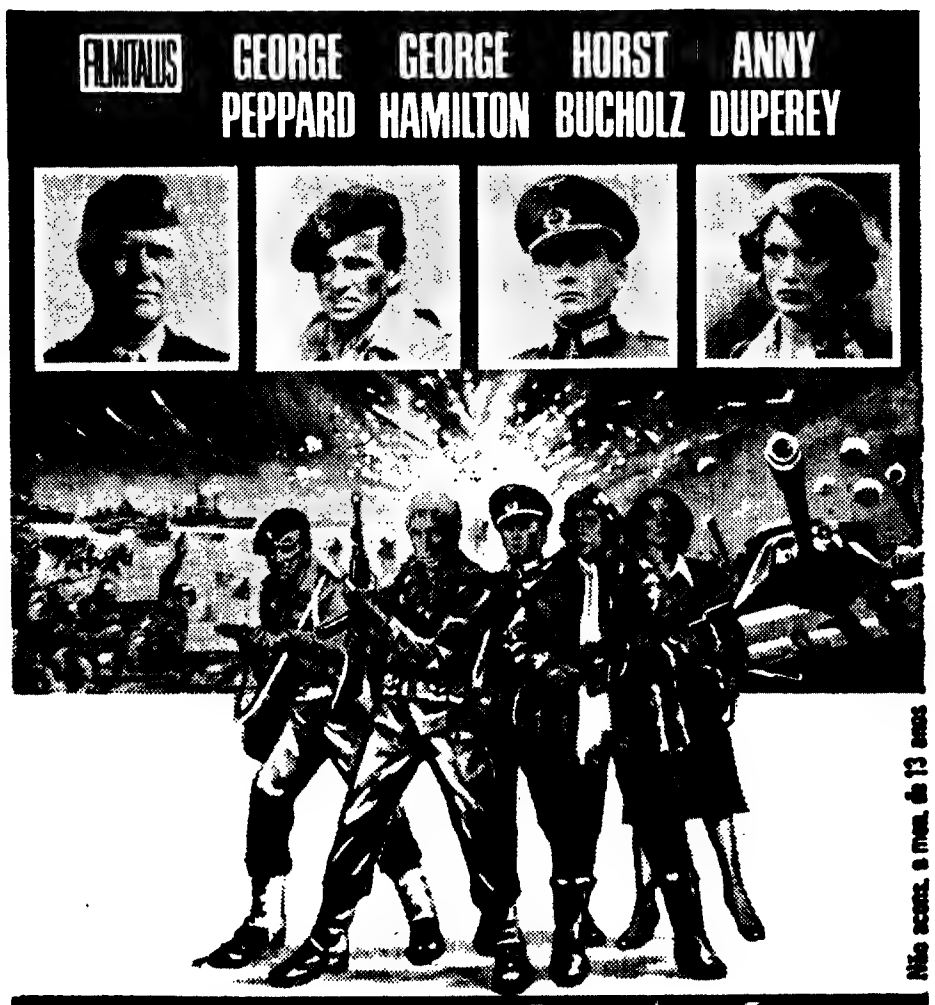
Efectivo do 4.º Grupo, colocado na Escola Preparatória de Lagos com horário completo, para zona de Lisboa. Resposta a R. Vasco Pires, 68 PORTIMÃO.

Caminhos de Ferro Portugueses

LINHA DA BEIRA ALTA

Previnem-se os Srs. Passageiros de que a partir do dia 30 de Setembro são suprimidas do comboio com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 8.50 horas, as carruagens directas para a Beira Alta. A partir da mesma data passará a efectuar-se um novo comboio directo para a Linha da Beira Alta, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 7.50 horas.

FILMITALIA GEORGE PEPPARD GEORGE HAMILTON HORST BUCHOLZ ANNY DUPEREY



Não aconselhável a menores de 13 anos

DO INFERNO À VITÓRIA

RAY LOVELOCK GEORGE CLAISSE
JEAN PIERRE CASSEL CAPUCINE SAM WANAMAKER
RIZ ORTOLANI HANK MILESTONE MAURIZIO AMATI

TECHNOVISION EASTMANCOLOR

HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA MONUMENTAL

VASCO MORGADO APRESENTA

uma comédia desconcertante...

Raul Solnado

A TOCAR, é que a gente se entende

cenários de Octávio Clérigo
encenação de Paulo Renato

com Henrique Viana, Rosa do Canto, Alina Vaz

TEATRO MONUMENTAL

SEXTA-FEIRA
ESTREIA ÀS 21.15 H

quarteto

4.ª SEMANA

EASTMANCOLOR
FILMES OCIDENTE

PRÉMIO ERNST LUBITSCH
GRANDE PRÉMIO DO MINISTÉRIO FEDERAL DO INTERIOR
PRÉMIO DO CLUBE DE CRÍTICOS CINEMATOGRÁFICOS

AMOR ENTRE MULHERES

(HARLIS)

MASCHA RABBEN · GABI LARIFARI

um filme de ROBERT VAN ACKEREN

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

Canal da Crítica

Falemos de crimes e falemos de esperança

MÁRIO CASTRIM

A Televisão Portuguesa mudcu o flanco do jogo, deve ser a isto que se chama «diversificação cultural». Temos as séries americanas, temos os folhetins ingleses e ontem foi dia de estreia de uma história italiana: **O Marselhês**.

Quando escrevi «diversificação cultural» repararam em qualquer coisa como uma ironia. Mais ou menos, sim. É que estou a lembrar-me do que aconteceu há tempos, segundo ouvi, como se costuma dizer, de fonte bem informada.

Em duas palavras: a Televisão soviética ofereceu à RTP uma série intitulada «Momentos de Uma Primavera», ou coisa parecida. Conheço o livro de onde foi retirada a obra: relata-nos as aventuras de um cidadão soviético em luta contra a Gestapo, aventuras baseadas em casos verídicos. Trata-se de uma série de qualidade excepcional, reconhecida em todos os países onde foi exibida. Foi grande o impacto público provocado pela série. O Parlamento de um país nórdico chegou ao ponto de adiar os debates, pois nenhum deputado queria perder o último episódio.

Como disse, Portugal não pagaria a série a peso de oiro, como o fizeram outros países: tratava-se de uma oferta, de uma prenda da Televisão soviética que deste modo significaria o seu apreço pelo intercâmbio cultural. Mais ainda: os episódios já vinham, até, legendados em Português! Era só carregar no botão e pôr no ar...

Pois bem: os episódios acabaram por não ser transmitidos. A razão, ignoro-a. Mas enfim,s, pois nenhum deputado queria perder o último episódio.

Como disse, Portugal não pagaria a série a peso de oiro, como o fizeram outros países: tratava-se de uma oferta, de uma prenda da Televisão soviética que deste modo sigtnificaria o seu apreço pelo intercâmbio cultural. Mais ainda: os episódios já vinham, até, legendados-a. Mas enfim, mais vale tarde do que nunca, não é Soares Louro? E agora, ao que parece, navegamos em maré de diversificação. Boa altura para avançar com os não sei quantos «Momentos de Uma Primavera». Tanto mais que não existe, na série, qualquer propaganda política que pudesse ferir susceptibilidades requentadas. A menos que a denúncia do nazismo já esteja no **index**...

Ontem, a «prima puntata» do **Marselhês** transportou-nos para o grande mundo do «negócio» dos interesses, do crime organizado. As operações de contrabando envolvem muitos biliões de liras. Mesmo em liras, é muita massa.

Não posso ajuizar da evolução das puntatas. Mas uma ainda que ligeira análise do primeiro episódio mostra-nos a diferença entre estas aventuras policiais e outras nossas conhecidas de origem americana.

Nestas, os criminosos como que habitam em compartimentos estanques, segregados da sociedade, que nunca aparece relacionada com a própria existência do crime. O mesmo não acontece no primeiro episódio do «Marselhês». Os profissionais do crime e da corrupção estão marcados pela sua génese de violência, o próprio **Marselhês** fez a guerra de Argélia, matar é a sua profissão. Repare-se no carinho com que cuida das suas armas...

Os pequenos criminosos vêm da miséria e do desespero. «Ainda bem que vocês chegam» – diz ao chefão a mulher de um contratado para a descarga do contrabando – «há quinze dias que o meu marido não ganha um tostão.» São também desempregados, esmagados pela tensão e pelo ódio cultivado como flor de estufa, os guarda-costas da patroa que vão carregar com bastões e correntes de bicicleta os sindicalistas e os operários mais conscientes da fábrica.

O Marselhês mostra-nos que nada está separado, que o crime, a corrupção, a violência não coexistem com a sociedade, antes estão inseridos nela e derivam dela. Pelo que daqui me atrevo a convidar os leitores a assistir às próximas «puntatas» do **Marselhês**. Na certeza de que vão encontrar muitas figuras nossas conhecidas...

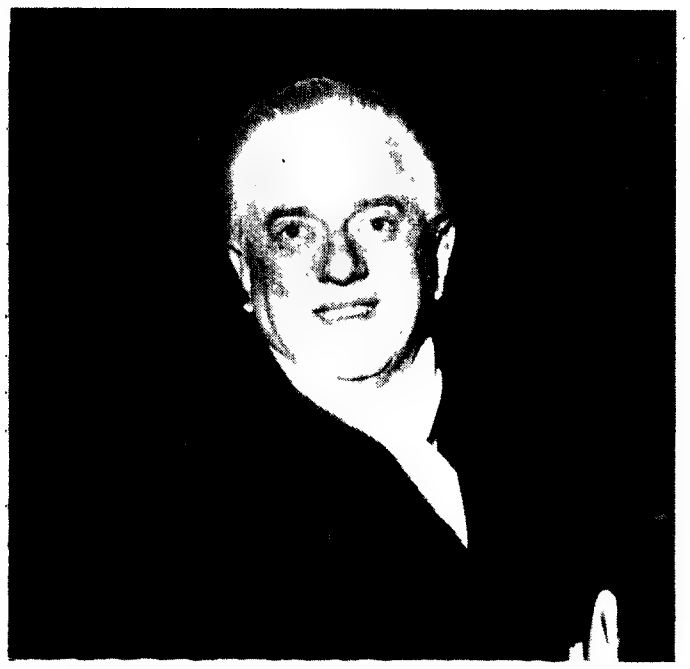
O final do serão conduziu-nos às **24 Horas**. De súbito, o apontamento que durou breves segundos. Tão poucos que a muitos telespectadores terá passado despercebido. Refiro-me à tomada de posse do presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos.

Tal facto seria relevante, qualquer que fosse o país **realmente** nosso amigo. Mas aqui houve um pormenor essencial: José Eduardo dos Santos fazia o seu juramento sagrado em língua portuguesa.

Este «pormenor» tem de ser decisivo no urgente estreitamento das relações de amizade e fraternidade entre Portugal e Angola. A guerra colonial foi um crime. O crime não acabou enquanto não se entenderem e não se ajudarem aqueles que estão unidos pela língua comum.

Na «pátria de nós todos» cabem mais do que os nove milhões de europeus. Cabem outros. Muitos. Muitos. Como o poeta Agostinho Neto.

Hoje



Anatole Litvak realizador do filme «A Conquista da cidade»

I PROGRAMA

18.30 **«Rei Artur»**
19.00 **País, País**
19.30 **Música Maestro** – a música portuguesa com Miguel Graça Moura.
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **Manuel e Beatriz**
20.35 **O Tempo**
20.40 **A Comédia e a vida** a longa metragem «A Conquista da Cidade» realizada em 1940 por Anatole Litvak. Intérpretes: James Cagney, Ann Sheridan, Artur Kennedey, Anthony Quinn e Elia Kazan. O mundo e o submundo do boxe, na tocante evolução da vida de dois irmãos.
23.00 **24 Horas**

II PROGRAMA

20.30 **Início da programação RTP/2** com **«Os Pássaros de Meiji Jungu»** intérpretes: Claudine Auger, Tamoko Ogawa e Paul Guers. Realização de André Michel
21.30 **Informação/2**
22.00 **Informação especial**

Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Aventuras de Tilí; **19.00:** País, País; **19.30:** Recital de piano pela pianista Madalena Soveral; **20.00:** Jornal RTP/1; **20.30:** Manuel e Beatriz; **20.35:** O Tempo; **20.45:** História da aviação; **21.20:** Serpico; **22.15:** A Música e o silêncio; **22.45:** 24 Horas.

II PROGRAMA

20.30: Os Pássaros de Meiji Jingu; **21.30:** Informação/2; **22.00:** Concerto Promenade – «Festival da Primavera».

EM 2.º MÊS
TEC
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
TELEF. 28 26 78
Apresenta no PICADEIRO DO CRUZEIRO MONTE ESTORIL
a domingo às 21.45 h.
"A MÃE"
OU
COMÉDIA REPUGNANTE
DO
"FILHO DA MÃE"
DE
WITKIEWICZ
ENCENAÇÃO DE CARLOS AVILEZ
Até dia 30
no Teatro da Trindade
de 4 a 21 de Outubro
(Subsídio SEC — Não aconselhável m/ 13 anos)

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.45H
GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA
DOMINGO SO ÀS 18 H
2ª FEIRA DESCANSO
2º mês
SUBSÍDIO DA S.E.C.
PRAÇA DE ESPANHA 111 76 26 24

Academia Almadense
Tel. 2752175
ÚLTIMAS
A NOITE
de JOSÉ SARAMAGO
Enc. J. BENITE - Cen. A. ALFREDO
«Um dos espectáculos do ano» CARLOS PORTO — (D. L.)
«Há muito tempo que não via uma peça com tanta qualidade» ARMINDO RODRIGUES
SEXT, SÁB, às 21,45h Sub da SEC
DOM, às 16h e 21,45h
50% em idas colectivas
GRUPO DE CAMPOLIDE

ODÉON
AMANHÃ ESTREIA
OS MAIS VIOLENTOS COMBATES TRAZIDOS PARA O CINEMA!

Os Dragões do KUNG-FU
ROC TIEN · KUNG KAI · H. L. CHAN
Interdito mén 13 anos
REALIZADOR Roc Tien

TEATRO NACIONAL DE SÃO LUIZ
TEATRO POPULAR
COMPANHIA NACIONAL 1
APRESENTA
PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
DE 3.ª A SÁBADO: ESPECTÁCULOS ÀS 21.15 HORAS
DOMINGO: ESPECTÁCULO ÚNICO ÀS 16 HORAS
2.ª-FEIRAS: DESCANSO DA COMPANHIA
OS SEQUESTRADOS DE ALTONA
de SARTRE
Versão de Orlando Neves e Jorge Listopad
com: CANTO E CASTRO
CLARA JOANA e ELISA LISBOA
PAIVA RAPOSO e SINDE FILIPE
Encenação de JORGE LISTOPAD
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DOS ESPECTÁCULOS
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
TP

TEATRO VASCO SANTANA
(Tel. 76 86 09)
TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA
às 21.30 h
3.º MÊS
QUANDO A BANDA TOCAR
Texto e Direcção LUZIA MARIA MARTINS
Com (ordem de entrada)
Joaquim Rosa
Cremilda Gil
Carlos Mourato
Helena Félix
Susana Prado
Ana Margarida
NÃO TEMOS SUBSÍDIO DEPENDEMOS INTEIRAMENTE DO APOIO DO PÚBLICO
(Maiores 13 anos)

Rua Cândido de Oliveira

Nos Olivais Sul, em Lisboa, uma rua recebeu ontem o nome honrado e admirado de Cândido de Oliveira, jornalista dos mais brilhantes e lutador antifascista que a PIDE remeteu para esse **pântano de morte** que era o Tarrafal.

Muitas individualidades estiveram presentes ao solene acto de baptismo da rua que recorda aos homens de hoje (e lembrará aos vindouros) uma das mais fortes personalidades do jornalismo português, figura destacada do futebol (árbitro, crítico, treinador, seleccionador) mas, especialmente, nome marcante da surda guerrilha que abalou o regime ditatorial durante anos a fio.

Cândido de Oliveira, casapiano dos mais ilustres, deu sempre muito de si próprio a quantos se abeiravam da sua bolsa ou do coração: e em cada um dos que consigo conviveram teve um amigo. Ontem, muitos dos que o admiraram em vida, estiveram na cerimónia que marcou a data dos 83 anos em que nasceu o saudoso mestre de «A Bola»: desde Rodolfo Begonha (secretário de Estado da Juventude e Desportos) a José Magalhães Godinho (provedor de Justiça), de Aquilino Ribeiro Machado a Silva Graça (da Câmara Municipal de Lisboa), de Francisco Miguel (do Comité Central do Partido Comunista Português) ao jornalista Raul Rego. Gente de muitas e variadas artes: Francisc9 cas artes: Francisco Mata, Artur Jorge, Manuel Alpedrinha, Jorge Vieira, António Vitorino de Almeida, João Sarabando, João Faria Borda, dr. António Marques. Na homenagem ao grande benfiquista que desapareceu dramaticamente quando, ao serviço do jornal que criara, estava no «mundial» futebolístico da Suécia, houve palavras comovidas: do dr. Guilherme de Oliveira, Raul Rego, Fernando Vaz, João Faria Borda, Aquilino Ribeiro Machado e Vítor Santos. Para sempre, Lisboa deu nome de rua a um dos vultos mais brilhantes que já passaram pelas suas ruas.

Futebol: Federação vai ter nova direcção

As associações de Lisboa, Setúbal e Leiria fizeram entrega oficial, na Federação, da lista de elementos que, no próximo Congresso Associativo, vão propor a sufrágio para a nova gerência federativa. Eis os nomes e cargos previstos:

Direcção: presidente, dr. João António Morais da Silva Leitão (A. F. Lisboa); vice-presidentes, António Arnaldo Moreira Ribeiro de Magalhães (A. F. Porto) e coronel Ernesto Carrilho do Rosário (A. F. Setúbal); tesoureiro, dr. Antero Silva Resende (A. F. Lisboa).

Mesa do congresso: presidente, dr. Augusto Leite Faria, (A. F. Porto); vice-presidente, Bernardo de Jesus das Neves Pimenta (A. F. Leiria); secretário, Manuel Maria Artur (A. F. Setúbal).

Conselho Superior de Justiça: presidente, juiz-desembargador dr. Carlos Alberto da Costa Soares (A. F. Coimbra); vice-presidente, dr. José de Jesus Costa (A. F. Porto).

PORTO JOGA SÁBADO

Foi antecipado para as 21 e 30 de sábado o jogo F.C. Porto-Marítimo, do nacional da 1.ª divisão.

CLODOALDO RECUSA ALVALADE

O veterano brasileiro Clodoaldo acaba de recusar a proposta para se transferir para o futebol sportinguista: já depois de ter em seu poder uma passagem aérea para Lisboa, preferiu viajar para o México.

CONVÍVIO EM MOÇAMBIQUE

As selecções de futebol da Bulgária e da União Soviética deverão ir jogar a Moçambique, durante o próximo mês de Dezembro. Por outro lado, também já se aventou a hipótese da equipa de «Os Belenenses» ir a Moçambique, nomeadamente a fim de defrontar o Desportivo de Maputo.

No entanto, esta viagem dos futebolistas de Belém só se deverá concretizar depois de normalizadas as relações políticas entre Portugal e Moçambique.

Recorde-se que, tanto a equipa do Desportivo como a selecção moçambicana de futebol, são orientadas por Mário Coluna.

KEEGAN: 42 MIL CONTOS

O Hamburgo fixou em um milhão e meio de marcos (cerca de 42 mil contos) o preço mínimo para uma eventual venda do «passe» do futebolista britânico Kevin Keegan. O jogador britânico (de 28 anos) pode comprar o seu «passe» por esse montante no final da temporada, pois essa cláusula figura no contrato que o liga ao clube alemão.

AMANHÃ: HOLANDA-BÉLGICA

Os jotadores belgas convocados para o encontro particular Holanda-Bélgica, amanhã, em Roterdão, reuniram-se em estágio, no Estádio de Heysel, em Bruxelas.

O treinador nacional Guy Thys, que também prepara a equipa de «esperança », que hoje defronta a sua congénere holandesa em Anvers, debate-se com diversos problemas de ordem física, que impedem a utilização de quatro jogadores. A Plessers e Voordeckers (ambos do Standard de Liège) e Martens (Anderlecht), que não foram convocados por lesão, juntou-se Verheyen (Lokern), magoado num ombro.

Para substituir estes jogadores, Thys convocou os jovens Dardenne (Lokeren) e Baecke (Beveren) enquanto Momems (Lokeren), que fazia parte do grupo convocado para a equipa de «esperanças», foi incluído no lote principal.

Em Roterdão, amanhã, Thys deverá apresentar a seguinte equipa frente à Holanda: Pfaff (Beveren), Gerets (Standard), Millecamps (Waregem), Garot (Standard), Renquim (Standard), Cools (Brugeois), Vander Eycken (Brugeois), Vercauteren (Anderlecht), Cluytens (Beveren), Van Der Elst (Anderlecht) e Ceulemans (Brugeois).

Os suplentes devem ser Custers (Antwerp), Baecke, Dardenne, Momens e Defreef (Beringen).

SOCIÓLOGOS À BAILA

Luís Zacarias, preparador físico da selecção peruana de futebol, afirma que o «melhor sociólogo de uma equipa de futebol é o treinador».

Zacarias indicou ser contra a presença de um sociólogo na selecção, pois jogador peruano «é muito especial». Sublinhou que foi testemunha em mais de uma ocasião em como os jogadores inventaram situações ante o sociólogo.

Diplomado na RFA como professor de ginástica, Zacarias afirmou ser partidário que o sociólogo deverá ingressar na vida do jogador de futebol muito antes de integrar-se na selecção.

Para Zacarias, o treinador deve estar em constante diálogo com o jogador para melhor conhecer os seus problemas.

«Dá-se o caso (referiu) que o sociólogo, sem querer dar confiança ao jogador, lhe ordena o que deve fazer no campo, o que não é o mesmo que lhe indicou o treinador», disse Zacarias.

EUA FORA DA LEI

A FIFA exigiu, mais uma vez, à Federação Norte-Americana de Futebol o ajustamento das suas regras de jogo às convencionadas internacionalmente.

A FIFA aconselhou os norte americanos a modificarem a regra de fora de jogo dos 35 jardas. Pediu igualmente a actualização de certas informações, que assinalam que os Estados Unidos diminuíram o tempo de jogo para duas partes de 30 minutos cada uma e que aumentaram o tamanho das balizas.

OUTRO MILIONÁRIO

O Aston Villa, clube da 1.ª divisão do futebol inglês, pagou 600 000 dólares, cerca de 30 milhões de escudos, pelo avançado Town David Geddis (do Ipswich). O treinador Ron Saunders empregou na transferência algum dinheiro dos 1,5 milhões de liras que o Aston Villa recebeu pela «venda» de Andy Gray.

Geddis (de 21 anos) foi uma das «estrelas» do Ipswich na vitória da «Taça da Inglaterra», mas, ultimamente, não tinha conseguido «manter o lugar» com regularidade.

«Geddis é um jogador extremamente habilidoso e fisicamente aposto nele. Em breve ele demonstrará os seus recursos» – afirmou Saunders.

SUPERMUNDIAL

Uma cadeia de televisão europeia confirmou à Associação de Futebol do Uruguai (AUF) a sua oferta de 3 175 000 dólares (cerca de 160 000 000 escudos), pelos direitos de transmissão do «Supermundial», que se disputa no próximo ano em Montevideu. Fontes da AUF revelaram que o torneio está longe dos seus aspectos principais, só faltando a confirmação de um dos seus participantes – Inglaterra.

A receita dos direitos de televisão permitirá à AUF enfrentar os enormes gastos organizativos que colocarão frente a frente seis das melhores selecções do Mundo.

Adeus às piscinas da campeã Enith Brigitha

Enith Brigitha, que rompeu um dos tabús do desporto desmentindo a absurda tese racista de que os negros não estão capacitados para a natação de competição, abandonou a modalidade. Após 11 anos de duros treinos, a nadadora de Curaçao com passaporte holandês, disse adeus às piscinas, depois de figurar mais tempo no lote dos nadadores de elite do Mundo do que qualquer outra nadadora europeia ou norte-americana.

Com 13 anos, era já um grande talento. Aos 15, começou a causar sensação com as suas actuações e, aos 17 anos, participou nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) tendo-se qualificado para disputar nada menos do que três finais.

Os mais famosos técnicos norte-americanos, em geral tão populares como arrogantes, não davam crédito ao que os seus próprios olhos viam em Munique: pela primeira vez uma nadadora de cor engrossava a elite das melhores nadadoras do Mundo. Para os brancos californianos era como se o Mundo caísse.

Apesar de a sua verdadeira pátria ser as Caraíbas, a nadadora negra contrariu méritos mais do que suficientes para que as federações europeia e holandesa a incluíssem no seleccionado representativo da Europa, em Tóquio.

No primeiro campeonato do Mundo, em Belgrado (1973) e em Cali (Colômbia), em 1975, Enith Brigitha ganhou três medalhas de bronze e uma de prata.

Na Olimpíada de Montreal (1976) seria ligeiramente eclipsada por duas nadadoras excepcionais: a alemã democrática Kornelia Ender e a norte-americana Shirley Babashott, tendo de conformar-se e isso já era muito, com as medalhas de bronze.

A excepcional nadadora alemã e Babashoff retiraram-se pouco depois de Montreal, enquanto Brigitha continuou em actividade.

Na Holanda tem, actualmente, a mesma popularidade que, na sua época, teve Ada Kok, campeã olímpica e recordista mundial.

A rapariga de Curaçao não chegou tão longe, pois não chegou a conquistar qualquer medalha de ouro nas Olimpíadas, mas passara à história como a primeira grande nadadora de cor de todos os tempos.

MODALIDADES EM DESFILE

CASCAIS CONTRATA CHANA E SOBRINHO

Os hoquistas Chana e Sobrinho, que acabam de se empregar no Casino Estoril, trocaram o Sporting pelo Dramático de Cascais, dadas as dificuldades em conciliarem a nova vida profissional com o sistema de preparação e actividade exigido pela alta competição leonina.

COMEÇOU O RÂGUEBI

O Belenenses venceu o Benfica por 7-6, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Seniores de Râguebi (fase de abertura). Para a mesma competição, a «reserva» de Direito (a equipa principal encontra-se em digressão pela Inglaterra) levou de vencida o conjunto do Aranhas por 9-6, e o CDUL triunfou sobre o seu homónimo do Porto (CDUP) por 12-6. A partida Académica-Técnico não se realizou devido à não comparência dos «engenheiros». Muito embora fosse conhecida a presença do Técnico na Inglaterra, onde também cumpre uma série de jogos, parece contudo que disso não foi dado conhecimento oficial ao clube de Coimbra. Tudo leva a crer, portanto, que os academistas averbarão os pontos da vitória.

Para a mesma competição, mas respeitantes à fase de apuramento realizaram-se dois encontros: Belas - RC Coimbra, 3-11 e Cangurus - Agronomia, 0-74.

VENEZUELA À ESPERA

Portugal confirmou a sua participação na Volta à Venezuela» em bicicleta que se realiza de 1 a 13 de Outubro. A 16.ª edição da «volta», uma das mais importantes provas ciclistas que se efectuam no continente americano, conta ainda com a participação de equipas de Cuba, México, República Dominicana, Colômbio e Guadalupe e de mais de 15 representações venezuelanas. A «volta» terá 1578 quilómetros divididos em doze etapas.

XADREZ POR EQUIPAS

A equipa do Viana Taurino (de Viana do Castelo) comanda o campeonato nacional de equipas de xadrez, após a 2.ª jornada daquela competição, que decorre na Escola Secundária de Soure, com organização da Federação e apoio da secção de xadrez da Casa do Povo local.

Acordo China-Jugoslávia

A Jugoslávia e a China assinaram em Split, um acordo de cooperação do domínio desportivo. O documento que se refere ao ano de 1980, prevê um intercâmbio de atletas e especialistas em 12 disciplinas.

TOTOBOLA
jogue connosco

Beira-Mar–Rio Ave	1
Guimarães Setubal	1
U Leiria Benfica	2
Estoril–Portimonense	1
Belenenses Braga	X
Sporting–Espinho	
Varzim–Boavista	X
Famalicao–Leixoes	X
Salgueiros–Fafe	X
Penafiel–U.Lamas	1
Portalegrense–A.Viseu	X
Cuf–Atlético	X
Beja–Olhanense	X

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 134/79

«FORNECIMENTO DE 3 VIATURAS TIPO AUTO-LIGEIRO PARA O BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS DE LISBOA»

A abertura do concurso referente ao fornecimento acima indicado, publicada no Diário Municipal número 13 216 de 31 de Agosto de 1979, e no «Diário da República» número 211 de 12 de Setembro de 1979 — 3.ª Série, fica anulada.

Paços do Concelho de Lisboa, em 14 de Setembro de 1979

O Presidente da Câmara Municipal
Aquilino Ribeiro Machado

ACOMPANHE O SEU FILHO!

Antes do início do ano escolar ensine-lhe o caminho mais seguro para a escola

Lembre-se que o acidente rodoviário é a principal causa de morte das crianças até aos 14 anos de idade.

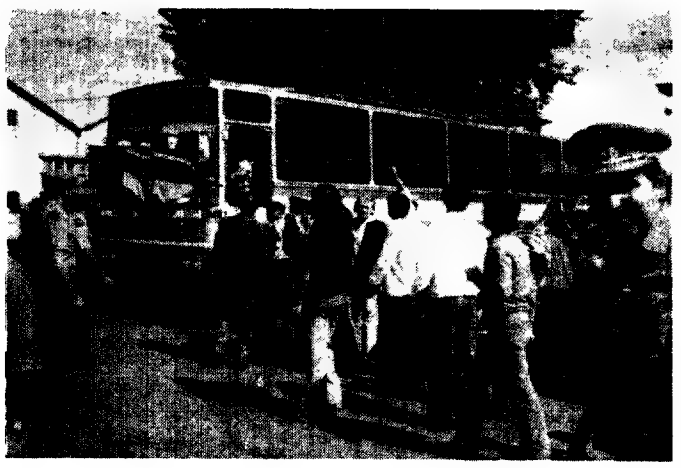
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO - D S R

EXTERNATO BOCAGE

CICLO PREPARATÓRIO
CURSO GERAL
CURSO COMPLEMENTAR
DIURNO-NOCTURNO
R. Francisco Pereira de Sousa n.º 22 (Frente ao n.º 325 da Estrada de Benfica) tel. 784024-782464

POR CAUSA DO ESPANHA-PORTUGAL DE AMANHÃ

Estação de Campanhã: uma recepção pouco amistosa por parte de centenas de portistas que estão contra a Federação



A Polícia teve de assegurar cobertura aos futebolistas bracarenses chamados à última hora para a selecção

Portuenses vaiaram jogadores e federativos

Manuel Neto (texto) e Bruno Neves (fotos) nossos enviados especiais a Vigo

Está a ir longe de mais o problema que se levantou com a recusa dos futebolistas portistas em se deslocarem a Vigo para integrarem a selecção que, amanhã, ao fim da tarde (19.30, hora de Lisboa) defrontará a sua congénere espanhola em jogo particular no Estádio dos Balaídos.

Por de mais, é evidente que, no meio de tudo isto, andam muitas manobras de bastidores. E (claro) o grande público que não conhece, nem de perto nem de longe, o «bas-fond» onde gira o negócio da bola e, por vezes, até é capaz de fazer coisas inacreditáveis só para defender o «seu» clube, porque os outros não contam. Infelizmente é assim e não há que pedir responsabilidades a um grupo de indivíduos que aparece na praça pública a querer fazer «justiça popular» na pessoa do treinador do clube rival, só porque ele convocou o Fonseca, o Gabriel, o Murça, mais o Frasco, o Gomes e o Costa para um «jogo a feijões» com a vizinha Espanha...

Vem à memória uma velha questão de rivalidade entre o Norte e o Sul, que se colocava sempre que se tratava das convocatórias para os treinos da selecção nacional. Não há muito tempo, uma situação caricata ocorreu no Estádio das Antas, com o malogrado Pavão. Toda a gente conhecia o feitio do saudoso jogador. No seu lugar não havia melhor, pensava. Acontece, porém, que o técnico na altura pensou duas vezes se havia ou não de incluir Pavão em determinado jogo, logo de início. Pois ia arranjando uma destas encrencas que nem queiram saber. Nas Antas? O Pavão é que tinha de jogar. E jogou mesmo...

CAMPANHÃ EM POLVOROSA

Adivinhando a recepção que a aguardava se desembarcasse na Estação de Campanhã, a selecção nacional (subentenda-se os seleccionados que partiram de Lisboa, mais os dirigentes) optou por fazer a viagem até à capital nortenha de autocarro. Uma viagem muito mais cansativa, sem dúvida, mas na circunstância uma ideia luminosa. Bem se poderá dizer que uma boa estrela acompanhou o grupo: dizemos isto sem qualquer ponta de exagero, na medida em que testemunhámos o ambiente verdadeiramente hostil que se respirava em Campanhã e suas imediações, à hora programada para a comitiva federativa ali desembarcar. Gente aos magotes, muitas pessoas empunhando cartazes, outras buscando as aglomerações para lançar o seu «veneno». Isto, para já não falarmos nos inúmeros «editais» afixados nas paredes da «baixa» portuense e, sobretudo, na zona de Campanhã, a apelar à comparência dos portistas para «receber os traidores Wilson, Abílio Rodrigues e António Marques» ou para «lutar pelo futuro do nosso futebol, vamos dizer de uma vez para sempre aos mouros que também temos direito a voto». E isto é, apenas, uma amostra do muito que se escreveu e disse pelas esquinas, num «complot» bem orquestrado, de que está alheio o dirigente portista Jorge Nuno Pinto da Costa, que aguardava calmamente a chegada dos dirigentes federativos para «dialogar com eles», conforme nos referiu.

O bracarense Artur refugiou-se no autocarro federativo para evitar qualquer problema

Chico Gordo e Fernando Caiado ouviram das boas e das bonitas

DEZOITO EM VIGO

Dada a «finta» que o conjunto seleccionado pregou a todos os que o esperavam, o odioso recaíu (tinha de recair) sobre alguém que, na circunstância, foi Chico Gordo, Fernando Caiado e o jovem Artur, tudo gente do Braga, chamada à última da hora, para preencher os lugares vagos. Se o autocarro não tem arrancado tão depressa de Campanhã não se imagina o que podia ter acontecido.

O encontro entre as pessoas que desembarcaram em Campanhã e as que partiram de Lisboa, em autocarro, ocorreu em Vila do Conde. Aí, para além de um batalhão de jornalistas, deram, também, entrada no autocarro que nos havia de conduzir a Vigo, os bracarenses Nelinho e João Cardoso, além do massagista João Silva e do secretário-geral adjunto da FPF, António Malva. A partir de então, a comitiva portuguesa ficou assim constituída: coronel Carrilho Rosário, António Malva, o ecónomo Roberto Glória, o técnico Mário Wilson, o preparador físico José Falcão, o roupeiro Telmo Barreiros, o médico dr. Camacho Vieira, o massagista João Silva e os jogadores Bento, Humberto, Alhinho, Alberto, Pietra, Chalana e Nené (todos do Benfica); Eurico, João e Manuel Fernandes (do Sporting); Artur, Nelinho, João Cardoso e Chico Gordo (do Braga). Em Vigo, e na altura em que tudo estava a postos para o jantar para o jantar (seriam umas 22 horas), apareceu o ex-portista Oliveira, cuja presença foi particularmente saudada por todos os componentes da comitiva. Hoje, fazem a viagem para a Galiza o vimaranense Melo e os benfiquistas Reinaldo, Shéu e Bastos Lopes.

Depois da viagem fatigante de ontem, o dia de hoje será de repouso absoluto, só interrompido ao fim da tarde para um treino sob luz artificial, nos Balaídos. Neste momento, na turma portuguesa subsiste apenas um problema: chama-se Pietra e está ligeiramente afectado por uma lesão. A equipa médica acredita, no entanto, que o jogador vai recuperar a tempo de poder integrar este «onze» nacional.

Resta acrescentar que, neste momento, é ainda muito prematuro adiantar a possível formação inicial de Portugal, dadas as alterações surgidas com a renúncia dos jogadores portistas. Por outro lado, pode desde já adiantar-se que o seleccionado do país vizinho está desde antetem em Vigo, e dele fazem parte alguns jogadores que, por acaso, até tinham um jogo de responsabilidade pela sua equipa (o Barcelona) à mesma hora em que se vai disputar o Espanha-Portugal: e estão dispensados pelo seu clube.

Também para Vigo viajam hoje outros responsáveis federativos: o presidente dr. António Marques, o secretário-geral César Gracio e o eng.º Abílio Rodrigues, coordenador da selecção.

HOJE

Andebol: assembleia na Comissão Distrital de Árbitros de Lisboa, entre as 19 e 30 e as 22 horas, na sede deste organismo (Praça da Alegria, 65, 3.º). Posse da nova Comissão Central de Árbitros, na Praça da Alegria, 65, 3.º, às 22 horas. Almada-Benfica, na Escola D. António da Costa, às 21 e 30.

ATLETISMO: reunião da Federação com representantes da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Associação de Faro, na sede federativa, às 18 horas, para programação do 4.º Crosse das Amendoeiras em Flor. Torneio Internacional do INATEL, no Estádio das Antas, a partir das 21 e 30, com a participação de trabalhadores-atletas estrangeiros.

BOXE: assembleia geral ordinária da Associação de Lisboa, na sede deste organismo, a partir das 21, para aprovação do relatório e contas e eleição dos novos corpos gerentes.

FUTEBOL: Grande Torneio das Vindimas da Madeira, em juvenis – 1.ª jornada: FC Porto-Sporting, às 20 e 30, e Marítimo-Benfica, às 22 (horas locais). Os jogos realizam-se no Estádio dos Barreiros, no Funchal.

HÓQUEI EM PATINS: Reunião de delegados dos clubes com dirigentes da Associação de Lisboa, na sede deste organismo (Rua Duque de Loulé, 27, 6.º, esq.º) às 21 e 30, para realização dos sorteios dos torneios de abertura das 1.ª e 2.ª divisões, e discutir outros assuntos de interesse para a modalidade.

TÉNIS: Torneio Shopping Cacém, no Clube Ténis do Estoril, a partir das 14 e 30.

TÉNIS DE MESA: «Torneio Amizade», promovido pelo FC Penafiel, na sede deste clube – equipas: Associação Rebordosa-Ténis da Gandra, a partir das 21.

XADREZ: Campeonato Nacional de equipas, na Escola Secundária de Soure, entre as 15 e as 20 horas.

Para cada um sua verdade

Ao «Diário de Notícias», o eng.º Helder Rocha, vice-presidente federativo, declarou: – Têm que se aplicar sanções que salvaguardem, no futuro, situações análogas, pois considero este o maior acto de indisciplina praticado no futebol português (...) Classifico a atitude do F.C. Porto de acto de desestabilização da selecção nacional no momento em que está em vésperas de se classificar para a fase final do campeonato da Europa. Espero, porém, que Mário Wilson, com a sua inegável capacidade e competência e com outros jogadores que, felizmente, não faltam no futebol português, consiga colmatar os prejuízos criados por esta situação.

Mais adiante, o eng.º Helder Rocha acrescenta: – Não sei qual a influência que Pedroto poderá ter tido nesta atitude, mas não posso deixar de considerar estranho que, até agora, não tenha dado qualquer opinião, quando quase sempre é oportuno nas suas intervenções».

«RIVALIDADE ENTRE DOIS TÉCNICOS»

Por seu lado, o dirigente portista Jorge Nuno Pinto da Costa, afirma a «o diário»:

– O Futebol Clube do Porto saberá encontrar resposta certa para a Federação de Futebol.

No mesmo jornal, volta novamente à carga o eng.º Helder Rocha:

– A Federação de Futebol não pode transigir, se quer acabar definitivamente com os mitos (...). Este problema resulta unicamente de uma rivalidade entre dois técnicos (...). Pedroto contraria a sua deontologia profissional, o que é ridículo e condenável.

«TREINADOR DE TRAZER POR CASA»

No «Record», o mesmo dirigente vai mais longe:

– Pedroto não passa de um treinador de trazer por casa. Cá, ganha tudo, mas lá fora não consegue nada. Nas eliminatórias do último «Mundial» foi o que se viu e nas provas europeias não passa da primeira eliminatória e aparece agora a querer impedir que Wilson faça o que ele não fez.

O ponto de vista do presidente federativo dr. António Marques está no «Diário de Notícias»:

– É minha convicção de que o problema só começou quando ao F. C. do Porto saiu, no sorteio para a Taça dos Campeões Europeus, um adversário como o Milão.

Réplica do dr Américo Sá, presidente da Direcção do F. C. do Porto:

– Haveria um mundo de soluções que, em diálogo com a Federação, poderiam ter sido adoptadas, mas a Federação recolheu-se ao silêncio e à intransigência total.

Conclui o chefe do executivo «ul-branco»:

O procedimento dos jogadores está inteiramente justificado, tendo em conta a decisão da direcção, a que estão subordinados, mesmo em termos laborais.

GOVERNO NÃO SE METE NISTO

O coronel Rodolfo Begonha, secretário de Estado da Juventude e Desportos, pronuncia-se ao «Record»:

–O Governo não pode nem deve imiscuir-se em problemas que estão completamente no âmbito das federações.

O prof. Reis Pinto, director-geral dos Desportos, diz:

–Este problema não corre sob a alçada da DGD, uma vez que a FPF tem os seus órgãos de mando devidamente montados e regulamentados de modo a poder controlar a acção das associações, dos clubes e dos jogadores. Portanto, o que se passa não tem que ver com a DGD. Este organismo só lamenta que o problema se tenha levantado com uma representação nacional e originado o triste caso de Campanhã.

Já em Vigo, o ex-portista Oliveira (agora ao serviço do Bétis sevilhano) afirmou ao enviado especial da ANOP, o jornalista Manuel da Costa:

«Não tenho nada a dizer sobre o caso da ausência dos jogadores do F. C. do Porto, porque não estou dentro da situação. Qualquer declaração sobre a sua atitude poderia ser motivo para especulações.»

«Abstenho-me de qualquer apreciação, embora me entristeça a ausência de jogadores portistas, que muito gostaria de ter a jogar a meu lado. Considero esta convocação como uma grande honra, pois quero servir a selecção até ao dia em que a Federação resolva prescindir dos meus serviços» – disse.

WILSON SERENO

Interrogado pela ANOP sobre se o «caso» dos jogadores portistas poderia ter influência em futuras convocações, nomeadamente para o encontro de Bruxelas, com a Bélgica, a contar para o grupo 2 do «Europeu», Mário Wilson declinou responsabilidades.

«Qualquer posição que venha a ser tomada não me diz respeito. Seleciono os jogadores possíveis e, se os jogadores do F. C. do Porto estiverem nesse lote dos possíveis, certamente que serão convocados», afirmou.

O «espírito de selecção» não foi muito abalado, segundo o técnico, pelos incidentes verificados ontem, pois «a colaboração pronta dos novos convocados foi um novo estímulo para a manutenção desse espírito de equipa».

«A presença de Oliveira sensibilizou-me bastante e estou-lhe muito grato, do mesmo modo, aliás que me sinto reconhecido em relação a todos os elementos que vieram a Vigo», sublinhou depois o técnico português.

Wilson recusou-se a acreditar que a situação criada resulte de rivalidade pessoal entre ele e o técnico portista José Maria Pedroto, mas consideroou «muito triste a atitude da Direcção do F. C. do Porto, se a rivalidade for um dos acontecimentos».

ROTEIRO CULTURAL

Após um curto período de férias, o Roteiro Cultural regressa ao convívio do leitor. E a notícia afirma-se pela ausência das principais casas distribuidoras de cinema em Portugal anunciaram que dos 50 filmes que vão ser colocados nos circuitos comerciais durante a temporada de 79/80, «em princípio», nenhum será de origem portuguesa. A maioria tem origem americana, francesa e inglesa. Trata-se de filmes de «acção» e «amor», sobretudo. Qualidade dentro da média, pois, segundo um distribuidor, «se colocarmos no mercado exclusivamente filmes de qualidade, isso poderá causar-nos prejuízos na receita!»

Mas se no cinema continuamos a viveer numa apagada e vil tristeza, já no teatro, sobretudo no amador, há sinais duma vitalidade e de um objectivo de descentralização que é justo referir com frequência. Por exemplo, neste princípio de Outono, e até fins de Outubro, está a decorrer na Casa da Cultura da Juventude de Vila Real (delegação do FAOJ) o II Encontro Distrital do Teatro Amador. Estão integrados no certame 16 grupos amadores, todos do distrito. O encontro visa, entre outos fins, estimular a continuidade e formação de agrupamentos cénicos, para além de dar a conhecer ao público transmontano os frutos de uma actividade recriativo-cultural. Para o dia 14 de Outubro está previsto no salão nobre da Câmara de Vila Real um colóquio sobre descentralização cultural. Estão já a ser convidadas expressamente personalidades ligadas ao teatro.

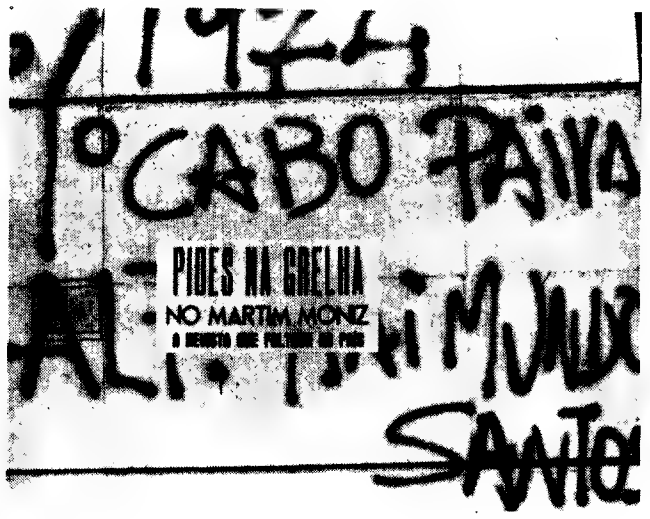
Estreia hoje nos claustros do Museu de Setúbal, a peça «Sr. Ubu» de Alfred Jarry, pelo grupo Novo Teatro (ex-Saltitões). A versão portuguesa é de Alexandre O'Neill e Luís Lima. Com esta estreia, propõe-se o Teatro Novo dar início, com a colaboração das autarquias a um trabalho de descentralização teatral.

Somos o convidado que chega atrasado à festa – mas agradecemos-lhe as gargalhadas de cinco anos. No dia 23, no domingo passado, o Àdóque celebrou o seu quinto aniversário. O «bebé que ri», montou 14 peças a que assistiram cerca de um milhão de espectadores. Mais de 100 mil crianças assistiram aos cinco espectáculos infantis. Entre autores, técnicos e artistas passaram pela equipa do Àdóque mais de uma centena de pessoas. A ficha do «bebé que ri» e faz rir: «Pides na grelha», «Cia dos Cardeais», «O Indiozinho Raio de Luar», «Taran Tan Tan não enche Barriga», «Grande Cegada», «Os Operários do Natal», «A Paródia», «Ó Calinas Cala a Boca», «A Festa da Malta», «Ora Vê Lá Tu», «Roupa Velha», «Fardos e Guitarradas», «O Regresso da Malta», «1926 Noves Fora Nada». E no choco, «Querias Mas Não Te Dou». Em Maio de 1975 abriu o centro infantil do Àdóque. E lá durou até Dezembro de 1975. Depois, acabou por falta de apoios oficiais. Nas folgas do riso o Ádóque realizou no átrio do pequeno teatro do Martim Moniz exposições de pintores como Álvaro Perdigão, Estavam Soares, António do Carmo, Adão Rodrigues, Vasco e Teresa Cabrita(exposição de gravuras).

José Viale Moutinho é camarada de ofício na delegação do Porto do «Diário de Notícias». É tão galego como os que são galegos e tão duriense e transmontano como os que tais. Acaba de merecer esporas: três narrativas suas serão brevemente publicadas na revista húngara «Nagyvilag», dedicada à literatura mundial contemporânea. Trata-se de «Quebra-Nozes ou a Valsa das Flores», «O Livro das Portas» e «Sobre a Morte de Alexandre o Grande» do volume «O Jogo do Sério» editado em 1974. A versão húngara dos textos é de Ferenc Pal, lusófilo que traduziu nos últimos tempos Sttau Monteiro e Urbano Tavares Rodrigues.

José Viale Moutinho tem já parte da sua obra traduzida em búlgaro e russo. Deste andarilho e coca-bichinhos do dialecto mirandum tem a «Nova Crítica» no prelo «O Comboio do Douro» numa colecção em que se seguirá um novo volume de poesia de António Cabral, «Elegias Durienses». Entetanto, ainda na «Nova Crítica» vai sair muito em breve «A Minha Melhor História», volume de contos para crianças e jovens, de Ilse Losa. O livro é ilustrado pelo pintor Fernando de Oliveira.

As edições romenas de «Os Maias» e de «Viagens na Minha Terra» bem como a publicação em Portugal da «História do Povo Romeno», de Constantin C. Giurescu e Dino C. Giurescu, foram apresentadas à Imprensa pelo embaixador romeno em Lisboa, como realizações culturais que vão «entrar no património cultural dos dois países».



Ádòque: «Pides na Grelha» foi a primeira revista. Vieram depois mais 13 espectáculos. E no total, um milhão de espectadores. São cinco anos de existência bem celebrados

Acaba de ser editado em Portugal o «Nzinga Mbandi», romance de reconstituição histórica, de Manuel Pedro Pacavira, actual ministro da Agricultura da República Popular de Angola. A sua publicação entre nós nas «Edições 70» segue-se a uma primeira edição em Luanda, datada de 1975. Com Manuel Pedro Pacavira, autor também de «Gente do Mato», surgem mais três escritores angolanos: Uanhenga Xitu («Maka na Sanzala»), Antero Abreu («Permanência») e José de Freitas («Silêncio em Chamas»). A editora anuncia a publicação para breve de um novo livro de Luandino Vieira e quatro títulos de Maria Eugénio Neto, viúva de Agostinho Neto, um dos quais «Foi Esperança, Foi Certeza» acaba de ser posto à venda.

Os primeiros ensaios de autores angolanos pós-independência e um roteiro da literatura angolana, da autoria de Carlos Ervedosa, constam também da programação da mesma editora.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por UNIDADE) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$50	50$50
ALEMANHA OCID. (marco)	27$50	28$60
ÁUSTRIA (xelim)	3$75	3$95
BÉLGICA (franco)	1$642	1$742
BRASIL (cruzeiro)	1$25	1$85
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	41$30	43$30
(notas de 5 a 1000)	41$80	43$80
DINAMARCA (coroa)	9$40	9$80
ESPANHA (peseta)	$702	$802
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	48$30	50$30
(notas de 5 a 1000)	48$80	50$80
FINLÂNDIA (marco)	12$95	13$55
FRANÇA (franco)	11$70	12$30
HOLANDA (florim)	24$90	25$90
INGLATERRA (libra)	105$30	109$30
ITÁLIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$198	$228
NORUEGA (coroa)	9$75	10$25
SUÉCIA (coroa)	11$65	12$25
SUÍÇA (franco)	30$80	31$90
VENEZUELA (bolívar)	10$10	11$10

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

TEMPERATURAS DO AR

V.DO CASTELO	20º
BRAGANÇA	10º
VILA REAL	17º
PORTO	18º
P.DOURADAS	12º
COIMBRA	19º
C.CARVOEIRO	–
PORTALEGRE	19º
LISBOA	20º
ÉVORA	19º
SINES	16º
BEJA	18º
SAGRES	22º
FARO	24º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	21º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.04	3,8 m	10.39	1,1 m
17.19	3,8 m	22.57	1,2 m
Dia 26			
5.36	3,7 m	11.17	1,2 m
17.53	3,6 m	23.36	1,3 m
Dia 27			
6.13	3,6 m		
18.36	3,5 m	12.01	1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Bom tempo com céu pouco nublado ou limpo; vento fraco soprando temporariamente moderado de noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental para sul do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.27
OCASO ÀS 19.29

DIA 29 DIA 5 DIA 12 DIA 21

rádio

1.º PROGRAMA

17.00: «Trajectória» (Programa da Juventude); **19.00:** Música Portuguesa; **19.30:** «Jornal da Noite»; **20.00:** Rectrospectiva; 20.30: «Poemas e poetas», por Hermínia Tojal; **20.45:** «15 Minutos com...»; **21.00:** 21.º Episódio do Folhetim «Mathias Sandorf», de Júlio Verne; **21.20:** Música Variada; **22.00:** «Rádio Serviço»; **23.00:** «Programa da Noite», **24.00:** «Último Jornal».

2.º PROGRAMA

17.29: Música de Câmara Belga: – Quinteto em lá menor, n.º 1, de François Jospeh Fétis; **18.00:** Noticiário Cultural; **18.10:** Música Portuguesa; **19.00:** «Terra Viva, Planeta Azul»; **19.30:** Música de Piano: – Seis sonatinas n.ºs 1 a 6, de Clementi, por Maria Varró; **20.00:** Ciclo Berlioz: – «Caça real e tempestade», da ópera «Os Troianos em Cartago»; **21.30:** Aspectos da Moderna Música Espanhola; **22.30:** O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00:** «Intercâmbio Musical» Festival Metemúsica de Berlim, 1978 – gravações cedidas pela RIAS; **23.30:** Música Sinfónica: – Abertura «A Dama Branca», de Boildieu – Sinfonia n.º 6, em lá menor, de Mahler; **01.00:** Fecho.

RÁDIO COMERCIAL (290 m)

17.03: Contacto; **17.40:** «Contacto com a Música»; **18.15:** «Carros roubados/SOS; **18.45:** «O Mundo da Fórmula 1»; **19.45:** «Teatro Trágico (com: Parodiantes de Lisboa); **20.00:** Quando o Telefone Toca; **20.33:** Cartaz; **21.00:** Novas de Alegria; **21.33:** Quando o Telefone Toca; **22.33:** O Tema é...; **23.00;** Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em Stock; **18.03:** Hora de Ponta; **19.00:** Em Órbita; **21.03:** Fórum.

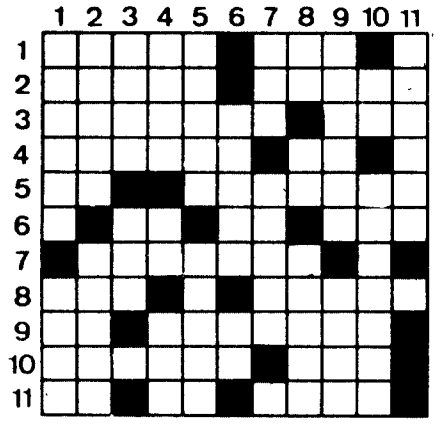
544545

centro S.O.S.
voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 12 444

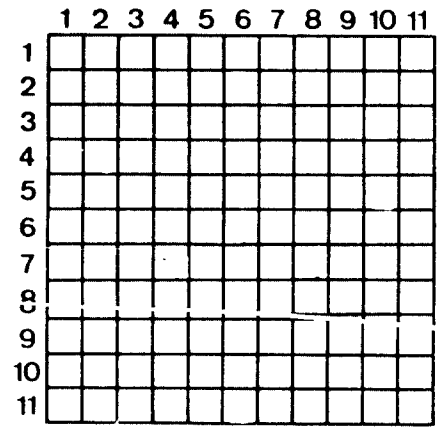


HORIZONTAIS:
1 Bolsas. Pega.
2 Prendera. Soltava balidos.
3 Observaria. Seguiam.
4 Urdem. Em a.
5 O sono das crianças. Esmurrarão.
6 Sódio (s.q.). Nota musical. Suspiros.
7 Rasgara.
8 Em as. Cabelos.
9 Artigo definido (ant.). Desmontaras.
10 Dança popular brasileira (pl.). Letra grega.
11 Érbio (s.q.). Artigo definido. Bondosas.

VERTICAIS:
1 Sagrados. Alvura.
2 Divido em toros. Amofinar.
3 Pesquisa. Pronome pessoal.
4 Lavram Amónio (s.q.). Pega.
5 Curas. Farinha cozida em água ou leite.
6 Sacrifique. Pertences.
7 Entre os Filipinos a divindade. Nome de peixe.
8 Apelido. Em a. Que é do ar.
9 Juntara. Folha de ferro estanhado.
10 Tempo do verbo ir Esbeltas.
11 Apelido.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8504



HORIZONTAIS:
1 Ruim. Cidade de Portugal. Amónio (s.q.).
2 Prendem Preso.
3 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Aparências (fig.).
4 Grande poeta brasileiro. Sadio.
5 Estudante.
6 Alegre. Activos.
7 Tirania (fig.). Nome de peixe.
8 Passado. Versejar.
9 Aliança. Cavaleiro espanhol que se ilustrou combatendo os mouros e que serviu sucessivamente Sancho e Afonso VI de Castela. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
10 Estimas. O mesmo que ion.
11 Letra grega. Acabas.

VERTICAIS:
1 Mágicos. Descascar.
2 Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Nota musical. Estimo.
3 Três vogais iguais. Ciência da moral
4 Preposição. Murados.
5 Costure.
6 Capa sem mangas. Reme para trás.
7 Rejeitarias.
8 Nome de letra. Cadavéricos.
9 Tostavam.
10 Preposição latina que designa movimento. Indivíduo sem valor.
11 Momice. Curar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 443

HORIZONTAIS:
1 UM. Pecar. Ta!
2 Nas MAL. Som
3 Trai. Arre!
4 Arremangara.
5 Moeras Ar
6 Ás
7 NUNCA Aar.
8 Atormentara
9 Date. Laivos
10 VEM. Aas.
11 Masco AMS. SÓ

VERTICAIS:
1 Untam. Nadam.
2 Marro Uta.
3 Sare Notas.
4 Rei Cré.
5 Em Mamam V.º
6 Calas Ele
7 Al Panamá.
8 Agi. Ati
9 Sra. Arava.
10 Torras Roas.
11 Amear Passo

PROVÉRBIO: UM MAL NUNCA VEM SÓ

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8503

HORIZONTAIS:
1 Janauí Jacó.
2 Aas Raiara
3 Ml. Aro Pato.
4 Beata. Aéreo.
5 Nó Ivã. At.
6 Amarmos
7 Caxo. Ode
8 Opipars.
9 Salas Amo.
10 Sras. Mascas.
11 Saa Mas Oso.

VERTICAIS:
1 Jambó. Cossa
2 Aalen. Apara.
3 NS Axilas.
4 Ati. Opas.
5 Urrava. As.
6 Ião. Amor Ma.
7 Adoras.
8 Japé. Res.
9 Araram. Aço.
10 Catetos. Más.
11 Oo. Toso

farmácias

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

PEREIRA SUC. Rua Paraíso 98-100, (Tel. 863224); **BOM SUCESSO** Rua Bartolomeu Dias, 63-A, (Tel. 610454); **NOVA** Rua de Campolide, 297 C, (Tel. 687475); **AVIS** Av de Roma 56 B C, (Tel. 895370); **MORGADO LOURENÇO** Lg. D. Estefânia 4-5, (Tel. 554808); **ANDRADE RIBEIRO** Av. Infante Santo 66-B, (Tel. 666971); **FERNANDES BORGES** Rua Cidade Benguela Lote 300, (Tel. 311091); **HIGIÉNICA** Rua Heliodoro Salgado, 20-A, (Tel. 844361), **SÃO MAMEDE** Rua Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280); **ALMEIDA NIFO** Av. Comb. Grande Guerra, 64 (Tel. 2112070); **LEITÃO** Rua Guil. Gomes Fernandes 62, (Tel. 910051); **CRUZ CORREIA** Est. Santo Elói 41-A (Tel. 992453).

REFORÇO

PAIS Rua Abade Faria, 22-A, (Tel. 883965); **SANTO AMARO** Rua Filinto Elísio 29 A-B, (Tel. 637070); **BRISÁLIA** Av. Rio de Janeiro 66-66-A, (Tel. 882368); **FÁTIMA** Av. 5 de Outubro 147-A (Tel. 763107); **SIRIUS** Rua Fialho de Almeida, 38-A, (Tel. 44000); **BARRAL** Rua Augusta, 225, (Tel. 361534); **REBOCHO** Rua Ten. Cor. Ribeiro dos Reis, 12-B, (Tel. 743871); **PINHEIRO** Rua Campo de Ourique 133, (Tel. 686640); **ALAMEDA** Alm. Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942); **MARLUS** Cç. da Picheleira, 140 B-C, (Tel. 880703); **FONTOURA DE CARVALHO** Rua Santos-o-Velho, 12, (Tel. 662075); **CORREIA** Est. Principal Lote 172, (Tel. 993148); **VAZ MARTINS** Rua António Ferro 6-A (Tel. 970660); **NOVA** Rua Açores, 11-A (Tel. 910305); **MATOS** Tv. Prioras (Viv. Morgadinho), (Tel. 2519939).

Outra Banda

ALMADA – Silva Júnior – Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (Tel. 2768030); **COVA DA PIEDADE – Cerqueira Afonso** – P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254); **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA – Carlos** – Av. do Mar, 23-A, Quinta de St.º António; **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. Almeida Garret, 1 (Tel. 2076454); **AMORA – Matos Lopes** – R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO – Giraldes** – R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALCABIDECHE – Carvalho – até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – Até às 21 horas; **CAXIAS – Nova** – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839), até às 22 horas; **CARCAVELOS – Central** – Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – – Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085), até às 21 horas; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691), até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Até às 21 horas; **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, (Tel. 2471785), até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueiro-Mendes** – Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL – S. João** – Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186), até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (Tel. 262313/267314), até às 22 horas; **CASCAIS – Misericórdia** – R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141), até às 21 horas; **Cascais** – R. Conde Monte Real - B.º Caimas (Tel. 282407), até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA – Helénica – R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613), permanente; **Girassol** – R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161), até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. D. Maria II, Lote D (Tel. 9710231); **QUELUZ – Gil** – Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliv.ª, 5 (Tel 2518669); **CACÉM – Garcia** – Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103) até às 24 horas; **AGUALVA – Cacém** – Mira Sintra - P. N. – Torre, 310, até às 20.30 horas; **MERCÊS – Claro Russo** – Permanente; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194), até às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (Tel. 2930832), permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088).

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Resende, 92 (T. 687011); **ALMEIDA CUNHA**, R. Formosa, 327 (T. 24874); **CONTUMIL**, R. de Contumil, 540 (T. 485755); **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636 (T. 21782); **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56 (T. 52782); **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855 (T. 60606); **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251 (T. 487113); **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622 (T. 54526); **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689.

DE DIA E TODA A NOITE

ORIENTAL, R. do Bonjardim, 727 (T. 27878); **CARDONA DOS SANTOS**, R. de D. Manuel II, 90 (T. 315051); **BIRRA**, P. da Liberdade, 125 (T. 20463); **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444 (T. 481687).

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

ADRIANA, P. da República, 20-22 (T. 23609); **ESTÁDIO**, R. do Brasil, 348-r/c (T. 72710).

teatros

VARIEDADES – «Isso é que Era Bom», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC – «Isto é Crazy Horse», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
SÃO LUIZ – «Os Sequestrados de Altona», às 21.15 (13 anos)
MARIA MATOS – «Ricardo e as Borboletas», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «Quando a Banda Tocar», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Chá dos Generais», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Rei, Capitão, Soldado, Ladrão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

CAPITÓLIO – «Sexo no Colegio», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE – «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Agiota», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Anzona Colt», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Freira Diabólica», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA – «Uma Gabriela dos Trópicos», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Os Comandos de Navarone», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «A Cidade Violenta», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «1900», às 21.30 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Jogo Duplo», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Operação Amsterdão», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Aventuras Amorosas de Robin dos Bosques», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Barracas na Praia», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Vêm aí os Chineses», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Gil Vicente – «Bullit», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Adolescente e o Quarentão», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Laranja Mecânica», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «A Batalha de Midway», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Loucos Sobre Rodas», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Demónios Sobre a Água», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Hiena do Karaté», às 21.30 (13 anos)

Outros Espectáculos

ALHANDRA – Salvador Marques – «O Assalto Final», às 21.30 (13 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO – S. José – «Crazy Horse em Paris», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cinestúdio – «Os Novos Monstros», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «A Cada um seu Inferno», às 21.15 (18 anos)

LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Obsessão», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Carreira de um Sedutor», às 21.30 (18 anos)

Porto

BEBÉ – «O Circo», às 21.45 (6 anos)
RIVOLI – «Papillon», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Gata em Fúria», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «A Guerra da Candonga», às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN – «Abba, o Filme», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Barracas na Praia», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «007 Aventura no Espaço», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Fuga para a Montanha Mágica», às 21.30 (6 anos)
ÁGUIA – «O Triturador», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «[illegible]ria», às 21.45 (13 anos)
CARLOS [illegible]s Justiças», às 21.45
CHARLOT – «Um Casamento» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Ultimo Comboio do Katanga», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Ali Babá e os 40 Ladrões», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A – «A Estrada do Amanhã», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «A Minha Mulher é Doida», às 21.45 (13 anos)

cinemas e teatros

abCINE — 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30
INTERIORS (INTIMIDADES)
Às 23.45
BANANAS
SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
MOONRATER – 007 AVENTURA NO ESPAÇO

ALVALADE — 897480

Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30
UMA SOMBRA NO AMOR
Com Sharmila Tagore, Rajesh Khanna e Raakhee
Não acons. men. 13 anos
3.ª Semana

APOLO — 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
23.ª Semana
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
Às 23.30 – N. ac men. 18 a.
A GRANDE BATALHA
de Sam Pelkelpah

AVIS — 547163

Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac men. 13 a.
A volta de um grande êxito popular!
O FILHO DE SPARTACUS
Uma aventura arrebatadora com Steve Reeves
2.ª Semana

BERNA — 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
BARRACAS NA PRAIA
c/ Josiane Balasko, Michel Blanc e Marie-Anne Chatel
Um filme de Patrice Leconte
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO — 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men 13 anos
GREASE
(Brilhantina)
c/John Travolta e Olivia Newton-John
um filme de Randal Kleiser – colorido
34.ª Semana

CASTIL — 580194

Rua Castilho
às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men 13 a
ALMAS PERDIDAS
c/ Catherine Deneuve e Vittorio Gassman
Um filme de Dino Risi

CINE 222 — Tel 579460

Av Praia da Vitoria, 37 (Ao Saldanha)
As 14 15 16.30 19 21 30
Nao acons. men 13 anos
EM NOME DO PAPA REI
às 23 45 h
NÃO acons men 18 anos
O OUTRO LADO DA MEIA NOITE
Todos os dias às 11 h
Para todos
TRÊS AVELÃS PARA CINDERELA

CINEBOLSO — 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12 30, 14 30, 16.45, 19 e 21 30
Int men 18 a
O desejo e a satisfação dos corpos
MORRER DE DESEJO
Às 24h
N ac. men 13 a
ADEUS INSPECTOR

CINE CAMÕES — 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A SOMBRA DE BRUCE LEE
c/ Lei Hsiao Lung e Chen Lei Ling

CONDES — 322523

Av da Liberdade, 2
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
int. men. 13 anos
BONEY M – O MUSICAL DO ANO
DISCO FEVER
E LA BIONDA-ERUPTION-TEENS

DOIS MIL — 2100055

Av Bombeiros Voluntarios, Lote 113 - Algés
Às 15.30 e 21.30 – Int. men. 13 a.
SARTANA CONTRA TODOS

D. JOÃO V — 971794

Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21.15 h
N ac. men. 18 a
BELO COMO UM ANJO

EDEN — 320768

P dos Restauradores, 21
14.00 16.30 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
Com eles tudo pode acontecer
TRÊS BONS INIMIGOS
c/ Franco Nero, Eli Wallach e Lynn Redgrave
Colorido

ESTUDIO — 555134

Av. Afonso Henriques, 35
15 30 18.30 e 21.30 h
Para todos
A mais espectacular, a mais extraordinária epopeia de aventuras
O FACHO E A FLECHA
c/ Burt Lancaster e Virginia Mayo

ESTUDIO 444 — 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 18.30 e [illegible].30
– Int. men. 13 a.
O drama do desemprego
O DIABO DESEMPREGADO
Uma comédia à francesa
c/ Jean Rochefort e Dominique Labourier

EUROPA — 661016

R. Almeida e Sousa, 35
Às 21.30 – Int. men. 13 a.
O CASO CONCORDE
c/ James Franciscus e Mimsy Farmer
Às 15.15 – N. ac. men. 13 a. – Última
CONTINUAM A CHAMAR-LHE TRINITÁ

IMPÉRIO — 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15 15, 18.30 e 21 30
– Int. men. 13 a.
O SONO DERRADEIRO
c/ Robert Mitchum e Sarah Miles
Realização de Michael Winner

LONDRES — 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– N ac. men. 13 a.
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
c/ Annie Girardot

LUMIAR — Telf. 795296

Calçada de Carriche
Às 21.30 – Int. men. 18 a
REFLEXOS DO PASSADO
c/ Terence Morgan e Peter Duncan

MONUMENTAL — 555131

P. Duque de Saldanha
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
DO INFERNO À VITÓRIA
c/ George Peppard, George Hamilton e Anny Duporey
Às 15.15 – Grupo B (10 a.) – Última
OS DEZ MANDAMENTOS

MONTECARLO — Tel. 681117

A. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Nao acons. men. 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO
História de amor que fascinou o mundo
(Parque de estacionamento privativo)
12.ª Semana

MUNDIAL — 538743

R. Martens Ferrao, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Inauguração da temporada
PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON
Suspense para além do imaginável!
Michael Caine - Sally Field, Telly Savalas
Int. a men. de 13 anos

NIMAS — 574362

Av 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30
– Pata Todos
JUBILEU RATO MICKEY
Um filme de Walt Disney

NOVOCINE — 840678

Av General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30 – Int. men. 18 a.
Espectacular, cruel, inesquecível
A LEI DO ÓDIO
c/ Charlton Heston e James Coburn

ODEON — 326283 4

R Condes, 12 a 20
[illegible] 19.15 e 21.30
int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de hoje
10.ª Semana

PATHÉ — 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
Susan Hayward Gregory Peck Ava Gardner
AS NEVES DE KILIMANJARO
O famoso romance de HEMINGWAY

POLITEAMA — 326305

R. Portas de St.ª Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
c/ Paola Corazzi e Giorgio Cerioni

QUARTETO — R. Flores do Lima, 16 — 771378

SALA 1: Às 15 17 19 21 23h
Nao acons men. 13 anos
KUNG FU À PORTUGUESA
SALA 2: Às 15, 17, 19 21 e 23 h
int. men. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES
SALA 3: Às 14 30 16 45 19 21 15 e 23 30 h
UM DIA
INESQUECIVEL
Nao acons. a men. 18 anos
SALA 4: Às 14 30 16 45 19 e 21 15 e 23 30h
int. men 13 anos
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE

RESTELO — 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men 13 a
O mais espectacular acontecimento da história do cinema!
SUPERMAN
c/ Marlon Brando
13.ª Semana

ROMA — 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21 30
– N. ac. men 18 a
Dramático e espectacular!
O CÃO
com Jason Miller e Lea Massari
2.ª Semana

ROXY — 548560

Av Almirante Reis, 20
14.15 16.30 18.45 e 21.30 h
Não acons. men 13 anos
OS TIGRES DO MAR
c/ Alexander Fu Sheng e David Chiang
Colorido

SÃO JORGE — 579144-579344

Av da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
MOONRATER – AVENTURA NO ESPAÇO
c/ Roger Moore
3.ª Semana

SATÉLITE — 562632

Av Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15, 17, 19 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
UMA LIÇÃO DE AMOR
Um filme de Ingmar Bergman
4.ª Semana

STAR — 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18 e 21.30 – N. ac. men 13 a
Um filme divertidíssimo
O GRANDE ACONTECIMENTO
«MATILDA»
c/ Elliot Gold e Robert Mitchum
2.ª semana

TERMINAL — 371573

Estaçao do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 21.30 e 23.30
AMOR SEM PROMESSA
Um breve encontro para viverem o amor de toda uma vida
Peter Fonda, Lindsay Wagner
Não acons. a men. 13 anos

TIVOLI — 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
JUBILEU RATO MICKEY
Technicolor
2.ª Semana

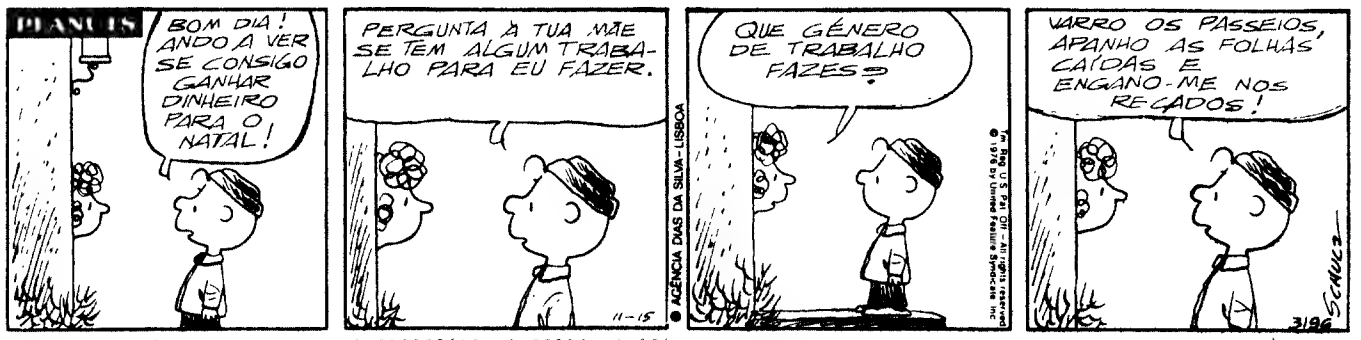
VOX — 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15. 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O Espectáculo das suas férias
O HOTEL DA PRAIA

ZODÍACO — Tel. 570551

Rua Conde de Redondo, 5
14 15 16.30 19 e 21.30 h
OUTONO ESCALDANTE
Não acons. men. de 18 anos
c/ Alan Delon

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 654531/2/3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44 TELEFONES 321154/5 328271 2 3 320229 372 81 / PUBLICIDADE 368740
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154 MENSAGENS GRAVADAS 320279
• ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA TELEX 12361 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 30 2 TELEFONES 20954 5

PSD E "REFORMADORES": ACORDO ESTA TARDE

Casqueiro, Sousa Tavares e Medeiros Ferreira no bloco eleitoral da Direita

O acordo dos «reformadores» com o PSD retira à «Aliança Democrática» o carácter de bloco de direita – afirmou esta manhã ao «DL», o director de «A Capital», dr. Sousa Tavares, justificando, assim, a sua provável presença nas listas da AD como primeiro candidato pelo círculo de Évora. O ex-militante do PS (que deixará a direcção daquele vespertino, conforme já anunciou, no caso de ser eleito) afirmara há dias que nunca participaria num bloco de direita contra a esquerda. Sousa Tavares adiantou, ainda, que estará presente esta tarde na sede do PSD a assistir ao acto de assinatura do «Acordo de Cooperação Política e Eleitoral» de que serão subscritores, Sá Carneiro e Leonardo Ribeiro, pelo PSD, e António Barreto e Medeiros Ferreira pelos «Reformadores».

Entretanto, um matutino próximo das posições da «AD» refere que os «reformadores» puseram como condição para a concretização do citado acordo eleitoral a presença de cinco elementos em condições e em listas que permitam a sua eleição e formação de um agrupamento parlamentar. Os cinco candidatos seriam Medeiros Ferreira (o quarto na lista da AD por Lisboa), Sousa Tavares (Évora), Adão e Silva (Aveiro), Nuno Godinho de Matos (Santarém) e Luís Roseira (Porto).

Segundo a mesma fonte o acordo prevê identidade de pontos de vista quanto à revisão da Constituição através de referendo e aprovação de nova Lei Eleitoral que preveja a candidatura de cidadãos não filiados em partidos.

Prevê-se, por outro lado, a circulação de um extenso documento de apoio à inclusão de «reformadores» nas listas da AD. Tal documento teria já sido subscrito, entre outros, por Medina Carreira, Barreto, Manuel de Lucena, Vítor Cunha Rego, Sérgio Mourão, Vilhena de Andrade, João de Araújo Correia e José de Vasconcelos Abreu.

CASQUEIRO EM PORTALEGRE?

Desenvolvendo acelerada actividade e propaganda, a Aliança PSD-CDS-PPM-reformadores pôs já a circular outros nomes sonantes da sua área política, que deverão ser incluídos nas respectivas listas via PSD. Assim, admite-se a participação do chefe da CAP, José Casqueiro, no círculo de Portalegre, de Helena Roseta (Setúbal), Pedro Roseta (Castelo Branco), Pinto Balsemão (Porto), Amândio de Azevedo (Vila Real), Mário Raposo (Coimbra), Leonardo Ribeiro (Santarém), Ângelo Correia (Aveiro) José Vitorino (Faro) e Eleutério de Aguiar (Bragança).

Entretanto, a hipótese de fusão PSD-CDS, anunciada em Monchique por Rui de Oliveira, secretário-geral do CDS, foi desmentida por Ângelo Correia (PSD) e pelos próprios «centristas» em comunicado onde referem tratar-se apenas de «uma hipótese somente a longo prazo» e de uma «opinião pessoal» que «não corresponde, porém, à da direcção do partido».

PINHEIRO DE AZEVEDO N.º 1 DO PDC NO PORTO

Entretanto, um dirigente do PDC anunciou em Viseu que o almirante Pinheiro de Azevedo encabeçará a lista daquele partido pelo círculo do Porto, como independente. Outro nome previsto para um dos círculos nacionais será Pacheco de Amorim.

De qualquer modo, só no próximo sábado, em Viseu, será definida a composição final das listas do PDC e o debate sobre a proposta dos delegados do Norte de propor à Aliança PSD-CDS-PPM a «integração nas suas listas sem qualquer definição de lugares», segundo um informador citado pelo «DN».

ESPANHA

Continua o "terrorismo telefónico"

MADRID (no nosso correspondente FJ) – Depois do assassinato, no domingo, do governador militar de Guipúscoa, e da tentativa de assalto, por um comando ao quartel da Guarda Civil em Lecumberi (Guipúscoa), uma onda de «terrorismo telefónico» estendeu-se ontem por diversos pontos de Espanha, num claro intento de lançar o pânico entre a população e criar um clima de tensão máxima.

Só na manhã de ontem, registaram-se dezenas de avisos telefónicos, advertindo que tinham sido colocadas bombas em centros oficiais ou públicos, como o Ministério da Fazenda ou o Edifício dos Julgados. As chamadas eram falsas.

Também ontem de manhã se registou uma tentativa de assassinato contra o alcaide da localidade de Hernani (Guipúscoa, País Basco), militante de Herri Batasuna, coligação independentista apoiada pela ETA militar. Este atentado frustrado faz pensar que forças que se consideram parapoliciais pretendem advertir que haverá represálias por cada assassinato que a ETA começa no País Basco.

A tensão militar, de acordo com fontes bem informadas, manteve-se ontem «estacionária», mas «existe uma alta temperatura nos quartéis», segundo comunicou um oficial do Exército ao correspondente do «DL». Um periódico ultradireitista de Madrid, «El Alcázar», fazia ontem uma chamada para que «as instituições salvem a Espanha, que está doente», num claro apelo à intervenção do Exército. No domingo, em entrevista concedida ao diário conservador «ABC», o general Milans del Bosch, um dos oficiais considerados mais conservadores e com prestígio entre os seus companheiros de armas, declarava: «O Exército deve intervir quando se evidenciar que as leis, a acção policial e a judicial se revelarem insuficientes».

Burla com cheques alheios

Falsificou pelo menos cinquenta cheques para liquidar outros tantos lotes de antiguidades e artigos de decoração que adquiria a pessoas que antes tinham colocado anúncios nos jornais. Foi agora preso e a Polícia Judiciária suspeita que haja muitos mais ofendidos lesados por este indivíduo, Saavedra de seu nome, com 45 anos e sem qualquer profissão conhecida.

Os cheques provinham da actividade de carteiristas seus conhecidos, aos quais só interessando as notas de banco lhe cediam os cheques. Por sua vês, o burlão, dirigia-se a casa dos anunciantes e adquiria os artigos à venda, pagando com os cheques referidos, depois de os preencher e assinar. Só que os anunciantes nunca conseguiram levantá-los por a falsificação ser deficiente, ou por os bancos estarem já avisados do furto daqueles cheques.

(Hoje 28 páginas)

Varela Gomes em liberdade até conclusão do processo mas como oficial...miliciano

O coronel Varela Gomes aguardará em liberdade a conclusão do seu processo, decidiu o juiz-instrutor da Polícia Judiciária Militar a quem aquele oficial do Exército se apresentou ontem para prestar declarações na qualidade de arguido.

Regressado no sábado de Moçambique, após quase quatro anos de exílio político naquele país e na República Popular de Angola, Varela Gomes, um dos militares que ao longo da sua carreira mais frontalmente se bateu contra o fascismo ficará apresentado no Governo Militar de Lisboa, na situação verdadeiramente incompreensível de «oficial do quadro de complemento» (miliciano).

Tal situação constitui uma atitude discricionária das autoridades militares que ninguém sabe justificar a não ser por razões obviamente políticas.

Como é possível um oficial do Quadro Permanente (carreira) passar para o Quadro de Complemento (milicianos)?

No antigo Código de Justiça Militar existia uma disposição segundo a qual um militar desertor por mais de 90 dias, na sua ausência fosse colocado, para efeitos administrativos, no Quadro de Complemento. No entanto, já nessa altura a legislação previa e esclarecia que logo que esse militar se apresentasse regressava à situação anterior, ou seja, ao Quadro Permanente (oficial de carreira) a fim de ser julgado como tal.

O actual Código de Justiça Militar não deixa margem para dúvidas. Não prevê a passagem de qualquer oficial do Quadro Permanente ao Quadro de Complemento antes de ser julgado. A passagem ao QC é pois uma pena acessória resultante da principal pena (prisão, etc.).

O coronel Varela Gomes e diversos outros militares encontram-se pois numa situação jurídico-militar que não tem qualquer cobertura legal e dela resulta, para além de danos morais irreparáveis, uma situação absurda de injustiça e discriminação, incompreendida pela maioria dos militares, inclusivamente por aqueles embora nunca se identificando com as posições ideológicas destes oficiais, e até as combatendo, entendem que a instituição militar deve ser regida por princípios de justiça onde não tenham lugar equívocos ou subterfúgios.

Apesar de terem prestado longos anos de serviço nas Forças Armadas, nas missões mais difíceis, e de terem descontado para os serviços sociais e para a reserva, Varela Gomes e os seus camaradas de armas atingidos por este acto discriminatório, não só não recebem qualquer vencimento ou pensão como, nem eles nem os seus familiares, beneficiam de assistência médica, social, etc. Protagonistas importantes no acto de libertação do povo português, são agora, na sua pátria libertada, cidadãos de segunda ordem.

Até o próprio Silva Pais, o grande chefe da PIDE, é major na reserva, invoca a sua qualidade de oficial comparecendo fardado nos julgamentos e aufere a respectiva pensão de reserva, tal como outros altos dignitários do fascismo.

Em cada vez mais amplos sectores militares também não se compreende a desigualdade de tratamento de militares também desertores no 11 de Março, que não só foram reintegrados no Quadro Permanente, receberam todos os retroactivos e foram promovidos, como se encontram ao serviço em funções de responsabilidade, como é o caso de alguns oficiais pilotos.

Morreu o número 3 do PC da Albânia

Hysni Kapo, membro do gabinete político e secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, faleceu no domingo em consequência «duma grave doença», anunciou hoje (terça-feira a agência ATA, terceira personalidade do partido.

Delegação da Ford esteve no Porto

Conforme estava previsto, uma nova delegação da Ford, constituída por cinco elementos e da qual fazem parte o vice-presidente do Conselho de Administração e o presidente da Ford Europa, Charles Luntz, encontra-se desde domingo em Portugal para novo ciclo de negociações com o Governo Português, com vista ao possível investimento de 60 milhões de contos em Portugal na indústria automobilística.

Ontem a delegação teve encontros com o ministro da Indústria e Tecnologia, Marques Videira, com o secretário de Estado das Indústrias Extractivas e Transformadoras, José Ferreira do Amaral e com representações de partidos políticos.

Os homens da Ford estiveram também em Sines, um dos locais previstos para a eventual instalação da nova fábrica que aquela companhia pretende construir na Europa. Acompanharam-na responsáveis do Gabinete da Área de Sines e outras individualidades, mas tanto os americanos como os elementos que constituem a delegação portuguesa às respectivas negociações furtaram-se a qualquer declaração aos órgãos de Comunicação Social.

Hoje a delegação encontra-se no Norte do País, deslocação que, segundo pudemos apurar não se encontraria no programa, o que faz prever a eventualidade do Norte do País poder constituir também zona de interesse para aquele investimento, além de que, situando-se no Norte algumas das mais importantes industrias de acessórios e componentes, justifica-se um interesse dos negociadores em avaliar as suas possibilidades de colaboração.

Em princípio, e segundo informações não confirmadas, a Ford manifestaria particular interesse por Setúbal, cujo porto oferece boas condições a par da existência de outras vantagens, mas o Governo preferia ver o investimento em Sines pois isso contribuiria para a reconversão necessária daquele controverso empreendimento.

Entretanto a eventualidade deste vultuoso investimento vir a ser feito em Portugal excita já os meios internacionais, e o comissário da indústria da CEE, a quem se atribui a afirmação de que no caso de Ford construir a sua nova fábrica em Portugal. isso implicaria uma revisão das condições dadas pela CEE ao sector automobilístico português, desmentiu ter prestado quaisquer declarações nesse sentido, acrescentando que a CEE «desconhece» se o investimento da Ford será efectuado em Portugal. Ettienne Avignon, o ministro em causa, sublinhou que aquilo que tinha dito era que «se o investimento da Ford se concretizasse em Portugal, nos termos divulgados pela Imprensa, ele alteraria o contexto do problema dos automóveis para o prolongamento desse protocolo entre a CEE e Portugal».

A delegação da Ford deixa esta tarde o nosso país.

Mário Ruivo no Ministério da Coordenação Cultural

O dr. Mário Ruivo acaba de ser requisitado pelo ministro da Coordenação Cultural,e Ciência da Cultura dr. Sedas Nunes, para funções de apoio técnico ao gabinete daquele membro do Governo em matérias de ciência e tecnologia. O despacho ministerial hoje publicado no «Diário da República» não deixa de constituir uma nota de dignidade para o V Governo que entendeu assim dever reparar as perseguições pessoais e discriminações de que Mário Ruivo foi alvo por parte de Vaz Portugal e João Albuquerque, respectivamente titulares do MAP e da Secretaria de Estado das Pescas nos III e IV Governos.

LONDRES 1 SEMANA
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
1 SEMANA-8 dias
SÉRIE A-Domingos (todo o ano)
SÉRIE B-5.as feiras (até 25/10)
FIM DE SEMANA-4 dias
Quintas a Domingos
MINI SEMANA-5 dias
Domingos a Quintas
Preços excepcionais desde * 7420$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação: "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO.
LISBOA Av. da Liberdade 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2
FARO Av. da República 124 Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho 1 Telefs. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

QUADROS A ÓLEO
Assim como lustres, candeeiros, estatuetas, bibelots e peças decorativas, encontrará enorme variedade na:
GALERIA ACTUAL — MÓVEIS E DECORAÇÕES
Avenida da República, 12 (perto do Saldanha)

EXTERNATOS
ACRÓPOLE
RUA DAS CHAGAS, 16
TEL. 32 74 09
(ao Chiado)
NOVO RUMO
PRAÇA LUIS CAMÕES, 6-1
TEL. 36 14 26
INICIO DAS AULAS 2 DE OUTUBRO
PREPARATORIO COM PARALELISMO
GERAL — COMPLEMENTAR — PROPEDEUTICO
MANHÃ TARDE NOITE

SÉNECA

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 37/79
Terça-feira, 25 de Setembro de 1979

CUBA: A base americana de Guantánamo

CHILE: Declaração da Direcção das Coordenadoras Regionais

JAMAICA: Bauxite e multinacionais

EUROPA: Parlamento começa mal

Os êxitos de Arafat na Europa

Recebido muito oficialmente em Madrid com todas as honras devidas a um chefe de governo, Yasser Arafat, teve logo no dia da sua chegada uma primeira conversa com o primeiro-ministro, antes de se avistar com os dirigentes dos principais partidos da oposição. Segundo um porta-voz do presidente da OLP, Adolfo Suarez garantiu-lhe «o apoio da Espanha à causa palestiniana e à luta travada pelo povo palestiniano e pelos dirigentes da OLP».

Este acolhimento espectacular e caloroso não é de molde a surpreender vindo dum país que, por multiplas razões, nunca estabeleceu relações diplomáticas como Estado de Israel. O seu significado e a sua importância residem, contudo, no facto de a visita estar inserida num movimento que se esta a intensificar na Europa a favor do reconhecimento da «central» dos **fedayin** como único representante do povo palestiniano.

A Europa dos Nove pronunciou-se no passado mês de Junho pela concretização dos «direitos legítimos do povo palestiniano, incluindo o de dispor de uma pátria».

Este texto aparentemente anódino, embora assinale uma nítida viragem em relação a tomadas de posição anteriores da CEE, não deve dar azo a ilusões: os países membros não quiseram comprometer-se mais claramente levados mais por razões de prudência do que por convicção. Não querendo chocar frontalmente os EUA e Israel, com os quais mantêm relações por vezes estreitas, optaram por diligências mais simples, cujas etapas podem ser referenciadas.

A maioria dos países da Europa Ocidental têem vindo a autorizar, um após outro, a abertura de escritórios da OLP nas suas capitais. Em Ankara – e não tardará muito que o mesmo aconteça em Atenas – os representantes de Arafat gozam de privilégios diplomáticos. Em Paris, onde Ibrahim Souss tem igualmente estatuto oficial, o «ministro dos Negócios Estrangeiros» do movimento palestiniano, Kaddumi, teve recentemente uma «entrevista cordeal» com o chefe de diplomacia francesa. Em Roma, os principais partidos políticos, com a Democracia Cristã à cabeça, concluíram um acordo para o receberem por ocasião de um colóquio que se vai realizar no fim do mês em Roma sobre o conflito no Médio Oriente.

A República Federal Alemã e a Holanda, dantes «incondicionais» apoiantes da política de Israel, tomaram já bastante distância em relação ao Estado judaico, de tal modo que hoje se pode falar de «mal-estar» ou «deterioração» das suas relações com Telavive.

O acontecimento mais significativo dos últimos meses foi, sem dúvida, o encontro em Viena entre Arafat, o ex-chanceler oeste-alemão Willy Brandt, e o chanceler austríaco, Bruno Kresskv.

Este último passa agora no seio da Internacional Socialista, por ser o campeão do reconhecimento da OLP como único «interlocutor válido» de Israel em eventuais negociações de paz.

Muitas razões explicam esta evolução. O medo de uma crise dramática no Médio Oriente, susceptível de pôr em causa o abastecimento de petróleo na Europa, é, sem dúvida, fundamental. Mas o Velho Continente (como aliás o Novo) vai-se capacitando cada vez mais de uma realidade fundamental: apesar das suas debilidades, dos seus erros, das suas inconsequências, das suas incoerências se tal é permitido dizer, a OLP continua a beneficiar da confiança e do apoio indefectível da quase totalidade dos palestinianos. Nada de duradouro pode ser feito sem ela e ainda menos contra ela.

Daí a fragilidade e o perigo inerente aos acordos de Camp David. Daí também o crescente isolamento de Israel ●

O Parlamento Europeu começa mal

■ **Le Monde**

A Assembleia Europeia, reunida em Estrasburgo, começa de facto mal. Se quisesse dar razão aos seus detractores, a melhor coisa que tinha a fazer era exactamente aquela que fez: inscrever uma questão sobre armamentos na ordem do dia. Michel Debré, que tanto tem batalhado contra o Parlamento Europeu, pode cantar triunfo: o secretariado presta-se àquilo que ele sempre tem denunciado: a propensão dos deputados europeus para aumentarem o seu poder, com toda a irresponsabilidade, no terreno mais perigoso, que é o da defesa.

A questão levantada por um democrata-cristão alemão, von Hassel, e um conservador britânico, Fergusson, não deixa de ser subtil: os dois deputados pedem à Comissão que «faça saber se tem a intenção de entrar em contacto com a NATO e com os serviços competentes dos Estados membros para elaborar programas comunitários de fornecimentos de armas no quadro da política industrial». A referência à política industrial é um alibi: como a indústria releva da CEE e como os programas de armamento relevam da indústria, a política de armamento (e por via desta, a da defesa também) ficaria sob a alçada da Assembleia.

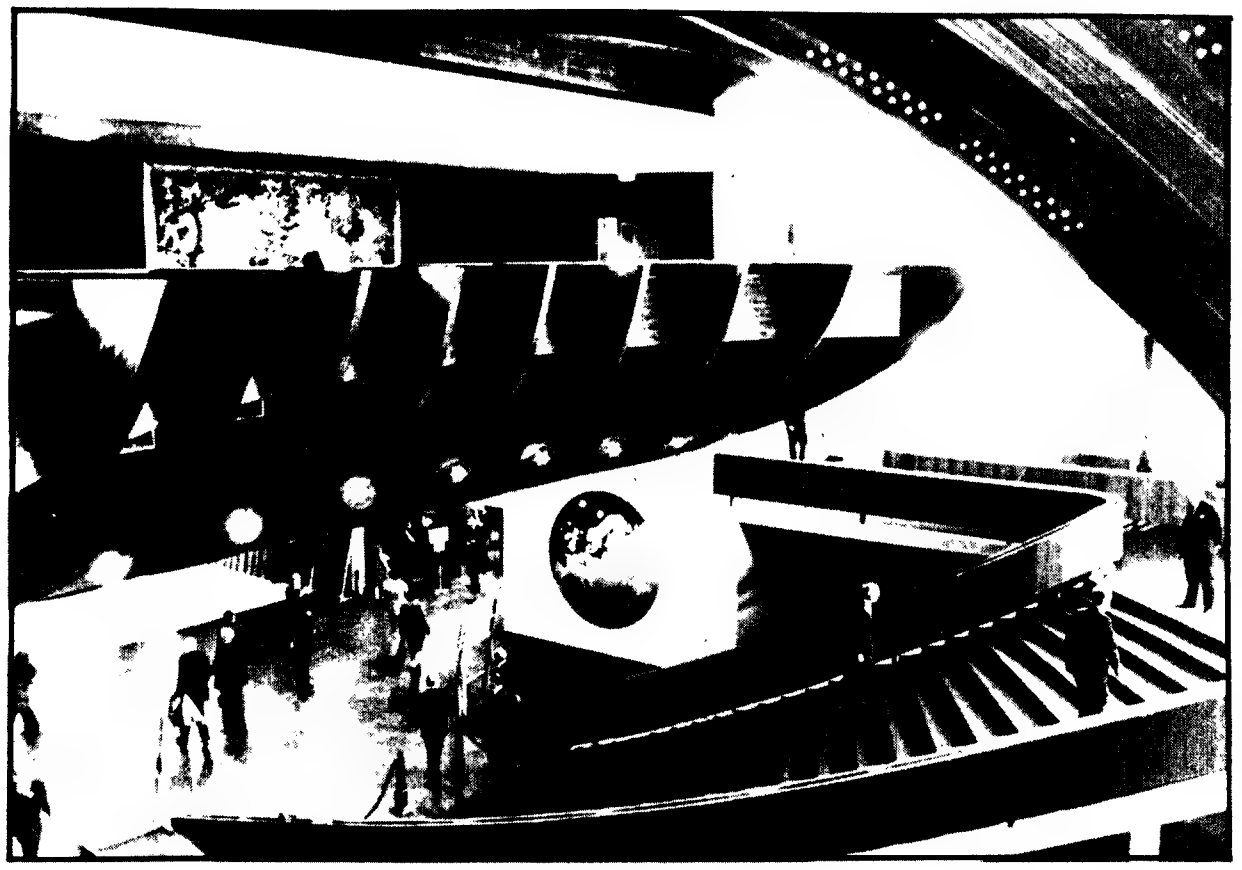
Ao mesmo tempo, os dois deputados, sugerindo à Comissão (órgão executivo da CEE) que debata a questão com a NATO, não podia dar à sua pergunta um tom mais provocatório. A Comissão é, por natureza, supranacional e a NATO (muitas vezes confundida com os comandos aliados integrados) é uma organização americano-europeia: aí estão dois panos vermelhos agitados provocatoriamente diante dos olhos dos franceses, e, muito particularmente, dos gaulistas e comunistas.

A política do governo de Paris, até aqui clara, devia ser reafirmada, perante este caso. No dia 14 de Julho de 1978, a Assembleia Europeia pronunciara-se já a favor da criação de uma agência comunitária para a produção de armamento. Em nome da Comissão, o comissário para a Indústria, Davignon, considerara possível uma abordagem comunitária, sublinhando, contudo, que a defesa se situava para lá do Tratado de Roma. O ministro francês dos Negócios Estrangieros, Guiringaud, respondendo no «Journal Officiel» às inquietações de Michel Debré e de um outro deputado RPR (gaulista), considerou a atitude de Davignon «criticável».

Mais equívoco é o ponto de vista dos giscardianos. Segundo Simone Veil, só os deputados RPR e comunistas acharam que o tema não podia ser aceite para discussão. Mas ela entendeu que não podia recusar a inscrição do tema na ordem do dia, muito embora politicamente pudesse vir a bater-se para convencer a maioria do secretariado de que estava a seguir um caminho errado.

Este caso levanta outras questões. Primeiro, como os socialistas sublinham, a Assembleia faltaria ao respeito a si própria deixando-se lançar em querelas sem fim em vez de tratar de assuntos urgentes e que manifestamente estão dentro das suas atribuições: emprego, orçamento, excedentes agrícolas, etc.

Depois, a Assembleia diminuiria também uma boa causa: exactamente essa da defesa europeia. Apropriando-se dela, em desprezo dos tratados, sugerindo que nesse domínio possam ser devolvidas responsabilidades à Comissão e à NATO, os deputados europeus fingem ignorar que a defesa e o armamento relevam necessariamente da responsabilidade dos governos. A única cooperação realista nesta matéria só pode ser a intergovernamental. E isso o que se prevê no plano Fouchet – bíblia da Europa gaulista – e que esta contido no tratado franco-alemão. Se os deputados europeus insistirem em debater a defesa, então que o façam na assembleia consultiva que já existe precisamente para isso, a da União da Europa Ocidental, assembleia essa que o deputado von Hassel deve ter presente no espírito mais do que ninguém, porque é ele que lhe preside. ●



JAMAICA

Bauxite e multinacionais

■ Jorge Velasquez
□ Prensa Latina

Partindo do princípio de que a Jamaica deveria beneficiar do seu principal recurso natural, o Governo liderado por Michael Manley, a partir do momento em que assumiu o poder, em 1972, orientou a sua governação no sentido do controlo da sua produção e comercialização.

A Jamaica, com 10 mil 962 quilómetros quadrados e dois milhões de habitantes é o segundo produtor mundial, a seguir à Austrália, e o primeiro exportador mundial desse mineral explorado pelos consórcios norte-americanos «Aluminium Company of America» (ALCOA); «Reynolds Metal Company»; «Kaiser Aluminium and Chemical»; «Anaconda Company»; «Revere Copper and Brass Company» e a empresa canadiana «Aluminium of Canada» (ALCAN).

A nação antilhana entrou em confronto aberto com essas seis organizações que trabalham o metal branco a nível mundial, a partir do momento em que o Governo fixou, em Maio do ano passado, um imposto de 7,5 por cento por tonelada de bauxite exportada e anunciou o seu propósito de recuperar 200 mil acres de terra em poder das transnacionais.

Essas companhias, com refinarias nos Estados Unidos e no Canadá, extraem, processam e comercializam todos os anos entre 13 e 15 milhões de toneladas de bauxite, só pagando ao Estado jamaicano cerca de 25 milhões de dólares pela exploração.

A BAUXITE: RIQUEZA BÁSICA JAMAICANA

A Jamaica contém no seu solo reservas de cerca de mil e 500 milhões de toneladas desse mineral, que, calcula-se, poderão durar mais de 60 anos, e cuja exploração é 80 por cento controlada pelo grupo de que fazem parte os consórcios indicados.

Um pouco mais de 60 por cento dessa produção é exportada para os Estados Unidos, que por sua vez importam cerca de 92 por cento para a sua indústria, dado que as reservas das suas jazidas de bauxite no Alabama, Arkansas e entre 45 e 75 por cento de alumina com óxido de ferro, sílica, cal, magnésio e ácido titânico, serve para obter alumínio dos seus compostos.

A história da bauxite jamaicana, principal produto da economia da ilha, começa nos anos 40, altura em que foi descoberta a existência de grandes quantidades, de boa qualidade, desse mineral.

A bauxite tem um amplo campo de aplicação nas indústrias metalúrgicas, aeronáutica, petroquímica, automóvel, papel, vidro, electrónica, arquitectura, no fabrico de utensílios de cozinha e muitos outros.

A CHEGADA DAS TRANSNACIONAIS

Com a crescente procura de alumínio nos mercados internacionais, as empresas «Reynolds Metal Company», «Kaiser Chemical Corporation» e «Aluminium Company of Canada» atiraram-se sobre o solo jamaicano em 1950.

Dois anos mais tarde foram iniciadas as operações de extracção e processamento do minério à escala industrial e, em cerca de quinze anos, os produtos tradicionalmente exportados, como o açúcar de cana, a banana e os cítricos ficaram relegados para segundo plano.

No seu livro «Uma Voz no Local de Trabalho» Manley declara que a partir de 1952 teve início a luta contra as firmas estrangeiras, com a criação da Federação Regional de trabalhadores de bauxite, altura em que essas companhias só pagavam cerca de 14,22 cêntimos do dólar por hora ao trabalhador mineiro, enquanto os trabalhadores norte-americanos recebem dez vezes mais, pelo mesmo tempo de trabalho.

Manley iniciou a sua actividade sindical na União Nacional de Trabalhadores, criada em Abril de 1952 e teve uma participação activa na greve de 1963 contra a «Alcan», uma das principais empresas de bauxite, assim como nas sucessivas lutas reivindicativas dos trabalhadores do seu país.

A BATALHA A FAVOR DA BAUXITE

O confronto com os monopólios que exploravam a bauxite na área antilhana levou a que a Jamaica, a Guiana, a Trinidad, Tobago e Suriname se unissem com o objectivo de criar a Federação de Trabalhadores Mineiros de Bauxite das Caraíbas, fundada em 1964, organismo dirigido por Manley até 1974.

Com o fim de melhorar a situação do país, após a sua vitória eleitoral em 1972, o primeiro-ministro da Jamaica, elaborou um programa económico dirigido no sentido de recuperar as terras, negociar os contratos mineiros e criar um fundo de maneio destinado à compra de complexos de refinaria com a participação de países latino-americanos e nações de expressão inglesa das Caraíbas.

Após dois anos de actividade diplomática sob a iniciativa de Manley, a Jamaica, a Austrália, a Guiné, a Jugoslávia, a Serra Leoa, o Ghana, Trinidad-Tobago, Suriname, a República Dominicana e o Haiti criaram a Associação Internacional de Bauxite, em Março de 1974, em Conacri, Guiné, para defender os interesses comuns.

Nesse ano, o Governo jamaicano programou uma política de impostos para elevar os seus rendimentos de 25 a 200 milhões de dólares.

A crise energética internacional, que afectou a economia da ilha, provocando um défice de 85 milhões de dólares na sua balanca comercial em 1973, fez com que o Governo intensificasse as suas tentativas no sentido de conseguir melhores preços para o bauxite.

UM PREÇO JUSTO

Com esse fim, Manley realizou sucessivas entrevistas com o primeiro-ministro do Canadá, Pierre Trudeau, em Otawa e com o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, em Washington, durante o mês de Março de 1974, com os quais discutiu os preços, os montantes pagos ao Estado e a posicão das companhias mineiras na ilha caribenha.

Hichael Manley, Primeiro-Ministro da Jamaica

Passados dias anunciou a lei de aumento do preço e imposto sobe a bauxite e deu a conhecer que, juntamente com essas medidas, seria promulgada uma lei para rever e regulamentar a posse da terra nas mãos estrangeiras, o que permitiria ao Estado jamaicano controlar os seus recursos naturais.

As medidas que contaram com o apoio de sectores sindicais e estudantis e que foram aplicadas no ano passado, elevaram de 2,50 para 11,72 dólares o preço por tonelada exportada e o Estado adquiriu 51 por cento das acções das transnacionais norte-americanas «Kaiser Aluminium Company» e «Reynolds Metal». Recentemente foram anunciadas negociações para a participação e controlo do Estado nas actividades da Alcoa.

O CONFRONTO COM AS TRANSNACIONAIS

Como resultado dessas medidas em benefício da economia do país, os consórcios do alumínio montaram uma campanha de hostilidade contra o Governo da Jamaica e ameaçaram-no inclusivamente de deslocarem as suas compras para a Austrália.

Porém essa fonte de ofertas, devido à grande distância a que se encontrava, implicava um custo quatro dólares mais caro por tonelada, em comparação com a bauxite e o alumínio jamaicanos, o que levou a futuras reflexões do problema da aquisição deste minério, de importância vital para a indústria norte-americana.

As transnacionais aumentaram a sua campanha contra o Governo de Manley e procuraram desestabilizá-lo, com a apoio declarado da reacção interna.

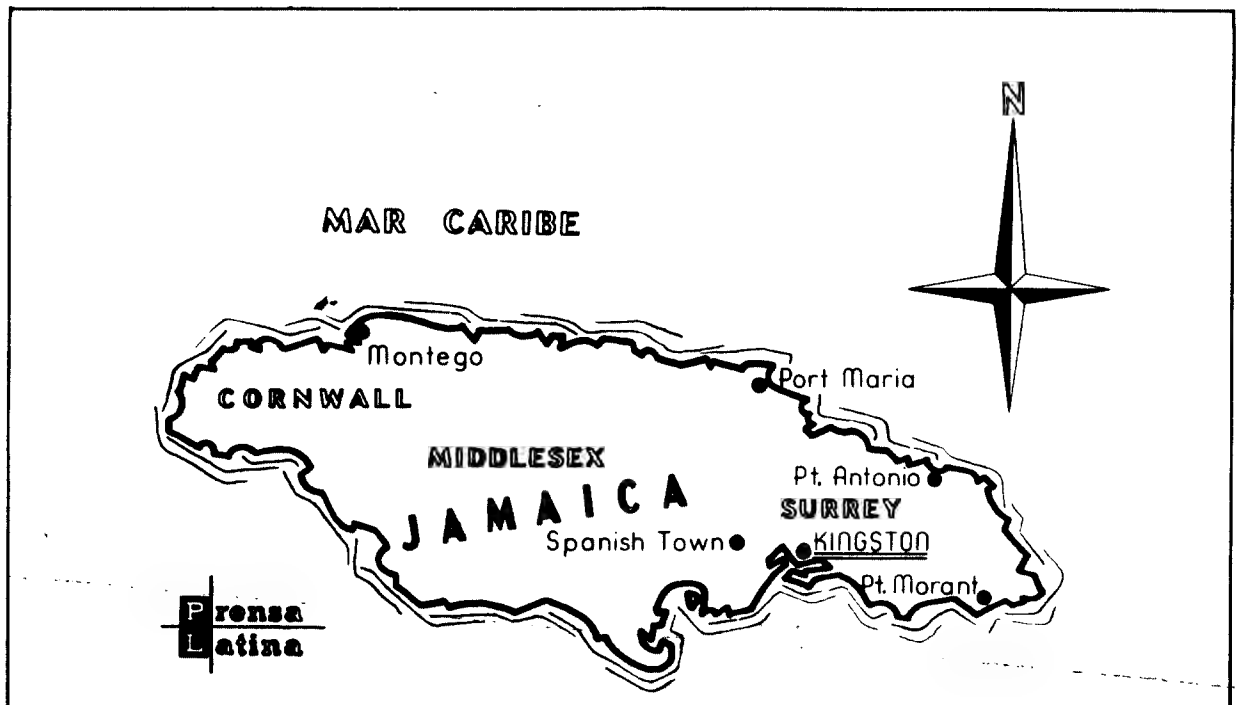
Por várias ocasiões as seis empresas de bauxite que actuam na ilha interromperam as suas actividades, despediram trabalhadores e argumentaram diminuição da produtividade nas fábricas.

Em Outubro do ano passado, as companhias mineiras, em represália contra as medidas ditadas pelo Governo da Jamaica, as quais deram um benefício ao país de 300 milhões de dólares, segundo o que se apurou no fim de 1975, alegaram redução da produção e continuaram a despedir trabalhadores.

O encerramento das fábricas da «Kaiser», «Alcoa», «Reynolds» e «Alcan» em Fevereiro último, em resposta às medidas do Governo e a procura dos trabalhadores por um aumento salarial e novos contratos colectivos de trabalho foi prolongada a instabilidade na produção.

O Conselho Nacional da Bauxite, ligado à União dos Trabalhadores Jamaicanos, solicitou a nacionalização e o controlo das empresas que exploram esse minério.

A agitação laboral provocada pelos consórcios do sector mineiro aumentou quando o Governo anunciou a conquista de novos mercados na Africa do Norte e em países socialistas.



A Jamaica contém no seu solo reservas de cerca de mil e 500 milhões de toneladas de bauxite que, segundo se calcula, poderão durar mais de 60 anos.

AS CARAÍBAS UNEM-SE

Também a Jamaica e o México disporão de um complexo produtor de alumina e alumínio por intermédio da constituição de uma empresa multinacional mista e a ilha e a Venezuela encarregar-se-ão da instalação de fábricas de refinação de alumínio nos seus próprios territórios.

Serão construídas mais duas refinarias na Jamaica, Guiana e Trinidad-Tobago, segundo planos já elaborados.

A ilha propõe-se, aliás, aumentar os seus planos de produção de arroz, de cítricos, de cana de açúcar e proporcionar aos pequenos agricultores estímulos financeiros e assistência técnica.

A Jamaica, juntamente com as nações de expressão inglesa das Caraíbas, desenvolve uma política integracionista de defesa dos seus recursos naturais.

A DEFESA DO CONTROLO

Desde a subida de Manley ao poder, em Março de 1972, essa linha de acção tem-se traduzido numa activa participação da Jamaica nas assembleias internacionais onde têm sido debatidos os problemas das matérias-primas.

O resultado das negociações com as transnacionais, representa um passo importante para o avanço do Governo de Manley, dado que, desta forma, diminui a influência dos consórcios norte-americanos no controlo do principal produto exportável da economia nacional. ●

Convergências sino-americanas

■ **Le Monde**

Não obstante a aproximação que tinha sido consagrada há oito meses, com o recomeço das relações diplomáticas, a convergência de interesses entre a China e os Estados Unidos nunca foi tão evidente como a demonstrada pelo vice-presidente americano durante a sua visita oficial a Pequim – que terminou no passado dia 29 – e o calor do acolhimento dispensado ao visitante por Hua Guofeng e Deng Xiaoping. Sete anos depois

do comunicado de Xangai que, no final da visita de Nixon, assinalava a reconciliação, a China, considerada durante muito tempo pelos americanos, como defensora de uma ideologia apelidada de «perigo amarelo», tornou-se uma amiga privilegiada face às ameaças «hegemonistas» do «urso polar» soviético, para utilizar a expressão de Brzezinski, no ano passado em Pequim.

Apesar de tentar disfarçar, Mondale tomou claramente uma posição favorável à China. A sua afirmação, segundo a qual a política da China ia «ao encontro dos interesses americanos» e o seu apoio implícito à política de Pequim no sudeste asiático, não deixaria de irritar vivamente o Kremlin. Hanói apressou-se a denunciar o «concluio» sino-americano.

Sobre o Camboja, o vice-presidente foi ainda mais claro: «Estamos convencidos – afirmou após o seu encontro com Hua Kuofeng, que uma ocupação vietnamita do Camboja é indefensável e que o Governo fantoche nomeado pelo Vietname é inaceitável». Criticou, em seguida, «a política de expulsão da etnia chinesa» praticada por Hanói, reafirmando que sem a resolução destes problemas não era possível normalizar as relações entre os Estados Unidos e o Vietname.

Mondale pronunciou-se a favor de uma larga «coligação das forças representativas do povo do Camboja». O papel do príncipe Shianouk foi falado em «termos gerais» com os dirigentes chineses – acrescentou. Esta alusão permitiu ao antigo chefe de Estado, que também se encontra em Pequim, afirmar que os Estados Unidos eram o seu «principal apoio». Parece, portanto, que os americanos, tal como os tailandeses, apoiam os resistentes anti-comunistas que lutam contra os vietnamitas.

O sudeste da Asia não é, porém, a única região do globo, em que os americanos e os chineses têm interesses comuns.

O corno de Africa, o Afeganistão ou o Oceano Indico são outros exemplos de situações em que os americanos e os chineses podem e devem, para Mondale, «trabalhar para a defesa da paz(...) face às provocações internacionais», em particular às ambições do Kremlin.

Os propósitos de Mondale não podiam deixar de agradar aos dirigentes chineses. Expresso antes da visita, o descontentamento de Pequim face à lentidão da Casa Branca em ratificar o acordo comercial que dará à China a cláusula de nação mais favorecida nunca foi manifestado abertamente e os chineses não fizeram qualquer referência à continuação das relações entre Washington e Taipé.

Para consolidar esta nova aliança entre os dois mais fortes «soberanos» do Pacífico, o presidente Carter deve visitar Pequim no princípio do próximo ano e Hua Guofeng aceitou um convite de Washington. Os interesses dos dois Estados ultrapassam de longe as suas preferências ideológicas. A algumas centenas de metros do local onde Hua e Mondale se congratulavam muitas centenas de camponeses esfarrapados exigiam o respeito dos «direitos do Homem» sobre os quais Carter alicerçou uma grande parte da sua acção diplomática. ●

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

O mundo inteiro num Palácio de Vidro

Uma nova bandeira flutua no Palácio de Vidro das Nações Unidas em Nova Iorque: a do pequeno Estado de Santa Lúcia, que recentemente se libertou do jugo colonial inglês e é o membro mais novo da ONU. Todos os anos, a Assembleia Geral da ONU marca a «rentrée» política a nível internacional, e dá azo a intensa movimentação diplomática, onde estadistas de países que não mantêm relações podem, nos corredores, travar conversações informais. Por outro lado, nas sessões e nas comissões da Assembleia todos os Estados e os diversos movimentos têm oportunidade de exprimir os seus pontos de vista. A opinião pública internacional pode seguir assim os debates sobre os assuntos mais candentes da actualidade. Sem grandes ilusões acerca do papel da ONU, não podemos deixar de reconhecer que a sua importância diplomatica é crescente e que ela contribui poderosamente para o abrandamento das tensões mundiais, constituindo um dos instrumentos essenciais para que as nações passem de vez da era do confronto para a do diálogo.

Por ocasião da abertura da presente sessão da Assembleia Geral da ONU, o secretario-geral, Kurt Waldheim, divulgou um relatorio no qual faz a apreciação das questões mais urgentes que serão debatidas durante os trabalhos

Médio Oriente: defende-se a ideia de uma conferência internacional, devidamente preparada, pois todas as partes interessadas devem participar na busca de uma paz justa e duradoura, através de um acordo amplo e generalizado. O relatório acentua que «apesar dos espectaculares progressos que levaram à assinatura do tratado de paz entre Israel e o Egipto, o qual criou uma situação nova naquela região do mundo, o Médio Oriente continua a defrontar graves controvérsias e divisões».

Líbano: é apontada a necessidade imperiosa de todas as partes envolvidas no conflito cooperarem plenamente com a UNIFIL no cumprimento do seu mandato. Sem essa cooperação, não haverá exito possível em qualquer operação de manutenção da paz.

Chipre: afirma que se gorou lamentavelmente a dinâmica gerada pelo acordo de dez pontos, negociado em Maio sob os auspícios pessoais do secretário-geral.

O relatório aborda depois a situação na **África Austral,** nomeadamente na Namíbia e no Zimbabwe, onde o «evoluir da situação foi verdadeiramente desapontador, embora se espere que os planos que resultaram da conferência da Commonwealth em Lusaka permitam uma possibilidade de solução para o segundo caso e a continuação das conversações sobre o plano de acção para a Namíbia abra caminho à presença da ONU naquele território».

Nas questões económicas, o relatório aponta três áreas específicas de acção que requerem atenção prioritária: as negociações sobre a nova ordem económica internacional, actualmente estagnadas; um esforço vigoroso para abordar a questão energética; a consideração urgente dos problemas dos países importadores de petróleo.

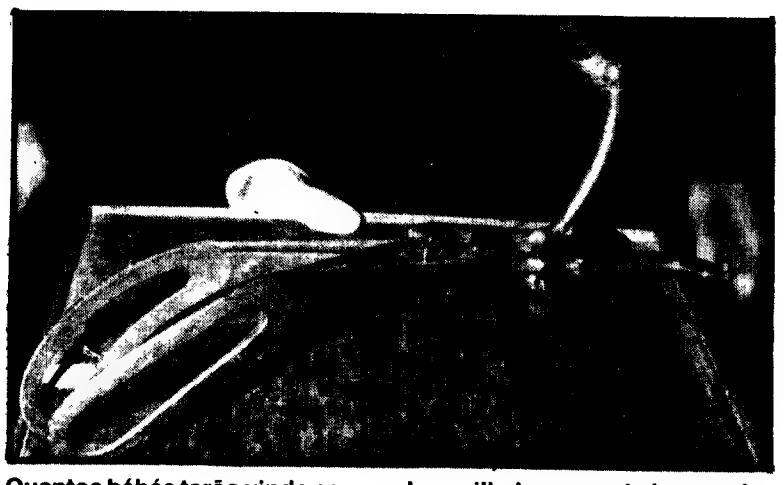
Outras questões: o **direito do mar:** conheceu notáveis progressos na última conferência internacional, mas é urgente a assinatura de um tratado; **direitos humanos:** assinalam-se alguns progressos, como o debate sobre o modo de alargar a eficácia da ONU nesta matéria; o trabalho da comissão dos direitos humanos e o da subcomissão sobre prevenção da discriminação e protecção de minorias, e sobre prevenção da discriminação e protecção de minorias, e a nova ordem económica internacional.

O problema dos **refugiados** foi debatido frutuosamente em duas importantes reuniões: a de Arusha (na Tanzânia) sobre os refugiados africanos e a de Genebra sobre os indochineses. Essas duas reuniões resultaram em medidas práticas consideradas positivas. ●

FOTO EXCLUSIVO

Aqui temos o «bebé-proveta»: Louise Brown, que, no passado mês de Julho, completou o primeiro ano de vida. Segundo declarações agora prestadas pela mãe, o nascimento de Louise foi um «verdadeiro milagre» – as tentativas de fecundação «in vitro» falharam sucessivamente até ao último instante. Quando os médicos ja iam desistir, conseguiram, finalmente, o «milagre». E Louise ca esta, perfeita, como a foto demonstra.

●



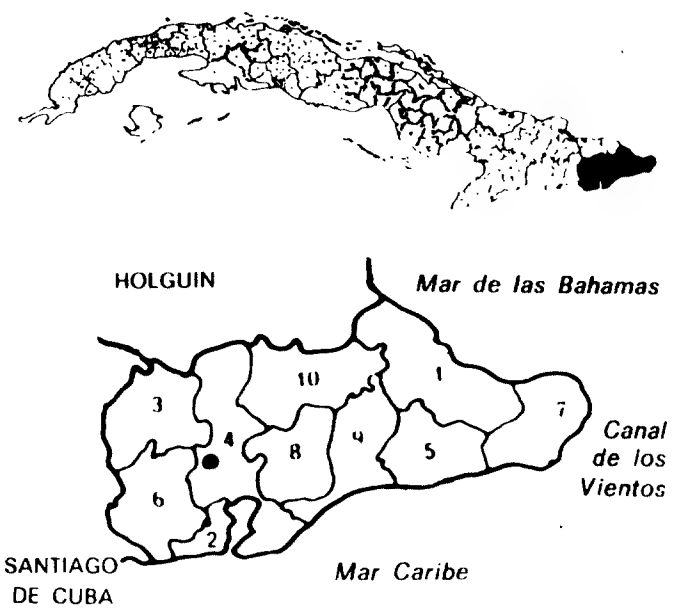
Quantos bébés terão vindo ao mundo auxiliados por este forceps **dos finais do século passado? Eis uma pergunta à qual ninguém poderá responder, nem mesmo o actual proprietário deste vetusto instrumento cirúrgico. O** forceps, **feito de aço, com pegas cobertas de tartaruga e cabo de madeira, foi um dos objectos vendidos recentemente no leilão de importantes peças «arqueológicas» de cirurgia e medicina, efectuado em Paris. (Foto AFP)**

●

Este Verão registou-se um estranho fenómeno, que, embora muito invulgar, não é inédito: um suicídio colectivo de baleias. Cento e setenta e cinco baleias atiraram-se contra as costas rochosas de TerraNova, perto da localidade de Point al Gaul, em frente das ilhas de São Pedro e Miquelon. É provável que os animais tenham cometido este acto de desespero, vitimados pela poluição dos fundos marinhos, que lhes terão causado lesões nos olhos ou no aparelho respiratório

Las nuevas provincias

PROVINCIA GUANTANAMO



Municipios

1. Baracoa; 2. Caimanera; 3. El Salvador; 4. Guantánamo; 5. Imias; 6. Niceto Perez; 7. Maisi; 8. Manuel Tames; 9. San Antonio del Sur; 10. Yateras.

«Os habitantes de Cuba são geralmente apáticos e insolentes. É evidente que a imediata anexação dessa gente à nossa Federação seria uma loucura. Antes disso será necessário limpar completamente o país, ainda que isso nos exija a aplicação dos métodos utilizados pela Divina Providência nas cidades de Sodoma e Gomorra». «Devemos destruir tudo o que esteja dentro do raio de acção dos nossos canhões.

Devemos concentrar o bloqueio de modo a que a fome e a sua eterna companheira, a peste, minem a população e dizimem o exército Cubano».

O eloquente texto acima transcrito foi extraído do opúsculo editado pelo Ministério das Relações Exteriores de Cuba intitulado «História de uma usurpação – a base naval dos Estados Unidos na baía de Guantánamo».

Como é do conhecimento público, no decorrer da sexta Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados recentemente realizada em Havana, os Estados Unidos lançaram violentos ataques a Cuba a propósito da presença na ilha de tropas de intervenção soviéticas. Não é nosso objectivo analisar agora a realidade, e nesse caso a natureza, ou a fantasia dessa presença militar. Os documentos e as provas resumem-se por enquanto a declarações, contraditórias entre si, de responsáveis americanos às reacções soviéticas e Cubanas.

Neste contexto assume no entanto grande importância o caso da base naval americana de Guantánamo, situada em pleno território cubano. Durante a Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados, foi divulgado sobre o assunto o opúsculo a que acima fazemos referência.

Pela importância do documento, que aborda o conjunto da estratégia dos Estados Unidos em relação à antiga colónia Espanhola durante os dois últimos séculos, resumimos seguidamente os seus aspectos fundamentais.

Os antecedentes históricos da Base de Guantánamo

A política do governo dos interesses económicos dos Estados Unidos caracterizou-se desde o princípio do século XIX pela afirmação de que Cuba devia fazer parte dos seus planos estratégicos expansionistas. A sua linha política oscilou durante todo o século passado entre duas soluções: ou os Estados Unidos dominavam Cuba ou esta permaneceria sob domínio espanhol.

Em 1805, o Presidente Thomas Jefferson informou o embaixador Inglês em Washington que em caso de guerra com Espanha, os Estados Unidos se apoderariam imediatamente de Cuba, considerada indispensável para a defesa da Florida e do Golfo do México. Apesar da vontade muitas vezes manifestada nas décadas seguintes, a ameaça americana de anexação nunca se chegou a concretizar directamente, dada as aspirações que também a Inglaterra tinha no mesmo sentido.

Todas as iniciativas americanas desse século, assim como a referida declaração de Jefferson, demonstram o interesse que os Estados Unidos tinham por Cuba desde 1805. No ano de 1823 apareceram no entanto dois importantes documentos que, confirmando esse interesse, defeniram por longo tempo a política americana em relação à ilha. Trata-se dos documentos que enunciam as chamadas «doutrina da fruta madura» e «doutrina Monroe». A primeira, concebida por John Adams, secretário de Estado do Presidente Monroe, para justificar a sua política nos estados Hispano-Americanos e sobretudo em Cuba resumia-se nos seguintes parágrafos fundamentais: «Estas ilhas pela sua posição geográfica, são apêndices naturais do Continente-Norte Americano e uma delas, Cuba, quase à vista das nossas costas, tornou-se, por uma multidão de razões, de transcendental importância para os interesses políticos e comerciais da nossa União».

A BASE AMERICANA DE GUANTA

História de uma u

— segundo um "dossier" publicado pelo Gover

«Quando se imagina a evolução que os acontecimentos poderão vir a sofrer nos próximos cinquenta anos, torna-se quase impossível resistir à convicção de que a anexação de Cuba pela nossa República Federal será indispensável para a continuação da União e a manutenção da sua integridade».

No parágrafo seguinte Adams explicita a sua «genial intuição» em termos que o haviam de tornar célebre: «Há leis de gravitação política como há leis de gravitação física. Assim, como uma fruta separada da árvore pela força do vento não pode, mesmo que queira, deixar de cair no solo, também Cuba, uma vez separada de Espanha e desfeita a ligação artificial que com ela mantém, será incapaz de se aguentar sozinha. Terá que gravitar necessariamente à volta da União Norte-Americana, a qua, pela mesma lei, não poderá deixar de admití-la no seu seio».

Em Dezembro do mesmo ano de 1823, foi proclamada a não menos famosa doutrina Monroe que advertia as potências europeias para que não tentassem imiscuir-se nos assuntos das Américas, já que estes deveriam ficar como área exclusiva dos interesses dos Estados Unidos. Mais tarde, no decorrer do século XIX os governos americanos fizeram várias tentativas para comprar Cuba aos espanhóis. Estes porém nunca aceitaram tais propostas, o que não incomodou muito os americanos. Para eles, o fundamental era que Cuba fosse «Espanhola enquanto não pudesse ser Americana e desde que nunca fosse Cubana».

No decorrer do século, a «fruta amadureceu» e os Americanos viram chegado em 1898 o momento tão desejado da intervenção militar em Cuba. A guerra Hispano-Americana proporcionou-lhes a concretização desse «destino manifesto». Como os reis de Espanha sempre recusaram a venda, e ao fim de trinta anos de luta pela independência o povo Cubano estava prestes a escorraçar o colonialismo Espanhol da sua pátria, os Estados Unidos consideraram a «fruta amadurecida» e sob um pretexto fútil lançaram-se na guerra com os Espanhóis pelo controlo da ilha. Naturalmente que os pretextos avançados diziam respeito à «libertação de Cuba do jugo espanhol», sem confessar os verdadeiros objectivos de conquista da ilha.

Os americanos que se apercebiam do enfraquecimento quotidiano do colonialismo Espanhol sem nunca reconhecerem a luta de libertação do povo Cubano, adoptaram em 1898 a chamada «Resolução conjunta» que contitui um verdadeiro ultimato a Espanha e desencadeou a guerra.

Se os Estados Unidos não tivessem intervido nesse momento, ter-se-iam rapidamente visto confrontados com uma Cuba independente e teriam perdido a oportunidade de utilizar a «pacificação» da ilha como catapulta para a sua expansão antilhana e asiática: Em 25 de Abril de 1898 a guerra é declarada formalmente e em 12 de Agosto desse mesmo ano os Americanos vitoriosos suspendiam as hostilidades.

A ingerência Norte-Americana, no momento em que os patriotas Cubanos já tinham praticamente assegurada a vitória, como o admitiu o almirante do nesse momento, ter-se-iam rapidamente visto confrontados com uma Cuba independente e teriam perdido a oportunidade de utilizar a «pacificação» da ilha como catapulta para a sua expansão antilhana e asiática: E na ilha, os Americanos defeniram as linhas de acção das suas tropas de ocupação. J.C. Breckenridge, secretário da guerra dos Estados Unidos endereçou ao Chefe do Estado-Maior do seu exército as seguintes instruções que por si só dispensam qualquer comentário:

«A anexação de territórios pela nossa República tem atingido até agora vastas regiões escassamente habitadas e foi sempre precedida pela invasão pacífica dos nossos emigrantes, de tal modo que a absorção das populações e a sua integração foi fácil e rápida. O problema das Antilhas é diferente e apresenta-se sob dois aspectos».

«Um relaciona-se com a ilha de Cuba, o outro com Porto Rico. As nossas aspirações e a política que devemos conduzir em cada caso é também diferente.

A população de Cuba é constituída por brancos, negros, asiáticos e mestiços. Os seus habitantes são geralmente apáticos e insolentes. É evidente que a imediata anexação desta gente à nossa Federação seria uma loucura. Antes disso será necessário limpar o País, ainda que isso nos exija a aplicação dos métodos utilizados pela Divina Providência nas cidades de Sodoma e Gomorra».

«Devemos destruir tudo o que esteja dentro do raio de acção dos nossos canhões. Devemos concentrar o bloqueio de modo a que a fome a sua eterna companheira, a peste, minem a população e dizimem o exército Cubano.(...)»

«Ao mesmo tempo devemos ajudar com as nossas armas o governo independente e minoritário que será constituído.

O medo da maioria por um lado, e os seus próprios interesses por outro, fará com que o governo se fortaleça, levando os autonomistas e Espanhóis que permaneçam no território a aparecer como minorias.

Quando esse momento chegar, devemos criar dificuldades ao governo independente. Essas dificuldades e a falta de meios para responder às nossas exigências e aos compromissos connosco assumidos; as despesas de guerra e a organização do novo país terão que ser enfrentadas por esse governo».

«Estas dificuldades devem coincidir com as preocupações resultantes dos afrontamentos entre o governo e a oposição que nós passaremos a ajudar nesse momento». «Resumindo: a nossa política deve ser sempre o apoio aos mais débeis contra os mais fortes até que tenhamos obtido o exterminio de ambas as partes a fim de anexarmos a pérola das Antilhas».

As bases «legais» da ocupação americana

A «Resolução Conjunta» a que já se fez referência, perceituava, além do ultimato aos espanhóis: «Os Estados Unidos negam, pela presente, toda a disposição ou intenção de exercer soberania, jurisdição ou controlo sobre a dita ilha (Cuba), excepto no que diz respeito à sua pacificação, e garantem a sua determinação de deixar ao povo o governo e o controlo da ilha logo que se termine essa pacificação».

Inexplicavelmente esta resolução criava obrigações internacionais aos Estados Unidos que não correspondiam de nenhum modo às suas intenções. Havia portanto

Violações do espaço aéreo e marítimo e outras provocações contra Cuba cometidas a partir da base de Guantánamo

Com o triunfo da Revolução Cubana em 1959, culminou um longo combate do povo cubano, que permitiu que o país alcançasse pela primeira vez a sua verdadeira independência. Desde então, os EUA realizaram em vão contra ela toda uma série de agressões, crimes e sabotagens, além de converterem o território usurpado da base naval da Baía de Guantánamo, em foco permanente de ameaças, provocações e violações da soberania da ilha, com o propósito de criar dificuldades ao processo revolucionário.

Violações entre 1959 e 1979

Do espaço aéreo – 6065
Das águas territoriais – 1303
Provocações e incidentes – 5300
Total – 12668

Em 1961 a base de Guantánamo serviu também de apoio à invasão de Playa Giron. Essa invasão de mercenários organizados, financiados e apoiados militarmente pelos EUA e que foi precedida de bombardeamentos aéreos em vários pontos do território Cubano, apesar de contar com o apoio logístico da base de Guantánamo, saldou-se pela primeira derrota do imperialismo americano na longa história das suas agressões contra os povos do continente.

TANAMO EM CUBA

usurpação

erno de Havana

que encontrar outras «vias legais» pa[illegible]segurar o controlo sobre a ilha.

O Tratado de Paris, assinado entre os EUA e a Espanha em 10 de Dezembro de 1898 estabeleceu as condições de paz entre os dois países na sequência da guerra Hispano-Americana.

Na ausência dos patriotas cubanos que foram excluídos pelos americanos da negociação do Tratado, as duas partes acordaram na retirada espanhola da ilha e na sua subsequente ocupação pelos EUA até que se estabelecesse um governo próprio que era desde logo aconselhado «a aceitar as obrigações assumidas pelos americanos no referido Tratado».

Enquanto que a «Resolução Conjunta» implicava para os EUA o compromisso de respeitar a independência de Cuba, o Tratado de Paris obrigava antecipadamente o futuro governo cubano a aceitar para a ilha um estatuto de território «especial». O mesmo Tratado obrigava os espanhóis, além da renúncia a Cuba, a ceder aos EUA o território de Porto Rico, a ilha de Guam, o arquipélago das Filipinas e as ilhas das Índias Ocidentais.

No dia um de Janeiro de 1899, terminada a ocupação espanhola, iniciou-se a ocupação oficial de Cuba pelos americanos. O poeta Bonifacio Byrne descrevia assim o seu sentimento face ao acontecimento:

«Al volver de distantes riberas/ con el alma enlutada y sombria/ afanoso busqué mi bandera/ y otra he visto, además de la mía». Dado que os EUA não tinham assumido a soberania da ilha, apenas a tinham ocupado militarmente «até à sua pacificação», foi necessário aos americanos convocar em 1900 eleições para uma Assembleia Constituinte cubana que tinha por missão, segundo os ocupantes: «adoptar uma Constituição e incluir nela um acordo com os Estados Unidos sobre as relações que deveriam existir posteriormente entre os dois países». Depois de a Assembleia aprovar a Constituição, no início de 1901, excepto no tocante às relações com os EUA, estes remeteram-lhe as suas condições para a regulamentação dessas relações. O objectivo evidente dos americanos era transformar Cuba em «uma colónia autogovernada dos EUA».

As condições americanas foram imeditamente recusadas pela Constituinte, especialmente no que diz respeito à instalação de bases navais yanques. No dia em que em Cuba se recusavam as imposições dos EUA, o Senado desse país aprovava a chamada «Emenda Platt», que codificava sob forma de lei as mesmas imposições. Enquanto que a «resolução conjunta» garantia a liberdade de Cuba após a «pacificação», a «Emenda Platt» condicionava a independência da ilha à aceitação pelos cubanos do preceituado na «Emenda Platt». Os seus pontos fundamentais constavam do artigo 8.º: «Para permitir aos EUA que mantenham a independência de Cuba e protegam o seu povo, assim como para assegurarem a

sua própria defesa, o governo de Cuba venderá ou arrendará aos EUA as terras necessárias para estabelecer bases navais em certos pontos da ilha que serão combinados com o Presidente dos EUA. Além deste parágrafo fundamental, a «Emenda Plattb» limitava o direito de Cuba de efectuar Tratados com outros países, de contrair empréstimos, etc.

O governo americano obrigava assim à introdução na Constituição cubana de todo o clausulado aprovado no Sendado dos EUA. Apesar da presença ameaçadora do Exército e da Marinha yanque na ilha, a Constituinte recusou o vexame fazendo apenas algumas concessões. Os americanos fizeram imediatamente saber aos constituintes que sendo a «Emenda Platt» um «estatuto concedido pelo poder legislativo dos EUA, o presidente americano era obrigado a executá-la tal qual. Não podia alterá-la, acrescentá-la ou amputá-la».

A retirada do Exército americano de Cuba dependia assim da incorporação integral da «Emenda Platt» no seu texto constitucional. Depois de recusas sucessivas e de um ultimato americano, a maioria dos constituintes acabou por aceitar o «menor mal» e aprovar a introdução da «Emenda» na Constituição. Aconteceu isso em 12 de Junho de 1901 e dessa imposição yanque nasceu a base naval de Guantánamo.

Cuba transformou-se assim no primeiro grande mercado do imperialismo americano nascente. Em 1899 falava-se nos EUA dos gigantescos negócios que se fariam na ilha: «ao Exército de ocupação seguir-se-ão como legítimos ocupantes as sociedades anónimas, os banqueiros e os latifundiários». A expulsão de Espanha das suas últimas colónias na América e da Oceânia assegurou-lhes o domínio virtual das Caraíbas e uma posição vantajosa no Pacífico. Usurparam um pedaço de território cubano em Guantánamo, apoderaram-se de Porto Rico, Guam e Filipinas e ocuparam mais tarde o Canal do Panamá.

O domínio do arco superior das Antilhas foi a via para o exercício de uma esmagadora influência no resto da América Latina e das Antilhas.

A imposição da «Emenda Platt» pelo governo dos Estados Unidos, como condição indispensável para pôr fim ao estado de ocupação militar e entregar a ilha aos cubanos, não constituiu como vimos um processo separado na história das relações entre os dois países. A anexação territorial que Jefferson pretendera não chegou a consumar-se. No entanto, foi-se desenvolvendo simultaneamente com os objectivos de conquista um processo de anexação económica do qual Cuba foi a vítima. Era a neocolonização.

Em 1903 o governo neocolonial cubano, que inevitavelmente era da confiança dos americanos, subscreveu o chamdo «Tratado Permanente», que reproduzia integralmente a «Emenda Platt», entretanto incorporada na Constituição da ilha. Graças a esta, dupla cobertura legal imposta ao povo cubano, os EUA criaram em 10 de Dezembro de 1903 a base naval de Guantánamo, sem no entanto terem acordado com o governo neolonolonial qualquer prazo de duração do contrato de arrendamento.

A base está situada na parte sul do extremo oriental de Cuba, face à cordilheira da Sierra Maestra. A baía de Guantánamo, a terceira maior em extensão da ilha, além de ser abrigada e profunda, foi escolhida por razões estratégicas. Considerava-se então fundamental para o predomínio militar nas Caraíbas, assim como na América Central e do Sul e para o controlo do canal do Panamá.

Apesar de entretanto a baía ter perdido muito da sua importância estratégica, a presença militar americana mantém-se. A base ocupa uma superfície de 117 quilómetros quadrados, dos quais 39, ou seja 33%, correspondem às águas da baía.

A guerra hispano-americano havia legitimado o princípio do direito de intervenção americana para proteger os seus interesses. O desenvolvimento desta política intervencionista levou os americanos a uma série de intervenções em Cuba, São Domingos, Haiti, México, Panamá e nas Repúblicas da América Central que haveriam de cobrir de luto e de miséria os povos desses países.

A base naval de Guantánamo, filha da «Emenda Platt», desempenhou um papel de relévo na política agressiva do imperialismo americano, visto que a sua posição estratégica facilitava a rápida mobilização das tropas intervencionistas. Um exemplo recente foi a invasão de São Domingos em 1965. Para aniquilar o levantamento popular e constitucional dirigido por Francisco Caamaño, as tropas de intervenção yanques partiram directamente da base de Guantánamo. Em 1934 um novo Tratado foi assinado entre Cuba e os EUA. A «Emenda Platt» foi revogada. Os EUA conseguiram no entanto salvaguardar os seus «direitos» em relação à base de Guantánamo: «Esses direitos persistirão enquanto os Estados Unidos não abandonem a dita base naval e enquanto os dois governos não decidirem nenhuma alteração aos mesmos».

Aquando da entrada em vigor do novo Tratado de 1934 os americanos reconheceram as violações ao direito internacional consumadas nos sucessivos «acordos» que regeram as relações entre os dois países. Os americanos só se esqueceram de que, essas violações se mantinham na medida em que o novo Tratado continha no seu clausulado o paragráfo, transcrito da «Eemenda Platt», relativo às bases navais e que era aquele que mais atentava contra os preceitos do direito internacional.

Os vícios jurídicos dos acordos

A primeira objecção formulada por políticos e juristas cubanos, logo no princípio do século, dizia respeito à falta da capacidade jurídica dos constituintes cubanos de 1901 para aceitarem a «Emenda Platt». De facto, o povo de Cuba tinha delegado nos membros da Assembleia Constituinte, o poder de elaborar a Constituição do país e ao mesmo tempo as «normas e formas» às quais deveriam corresponder as relações Americano/ Cubanas. Os constituintes, ao serem forçados a aceitar as «condições» impostas pelos americanos às relações entre os dois países, ulrapassavam assim e de longe os poderes que o povo cubano neles havia delegado.

Este primeiro vício de forma feria desde logo de ilegalidade o texto que serviu de base à criação da base de Guantánamo. A falta de capacidade jurídica dos constituintes não era porém o único vício da «Emenda Platt».

Depois de tudo o que atrás fica escrito, aparece como evidente que a aceitação por Cuba dos sucessivos tratados e textos que «justificam» a presença americana em território cubano, foram resultado de um longo e permanente processo de fraude e de coacção. A consequência jurídica da fraude e da coacção é o vício de consentimento. Preceito básico do Direio Internacional é o que estabelece a nulidade jurídica dos actos feridos de vícios de consentimento, vícios esses que saltam à vista nos Tratados e acordos em questão.

Com efeito, segundo o Direito Internacional, os tratados pressupõem um consentimento das partes para que se forme o vínculo jurídico. Todo o caso de Guantánamo assenta nas formas mais manifestas de ausência jurídica e moral de consentimento.

Por outro lado, juridicamente, os EUA arrendaram a Cuba, nos termos do parágrafo VII da «Emenda Platt» e dos textos posteriores, as terras e águas em que estabeleceram a base de Guantámano. Ora, o arrendamento é um contrato pelo qual uma pessoa se obriga a ceder temporariamente o uso de uma coisa, ou a prestar determinado serviço a outra pessoa. Todo o arrendamento é por natureza temporário. Mais, em direito, o arrendamento deve destinar-se ao uso previsto no contrato. Se o uso é um direito do arrendatário, è seu dever que esse uso coincida com o que foi contratado. É evidente que neste caso não há semelhança possível entre os dois. Assim, a «Emenda Platt» previa que o arrendamento se destinava «a manter a independência de Cuba e a proteger o seu povo. O Tratado de 1934 afirma por seu lado, que o arrendamento se destina «a fortalecer os laços de amizade entre os dois países». O uso efectivamente feito pelos EUA da referida base mostra-nos, no entanto, a distância entre essas declarações de princípio e a realidade.

Outro preceito fundamental, e suficiente, do Direito Internacional para demonstrar a ilegalidade da presença americana na ilha é a chamada «cláusula rebus sic stantibus». Estipula esta cláusula, com que aliás se terminam os tratados internacionais, que «é ineficaz, inaplicável e nulo, todo o tratado, a propósito do qual se modifiquem de tal modo as circunstâncias em que ele foi negociado, que se possa considerar que as mesmas não coincidem com aquelas que existiam no momento da celebração do contrato».

Será que pelo menos a revolução cubana de 1959 não representa uma modificação fundamental das circunstâncias em que foram celebrados os diferentes Tratados que se referem à base de Guantánamo?

É inegável e do conhecimento público que a base serviu de ponto de apoio a todas as incursões do imperialismo americano na América Central ao longo de todo o século. Durante a ditadura de Fulgêncio Baptista, a base foi igualmente um elemento fundamental para manter a opressão do povo cubano. No desenrolar da guerra de libertação, Fulgêncio Baptista serviu-se dessa base para resistir durante mais algum tempo ao avanço vitorioso do exército rebelde na Sierra Maestra. Guantánamo constituiu e constitui um ferro de lança do imperialismo americano em toda a região.

A revolução cubana e a base de Guantánamo

Desde os primeiros dias da Revolução, Cuba não parou de denunciar a ocupação americana e de exigir a retirada incondicional da base pelas tropas yanques.

Fidel Castro que logo em 1960 abordou o assunto na Assembleia Geral das Nações Unidas, declarou nessa tribuna em 26 de Julho de 1962: «A base naval de Guantánamo é um punhal cravado no coração da terra cubana(...). Naturalmente que não vamos expulsar os ocupantes pela força, no entanto, jamais renunciaremos a esse pedaço da nossa terra».

Entretanto, numerosas organizações internacionais têm-se manifestado igualmente contra a presença americana na ilha. A Assembleia Geral das Nações Unidas nomeadamente, tem aprovado numerosas resoluções que exigem das antigas potências coloniais o desmantelamento de todas as bases militares instaladas nos antigos territórios coloniais.

O Movimento dos Países Não-Alinhados, por seu turno, desde a sua cimeira de 1961 em Belgrado, não tem cessado de exigir a retirada dos americanos de Guantánamo.

Apesar de tudo, a presença arrogante e ilegal dos EUA mantém-se ainda hoje tendo como único fundamento o seu poderio militar. ●

A RUPTURA NO PS CHILENO

Declaração da comissão política das coordenadoras regionais

Como anunciámos na nossa última edição, publicamos hoje mais um texto sobre a ruptura no PS Chileno. Trata-se de um documento tornado público por uma fracção daquele Partido, que se reclama do interior, e se autodenomina Partido Socialista do Chile (Coordenadora Nacional das Regionais). Ao publicarmos este depoimento, queremos salientar desde já que o fazemos no exclusivo intuito de apresentar aos nossos leitores mais uma posição sobre o assunto. Desnecessário será dizer que o «Exclusivo» não toma qualquer posição na contenda, limitando-se a fornecer elementos provindos de diversos quadrantes do PS Chileno, sem se solidarizar, naturalmente, com os pontos de vista expressos pelos seus subscritores.

Na clandestinidade e combatendo sem tréguas o feroz inimigo fascista, dirigimo-nos à classe operária e ao povo chileno, ao Movimento Operário, revolucionário e democrático internacional.

Os meios de comunicação social, imprensa, rádio e televisão, informaram com grande amplitude a crise do Partido Socialista «agravada» pelo afastamento do companheiro Carlos Altamirano de secretário-geral do Partido e sua expulsão das fileiras do PS chileno.

As notícias da crise do Partido Socialista encheram de alegria as forças da burguesia e trouxeram certa confusão e inquietação aos socialistas e ao movimento operário e popular do Chile, o que se compreende pela enorme ligação do Partido às massas populares. Quando hoje enfrentamos a mais sangrenta repressão reaccionária de que há memória no Chile, a participação do Partido Socialista é indispensável e decisiva na luta que liberte a classe operária e as massas exploradas da grande noite do fascismo. Sem a participação activa e combatente do Partido Socialista, a actual crise que o povo chileno atravessa não terá solução que interprete fielmente os interesses dos trabalhadores e da grande maioria do povo.

Conscientes da nossa responsabilidade e como intervenientes directos na luta que libertará os trabalhadores do Chile, declaramos o seguinte:

1 – De facto, o Partido Socialista, como toda a esquerda e a sociedade chilena, desde 11 de Setembro de 1973, enfrenta uma profunda crise ideológica, política e orgânica que foi impossível resolver até agora.

2 – No que respeita ao Partido Socialista, desde a sua fundação, há 46 anos, trava-se uma luta ideológica entre duas grandes correntes: a revolucionária e a reformista. Esta luta ideológica, nalguns períodos da sua história, foi transformada numa luta de «caudillos» e grupos pelo controlo do Partido, o que significou a divisão das suas fileiras por mais de uma vez. Nos seus congressos nacionais, especialmente os de Linares e de Chillán, o Partido Socialista aprovou a sua linha e objectivos estratégicos; delineou a sua política de Frente de Trabalhadores e definiu-se em Chillán como um Partido Marxista-Leninista.

Estes mesmos postulados foram ratificados uma vez mais, no seu último congresso nacional realizado em Serena (1970). No entanto, e apesar de claros avanços na sua definição ideológica, continuam a [illegible] no seio do Partido fortes tendências reformistas e sociais-democratas, defensores de uma ideologia burguesa.

3 – Durante o Governo da Unidade Popular, a luta ideológica no Partido, como em toda a esquerda, foi travada pela aplicação sem vacilar e até às últimas consequências do programa prometido ao povo; pela participação das massas, em especial, da classe operária em todo o processo; por fazer avançar a revolução mais além do Estado burguês: para o socialismo.

Neste processo foram os sectores revolucionários e maioritários do Partido, que apoiando-se nos sectores mais conscientes e revolucionários dos operários, camponeses, e massas operárias, impulsionaram e deram corpo a novas formas de organização, como as cinturas industriais, os conselhos rurais, os mecanismos de distribuição directa dos alimentos, os postos médicos populares, os comités de vigilância e controlo nas fábricas e nas empresas, as comunas populares, etc; órgãos que nasceram do Poder Popular. O golpe militar fascista impulsionado, organizado e subsidiado pelos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros conseguiu deter, momentaneamente, o avanço revolucionário do povo chileno.

4 – A crise que hoje enfrentamos há que situá-la nas próprias raízes do socialismo chileno. E a velha questão que opõe revolução a contra-revolução; a teoria revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo, e a ideologia da burguesia, manifestada em posições reformistas e sociais-democratas. Há alguns renegados que se dizem «socialistas», mas abdicaram publicamente das posições leninistas do Partido, como primeiro passo para abdicar depois da sua qualidade de Partido marxista, transformando-o em mais um Partido da burguesia, seguindo os passos de certos dirigentes reformistas e revisionistas europeus. Estes mesmos responsáveis «socialistas» fizeram tábua rasa da linha estratégica do Partido, renunciaram aos objectivos socialistas e à alternativa independente do proletariado, em troca da alternativa da burguesia, encabeçada por Eduardo Frei, velho peão da burguesia e do imperialismo norte-americano e um dos «generais civis» do golpe fascista contra o povo. Nesses renegados, Eduardo Frei confiou para dividir o Partido e contribuir para a formação de um grande Partido socialista demo[illegible] chileno [illegible] Esses elementos, [illegible] para dúvidas, [illegible] à margem do Partido Socialista chileno.

5 – A luta não é entre Altamirano, Almeyda, Aniceto Rodriguez ou qualquer outro aspirante a «caudillo» no estrangeiro. Eles ocuparam altos cargos na direcção do Partido e são responsáveis, de uma ou outra maneira, pela falta de preparação do Partido para resistir aos embates da burguesia desde Setembro de 73. No que diz respeito a Altamirano e Almeyda, durante o Governo de Unidade Popular, um ocupou o cargo de secretário-geral do Partido e o outro fez parte de todos os gabinetes do Presidente Allende. Tiveram, por isso, uma quota parte da responsabilidade na sangrenta derrota popular de Setembro de 73. Nem as bases do Partido nem a classe operária chilena souberam que eles tivessem feito alguma autocrítica séria e honesta. Mais ainda – pretendiam e pretendem continuar a dirigir do exterior a luta popular, a milhares de quilómetros de distância de onde se trava a verdadeira luta contra o inimigo. Tomaram medidas «disciplinares» contra os militantes do Partido no exílio, que não aceitaram as suas erradas directrizes. Trataram de impor aos socialistas que ficaram junto ao nosso povo, uma direcção dócil às suas ordens e declararam à «margem» do Partido, os socialistas que militam na Coordenadora Nacional das Regionais do Partido.

Almeyda e Calderon encabeçaram os ataques e calúnias pessoais mais «baixas» contra os dirigentes do Partido que combatem no interior do Chile. Nenhum deles tem estatura moral ou política para pretender «salvar» o Partido da crise que está a enfrentar. Pelo contrário, as suas atitudes aumentam a crise. Cometem um grave erro aqueles socialistas que, por cima dos princípios revolucionários, preferem seguir um ou outro dirigentes, hoje no exterior. Alguns deles actuam honestamente, seguindo um velho costume partidário, mas os outros fazem-no por oportunismo e corrupção moral, pensando na «ajuda económica» ou «benefícios pessoais» que esses dirigentes lhe podem conceder, vendendo, assim, os seus serviços a quem pague melhor.

6 – Todo este grotesco e trágico espectáculo foi preparado no estrangeiro, a partir do gabinete que têm em Berlim. As poucas bases do Partido que controlam no interior do Chile foram enganadas mais uma vez. Estas foram consultadas sobre o afastamento de Altamirano de secretário-geral do Partido e a sua substituição por um militante do interior do Partido. No entanto, Almeyda apressou-se a expulsá-los do Partido, o que trouxe novas divisões. Almeyda mente e engana a opinião pública internacional, quando afirma em Roma que «as divergências entre os partidos democráticos [illegible] opõem ao regime militar [illegible] durante o governo de Allende [illegible] superadas [illegible] socialista [illegible] se completar [illegible] unidade e actualmente [illegible] um elemento fundamental na resistência chilena».

Os partidos da ex-Unidade Popular não só ainda não superaram as suas divergências, porque não se atreveram a discuti-las a fundo, como não conseguiram ainda oferecer ao povo uma alternativa independente que reflicta as suas aspirações e as suas esperanças. Pelo contrário, alguns desses partidos dedicaram estes seis anos, como única alternativa, a implorar uma «aliança» com a democracia-cristã, com Frei à cabeça, desconfiando da capacidade e das forças da classe operária e massas populares para dirigir a sua própria alternativa libertadora. E precisamente a falta de uma alternativa popular unitária da esquerda e do povo chileno, a inexistência de uma direcção única, audaz e revolucionária, que, juntamente com o enorme mas não invencível aparato repressivo da ditadura, constituem as causas fundamentais para que esta continue no Poder. Esta alternativa e direcção única deve surgir do interior, do interior das massas chilenas, e não dos exterior.

Quanto à segunda afirmação de Almeyda, não é mais do que um piedoso engano para se conformar a si próprio e enganar os outros. Altamirano teve a maioria no chamado Secretariado do Exterior e não quis ou naõ foi capaz de encarar com firmeza a solução para os problemas do Partido e preferiu manejar por cima dos princípios e linha estratégica do Partido. Hoje, é vítima das suas próprias hesitações e inconsequências ideológicas, taõ características do meio social donde é oriundo.

7 – Lembramos a Altamiro, Almeyda ou qualquer outro que se julga destinado a «salvar» o partido, do cómodo exílio, o dano que estão a causar não só à reconstrução e unidade do Partido, como também a todo o movimento popular chileno; que pensem honestamente nos militantes que continuam a luta no interior, nos trabalhadores que hoje sofrem perseguições, a fome; nas crianças desnutridas que vagueiam pelos caminhos da Pátria pedindo esmola; nos milhares de camponeses a quem arrancaram da terra e que hoje percorrem os campos em busca de trabalho para não morrer de fome; nos milhares de familiares dos camaradas desaparecidos que lutam com uma grande coragem para encontrar os seus seres amados; nas centenas de homens e mulheres, ainda presos nos cárceres da ditadura e nos milhares de exilados e seus familiares, que deambulam pelo mundo, impedidos arbitrariamente de regressar ao seu país. Nos professores e estudantes, arrastados das suas casas e escolas. Em nome de todos eles, não lhes pedimos que regressem à Pátria para combater e aprender junto aos trabalhadores, a demonstrar no terreno de combate o seu amor à causa que dizem defender. Não lhes pedimos isso, porque sabemos que não o fariam, que não estão capacitados para este tipo de luta. Mas pedimos-lhes, exigimo-lhes: Fiquem tranquilos. Não estorvem o Partido, não o distraiam da sua luta juntamente com o povo. Não pensem na percentagem de militantes que podem ou não acompanhá-los, mas pensem no prejuízo que causam à luta popular com a vossa atitude. A hora de vocês como dirigentes do Partido já passou. Pensem nisso. Se querem ajudar a luta do Partido e dos trabalhadores chilenos, façam-no com modéstia e sensatez, como simples soldados da grande causa do socialismo. Assim, regressarão um dia, não muito longínquo, quando derrubarmos a ditadura, com um «mínimo de glória» ao solo pátrio para junto do nosso povo. Vocês têm a palavra.

8 – Quanta razão teve o nosso camarada Salvador Allende, quando no seu último discurso do Palácio de La Moneda, no meio do bombardeamento fascista, afirmava: «Trabalhadores da minha pátria: tenho fé no Chile e no seu futuro... Outros homens superarão este momento negro e amargo, em que a traição pretende impor-se... «Ele sabia porque pronunciava com tanto fervor e extraordinária convicção estas palavras. Queremos assegurar que esses «outros homens» já estão surgindo aqui no Chile, mesmo no coração das grandes massas trabalhadoras e esses «outros homens» estão assumindo postos de direcção no Partido Socialista e nos outros partidos operários e populares. Não são tão «cultos» nem tão «audazes oradores» com os de antigamente. Mas têm mais «cheiro» a povo. Cheiram a azeite e óleo das fábricas e minas de carvão, cobre e nitrato, nas quais são explorados, à verdura dos campos, onde sofrem e lutam, têm o cheiro dos acampamentos sem água, sem luz, cheios de barro e com fome. Esses «outros dirigentes» estão saindo também das oficinas, dos portos, das escolas e universidades, da juventude, do meio das nossas heróicas mulheres. Todos eles tiveram uma escola comum: a luta política prática contra o inimigo cruel, eles aprenderam que com o inimigo burguês não se joga à política, não se deve ter compaixão, não se entra em acordos ou tréguas, mas se combate com todos os meios disponíveis até à vitória final.

Esses «outros homens», ligados estreitamente ao grande movimento de massas e pela via da insurreição popular destruirão a Junta Militar fascista ao serviço dos ricos e do capital internacional e abrirão caminho pelo qual marchará o povo para uma vida melhor, para o socialismo.

9 – A Comissão Política da Coordenadora Nacional das Regionais do Partido Socialista do Chile apela a todos os militantes de base para que se unam em volta dos princípios imortais e triunfadores do marxismo-leninismo; em volta da linha estratégica do Partido expressa na sua justa política de

▶ 7

A RUPTURA NO PS CHILENO

Declaração da comissão política das coordenadoras regionais

Como anunciamos na nossa última edição, publicamos hoje mais um texto sobre a ruptura no PS Chileno. Trata-se de um documento tornado público por uma fracção daquele Partido, que se reclama do interior, e se autodenomina Partido Socialista do Chile (Coordenadora Nacional das Regionais). Ao publicarmos este documento, queremos salientar desde já que o fazemos no exclusivo intuito de apresentar aos nossos leitores mais uma posição sobre o assunto. Desnecessário será dizer que o «Exclusivo» não toma qualquer posição na contenda, limitando-se a fornecer elementos provindos de diversos quadrantes do PS Chileno, sem se solidarizar, naturalmente, com os pontos de vista expressos pelos seus subscritores.

Na clandestinidade e combatendo sem tréguas o feroz inimigo fascista, dirigimo-nos à classe operária e ao povo chileno, ao Movimento Operário, revolucionário e democrático internacional.

Os meios de comunicação social, imprensa, rádio e televisão, informaram com grande amplitude a crise do Partido Socialista «agravada» pelo afastamento do companheiro Carlos Altamirano de secretário-geral do Partido e sua expulsão das fileiras do PS chileno.

As notícias da crise do Partido Socialista encheram de alegria as forças da burguesia e trouxeram certa confusão e inquietação aos socialistas e ao movimento operário e popular do Chile, o que se compreende pela enorme ligação do Partido às massas populares. Quando hoje enfrentamos a mais sangrenta repressão reaccionária de que há memória no Chile, a participação do Partido Socialista é indispensável e decisiva na luta que liberte a classe operária e as massas exploradas da grande noite do fascismo. Sem a participação activa e combatente do Partido Socialista, a actual crise que o povo chileno atravessa não terá solução que interprete fielmente os interesses dos trabalhadores e da grande maioria do povo.

Conscientes da nossa responsabilidade e como intervenientes directos na luta que libertará os trabalhadores do Chile, declaramos o seguinte:

1 – De facto, o Partido Socialista, como toda a esquerda e a sociedade chilena, desde 11 de Setembro de 1973, enfrenta uma profunda crise ideológica, política e orgânica que foi impossível resolver até agora.

2 – No que respeita ao Partido Socialista, desde a sua fundação, há 46 anos, trava-se uma luta ideológica entre duas grandes correntes: a revolucionária e a reformista. Esta luta ideológica, nalguns períodos da sua história, foi transformada numa luta de «caudillos» e grupos pelo controlo do Partido, o que significou a divisão das suas fileiras por mais de uma vez. Nos seus congressos nacionais, especialmente os de Linares e de Chillán, o Partido Socialista aprovou a sua linha e objectivos estratégicos; delineou a sua política de Frente de Trabalhadores e definiu-se em Chillán como um Partido Marxista-Leninista.

Estes mesmos postulados foram ratificados, uma vez mais, no seu último congresso nacional realizado em Serena (1970). No entanto, e apesar de claros avanços na sua definição ideológica, continuam a existir no seio do Partido, fortes tendências reformistas e sociais-democratas, defensores de uma ideologia burguesa.

3 – Durante o Governo da Unidade Popular, a luta ideológica no Partido, como em toda a esquerda, foi travada pela aplicação sem vacilar e até às últimas consequências do programa prometido ao povo; pela participação das massas, em especial, da classe operária em todo o processo; por fazer avançar a revolução mais além do Estado burguês: para o socialismo.

Neste processo foram os sectores revolucionários e maioritários do Partido, que apoiando-se nos sectores mais conscientes e revolucionários dos operários, camponeses, e massas operárias, impulsionaram e deram corpo a novas formas de organização, como as cinturas industriais, os conselhos rurais, os mecanismos de distrituição directa dos alimentos, os postos médicos populares, os comités de vigilância e controlo nas fábricas e nas empresas, as comunas populares, etc; órgãos que nasceram do Poder Popular. O golpe militar fascista impulsionado, organizado e subsidiado pelos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros conseguiu deter, momentaneamente, o avanço revolucionário do povo chileno.

4 – A crise que hoje enfrentamos há que situá-la nas próprias raízes do socialismo chileno. É a velha questão que opõe revolução a contra-revolução; a teoria revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo, e a ideologia da burguesia, manifestada em posições reformistas e sociais-democratas. Há alguns renegados que se dizem «socialistas», mas abdicaram publicamente das posições leninistas do Partido, como primeiro passo para abdicar depois da sua qualidade de Partido marxista, transformando-o em mais um Partido da burguesia, seguindo os passos de certos dirigentes reformistas e revisionistas europeus. Estes mesmos responsáveis «socialistas» fizeram tábua rasa da linha estratégica do Partido, renunciaram aos objectivos socialistas e à alternativa independente do proletariado, em troca da alternativa da burguesia, encabeçada por Eduardo Frei, velho peão da burguesia e do imperialismo norte-americano e um dos «generais civis» do golpe fascista contra o povo. Nesses renegados, Eduardo Frei confiou para dividir o Partido e contribuir para a formação de um «grande Partido socialista democrático chileno»... ao seu serviço. Esses elementos, sem sombra para dúvidas, colocaram-se à margem do Partido Socialista chi-leno.

5 – A luta não é entre Altamirano, Almeyda, Aniceto Rodriguez ou qualquer outro aspirante a «caudillo» no estrangeiro. Eles ocuparam altos cargos na direcção do Partido e são responsáveis, de uma ou outra maneira, pela falta de preparação do Partido para resistir aos embates da burguesia desde Setembro de 73. No que diz respeito a Altamirano e Almeyda, durante o Governo de Unidade Popular, um ocupou o cargo de secretário-geral do Partido e o outro fez parte de todos os gabinetes do Presidente Allende. Tiveram, por isso, uma quota parte da responsabilidade na sangrenta derrota popular de Setembro de 73. Nem as bases do Partido nem a classe operária chiléna souberam que eles tivessem feito alguma autocrítica séria e honesta. Mais ainda – pretendiam e pretendem continuar a dirigir do exterior a luta popular, a milhares de quilómetros de distância de onde se trava a verdadeira luta contra o inimigo. Tomaram medidas «disciplinares» contra os militantes do Partido no exílio, que não aceitaram as suas erradas directrizes. Trataram de impor aos socialistas que ficaram junto ao nosso povo, uma direcção dócil às suas ordens e declararam à «margem» do Partido, os socialistas que militam na Coordenadora Nacional das Regionais do Partido.

Almeyda e Calderon encabeçaram os ataques e calúnias pessoais mais «baixas» contra os dirigentes do Partido que combatem no interior do Chile. Nenhum deles tem estatura moral ou política para pretender «salvar» o Partido da crise que está a enfrentar. Pelo contrário, as suas atitudes aumentam a crise. Cometem um grave erro aqueles socialistas que, por cima dos princípios revolucionários, preferem seguir um ou outro dirigentes, hoje no exterior. Alguns deles actuam honestamente, seguindo um velho costume partidário, mas os outros fazem-no por oportunismo e corrupção moral, pensando na «ajuda económica» ou «benefícios pessoais» que esses dirigentes lhe podem conceder, vendendo, assim, os seus serviços a quem pague melhor.

6 – Todo este grotesco e trágico espectáculo foi preparado no estrangeiro, a partir do gabinete que têm em Berlim. As poucas bases do Partido que controlam no interior do Chile foram enganadas mais uma vez. Estas foram consultadas sobre o afastamento de Altamirano de secretário-geral do Partido e a sua substituição por um militante do interior do Partido. No entanto, Almeyda apressou-se a expulsá-los do Partido, o que trouxe novas divisões. Almeyda mente e engana a opinião pública internacional, quando afirma em Roma que «as divergências entre os partidos democráticos que se opõem ao regime militar, nascidas durante o governo de Allende estavam agora superadas»... e que o «Partido Socialista conseguiu reorganizar-se completamente na clandestinidade e actualmente é [illegible]mento fundamental na resis-[illegible]chilena».

[illegible]partidos da ex-Unidade Po-[illegible]ão só ainda não superaram [illegible]s divergências, porque não [illegible]veram a discuti-las a fundo, com[illegible]ão conseguiram ainda ofe-recer [illegible] povo uma alternativa in-dependente que reflicta as suas aspirações e as suas esperanças. Pelo contrário, alguns desses partidos dedicaram estes seis anos, como única alternativa, a implorar uma «aliança» com a democracia-cristã, com Frei à cabeça, desconfiando da capacidade e das forças da classe operária e massas populares para dirigir a sua própria alternativa libertadora. É precisamente a falta de uma alternativa popular unitária da esquerda e do povo chileno, a inexistência de uma direcção única, audaz e revolucionária, que, juntamente com o enorme mas não invencível aparato repressivo da ditadura, constituem as causas fundamentais para que esta continue no Poder. Esta alternativa e direcção única deve surgir do interior, do interior das massas chilenas, e não dos exterior.

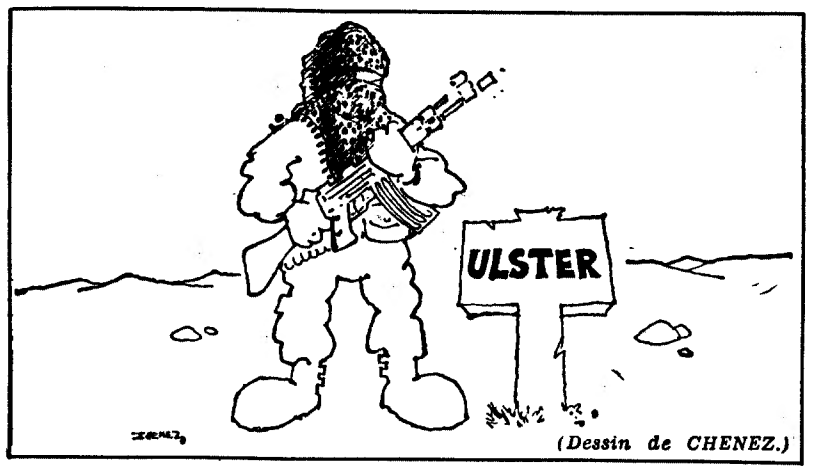
Quanto à segunda afirmação de Almeyda, não é mais do que um piedoso engano para se conformar a si próprio e enganar os outros. Altamirano teve a maioria no chamado Secretariado do Exterior e não quis ou naõ foi capaz de encarar com firmeza a solução para os problemas do Partido e preferiu manejar por cima dos princípios e linha estratégica do Partido. Hoje, é vítima das suas próprias hesitações e inconsequências ideológicas, tão características do meio social donde é oriundo.

7 – Lembramos a Altamiro, Almeyda ou qualquer outro que se julga destinado a «salvar» o partido, do cómodo exílio, o dano que estão a causar não só à reconstrução e unidade do Partido, como também a todo o movimento popular chileno; que pensem honestamente nos militantes que continuam a luta no interior, nos trabalhadores que hoje sofrem perseguições, a fome; nas crianças desnutridas que vagueiam pelos caminhos da Pátria pedindo esmola; nos milhares de camponeses a quem arrancaram da terra e que hoje percorrem os campos em busca de trabalho para não morrer de fome; nos milhares de familiares dos camaradas desaparecidos que lutam com uma grande coragem para encontrar os seus seres amados; nas centenas de homens e mulheres, ainda presos nos cárceres da ditadura e nos milhares de exilados e seus familiares, que deambulam pelo mundo, impedidos arbitrariamente de regressar ao seu país. Nos professores e estudantes, arrastados das suas casas e escolas. Em nome de todos eles, não lhes pedimos que regressem à Pátria para combater e aprender junto aos trabalhadores, a demonstrar no terreno de combate o seu amor à causa que dizem defender. Não lhes pedimos isso, porque sabemos que não o fariam, que não estão capacitados para este tipo de luta. Mas pedimos-lhes, exigimo-lhes: Fiquem tranquilos. Não estorvem o Partido, não o distraiam da sua luta juntamente com o povo. Não pensem na percentagem de militantes que podem ou não acompanhá-los, mas pensem no prejuízo que causam à luta popular com a vossa atitude. A hora de vocês como dirigentes do Partido já passou. Pensem nisso. Se querem ajudar a luta do Partido e dos trabalhadores chilenos, façam-no com modéstia e sensatez, como simples soldados da grande causa do socialismo. Assim, regressarão um dia, não muito longínquo, quando derrubarmos a ditadura, com um «mínimo de glória» ao solo pátrio para junto do nosso povo. Vocês têm a palavra.

8 – Quanta razão teve o nosso camarada Salvador Allende, quando no seu último discurso do Palácio de La Moneda, no meio do bombardeamento fascista, afirmava: «Trabalhadores da minha pátria: tenho fé no Chile e no seu futuro... Outros homens superarão este momento negro e amargo, em que a traição pretende impor-se... «Ele sabia porque pronunciava com tanto fervor e extraordinária convicção estas palavras. Queremos assegurar que esses «outros homens» já estão surgindo aqui no Chile, mesmo no coração das grandes massas trabalhadoras e esses «outros homens» estão assumindo postos de direcção no Partido Socialista e nos outros partidos operários e populares. Não são tão «cultos» nem tão «audazes oradores» com os de antigamente. Mas têm mais «cheiro» a povo. Cheiram a azeite e óleo das fábricas e minas de carvão, cobre e nitrato, nas quais são explorados, à verdura dos campos, onde sofrem e lutam, têm o cheiro dos acampamentos sem água, sem luz, cheios de barro e com fome. Esses «outros dirigentes» estão saindo também das oficinas, dos portos, das escolas e universidades, da juventude, do meio das nossas heróicas mulheres. Todos eles tiveram uma escola comum: a luta política prática contra o inimigo cruel, eles aprenderam que com o inimigo burguês não se joga à política, não se deve ter compaixão, não se entra em acordos ou tréguas, mas se combate com todos os meios disponíveis até à vitória final.

Esses «outros homens», ligados estreitamente ao grande movimento de massas e pela via da insurreição popular destruirão a Junta Militar fascista ao serviço dos ricos e do capital internacional e abrirão caminho pelo qual marchará o povo para uma vida melhor, para o socialismo.

9 – A Comissão Política da Coordenadora Nacional das Regionais do Partido Socialista do Chile apela a todos os militantes de base para que se unam em volta dos princípios imortais e triunfadores do marxismo-leninismo; em volta da linha estratégica do Partido, expressa na sua justa política de



(Dessin de CHENEZ.)

IRA: sessenta anos de luta contra os ingleses

■ **BERNARD BRIGOULEIX**

□ **Le Monde**

Se o IRA (Exército Republicano da Irlanda) só é conhecido internacionalmente desde há uma dezena de anos, esta organização tem atrás de si uma longa tradição de luta contra a presença inglesa na Irlanda. Durante a guerra de independência, os cerca de quinze mil homens de que era composta, opuseram-se violentamente – geralmente em pequenas unidades de 69 combatentes – à tropas britânicas, em número quatro vezes superior.

Desde então, o IRA não cessa de multiplicar as suas actividades na vida pública da Irlanda do Sul, nomeadamente com a longa ocupação do palácio da justiça da capital, em 1922, durante a guerra civil (1922-1923) até à Segunda Guerra Mundial. De Valera fez libertar em 1932, os seus dirigentes que ainda estavam presos; mas, depois, de uma vaga de atentados, a organização foi proibida em 1936, o que não a impediu de continuar na clandestinidade a sua luta contra a divisão da Irlanda, instituída em 1920 e confirmada pela Comissão de Boundary em 1925.

Tentando integrar-se na vida política legal do Eire após o fim das hostilidades – durante as quais a Irlanda permaneceu neutra – o Ira fez eleger quatro dos seus candidatos, sob o emblema do Sinn Fein, em 1947, e abandona oficialmente a luta armada em 1962. O movimento parecia, então, em plena decomposição: no sul, discreta mas eficazmente, o Governo de Dublin conseguiu desorganizá-lo; no Ulster, não se opunha mais às forças da ordem.

Os dirigentes do IRA procuraram, então, reorganizar o movimento, multiplicando os seus contactos com a Igreja Católica e com alguns teóricos marxistas. Os acontecimentos de 1968 e 1969, que puseram frente a frente os católicos e protestantes, em Londonderry e, depois, noutras localidades da Irlanda do Norte, marcaram um novo ponto de partida. Tanto mais que a presença militar inglesa e a «administração directa» do Ulster, efectuada logo a seguir aos incidentes, deram um apoio popular ao movimento nacionalista, que lhe começava a faltar.

Aconteceu, então, em 1969 uma crise ideológica nas fileiras do IRA, que o dividiu em duas partes: o IRA oficial e o Ira provisório. O IRA oficial continua a sua actividade política à luz do dia. Preconiza a nacionalização dos meios de produção, a «libertação nacional» do Ulster e considera que as lutas religiosas dividem inutilmente a classe operária irlandesa.

O IRA provisório, pelo contrário, está lançado numa campanha de perseguição contra as tropas e administração britânicas, mas também contra os grupos de protestantes que considera «cúmplices do ocupante» e mantém ligações muito estreitas com elementos católicos «duros» das duas Irlandas e com outras organizações similares do estrangeiro.

Os atentados, muito numerosos nos últimos dez anos, visam especialmente os edifícios públicos na Irlanda do Norte e, mesmo na Grã-Bretanha, soldados ingleses isolados ou em grupo, locais frequentados sobretudo por protestantes, mas também, para criar um clima de insegurança e obrigar as forças inglesas a fazer sentir mais a sua presença, locais públicos onde passa uma multidão anónima: grandes armazéns, estações, parques desportivos, etc.

Estas operações são realizadas, geralmente, com o auxílio de bombas explosivos ou arma automática. Tal como a ETA no País Basco, o IRA assume sempre a responsabilidade do atentado cometido ou do engenho explosivo telecomandado.

Beneficiam, por isso, de muita simpatia, entre a população, o que prejudica as buscas efectuadas pelos ingleses, os quais consideram, por outro lado, que o IRA dispõe de bases importantes da República da Irlanda e de apoios financeiros nos Estados Unidos, onde há uma grande colónia irlandesa.

Muito recentemente, verificou-se uma nova divisão no seio do movimento clandestino, com a criação do Movimento Nacional Irlandês de Libertação Armada (INLA), facção particularmente dura do movimento «militar» da corrente nacionalista, que reivindicou para já a responsabilidade da morte de M. Airy Neave, porta-voz dos conservadores na Câmara dos Comuns para as questões irlandesas. O atentado ocorreu em Março deste ano. Parece que, duma maneira geral, as tensões internas no IRA provisório têm sido sempre muito vivas. Alguns membros pagaram com a própria vida o desacordo com a direcção do movimento ou a intenção de abandonar a luta armada. ●

A ruptura no P.S. chileno

◆ 6

Frente dos Trabalhadores, que aponta o caminho para todo um período histórico, até à tomada do Poder pelos trabalhadores; apela à defesa enérgica dos postulados marxistas-leninistas do Partido aprovados livremente nos seus congressos nacionais e «ameaçados», agora, pela investida dos oportunistas, arrivistas e revisionistas e pequeno-burgueses infiltrados nas nossas fileiras; apela à defesa do passado histórico do Partido, como o Partido revolucionário e dirigente da classe operária e dos explorados do Chile na sua luta pela revolução socialista. Reafirmamos os postulados latino-americanos do Partido e a sua adesão inquebrantável ao internacionalismo proletário em pé de igualdade, sem prestar vassalagem a alguém. A ajuda que nos seja dada, deve ser aceite apenas com uma condição: a de que seja empregue na luta popular e devemos recusar publicamente toda a ajuda condicionada a certas propostas e acordos políticos. Sobre esta base se reconstrói o Partido no Chile e se forja a mais firme e indestrutível unidade interna. A «unidade» que alguns procuram, juntando dirigentes de pequenos agrupamentos e proferindo declarações bombásticas de «unidade» não serve para a luta e desfaz-se logo com as ambições pessoais e o arrivismo dos seus componentes, servindo apenas para trazer mais confusão e desalento às fileiras do Partido.

A Comissão Política chama o Partido a elevar a sua capacidade teórica, política e técnica, a que os seus militantes se transformem em quadros audazes e intrépidos da classe operária e da Revolução Socialista. Incita-os a ligarem-se cada vez mais à luta, ao combate diário das massas pelas suas pequenas e grandes reivindicações. Devemos estar onde estão os trabalhadores, os camponeses, os empregados, estudantes, professores, jovens e mulheres, organizando-os em comissões de trabalhadores, em conselhos rurais e de estudantes, em comités de base da Frente da Pátria e da Resistência; impulsionar a luta reivindicativa a todos os níveis para destruir a política económica e social de fome da Junta Militar.

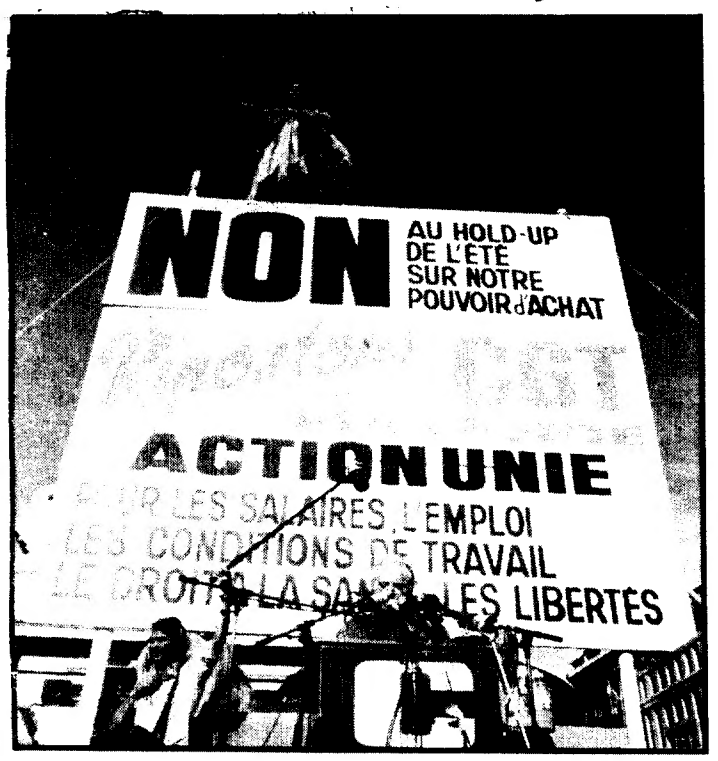
O Partido Socialista reivindica a sua independência ideológica, política e orgânica e apela a todos os sectores sociais e políticos a mais ampla unidade de base para lutar pelo derrube da ditadura fascista. O Partido enquadra este objectivo na sua estratégia socialista. O Partido ratifica, uma vez mais, que a sua direcção está no Chile, lugar onde está a classe operária e onde fica o principal local de combate. Os socialistas do interior estão na vanguarda da luta e os camaradas momentaneamente no exílio constituem a retaguarda activa e combatente. E estes princípios não se vendem, não se compartilham e não se negoceiam com ninguém.

Apelamos aos camaradas socialistas, ainda não integrados no aparelho partidário e aqueles que por equívoco confiaram nos velhos dirigentes, hoje desfasados da luta do nosso povo, a cerrar fileiras e a ocupar um posto de combate, na expressão autenticamente revolucionária do socialismo chileno.

O Partido fortalece-se, depurando os elementos oportunistas, arrivistas e traidores da causa do socialismo. Mas também se fortalece, elevando a sua capacidade ideológica e política e estreitando as suas fileiras até formar um só pensamento e acção com as massas populares. Por este caminho e não por outro, o Partido Socialista forja uma firme unidade de princípios. O sangue derramado não será negociado.

Liberdade e Socialismo, custe o que custar. ●

PELO MUNDO



Ofensiva sindical

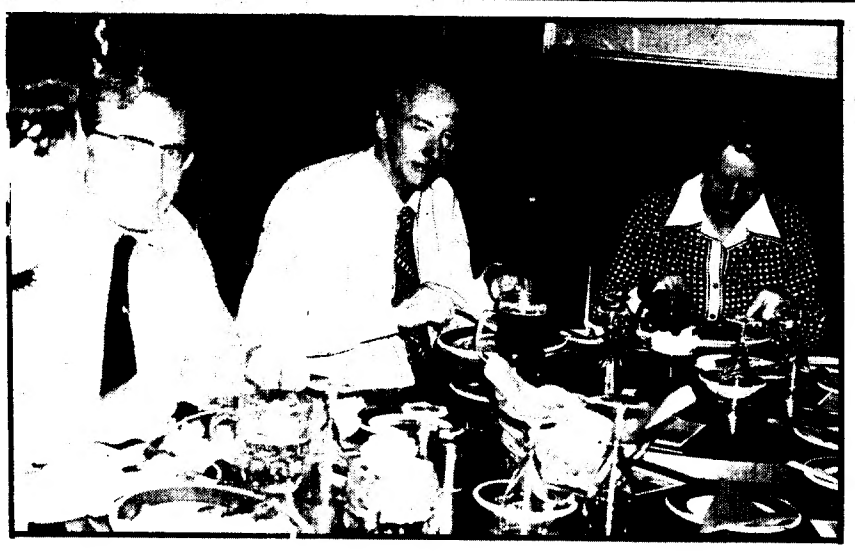
Aspecto do comício realizado em Paris, por iniciativa da CGT, principal central sindical francesa, para lançar a grande ofensiva dos trabalhadores contra a política de austeridade unilateral do Governo Barre. Georges Seguy, secretário-geral da CGT, traça as linhas mestras das lutas que se avizinham. (Foto Keystone)

A morte do ayatollah

O «ayatollah» Taleghani morreu vitimado por um ataque cardíaco. Tinha 68 anos. Na foto da SIPA Press vemos uma imagem dramática do funeral. Acerca desta morte, escrevia Bernard Chapuis em «Le Monde»: «O ayatollah Taleghani, que agora deixou este mundo, pagou a sua oposição ao regime do xá com onze anos de prisão. Agora não era partidário da teocracia nem de nenhuma ditadura fosse qual fosse o horizonte donde ela pudesse surgir. Entendia que o primeiro benefício de uma revolução devia ser a liberdade; era favorável ao pluripartidarismo, a uma constituição republicana que não se confundisse com o Corão; acreditava mais nas virtudes do diálogo que nas da inquisição. Em suma, parece que com os «ayatollahs» se passa o mesmo que com os outros homens: são sempre os melhores que desaparecem»

Ghana: uma nova república

O capitão Jerry Rowlings, presidente do Conselho Revolucionário das Forças Armadas (que vemos na foto da AFP) anunciou em Accra que foi inaugurada ontem a III República do país, com o regresso dos civis ao poder. O novo presidente, eleito pouco depois da tomada de poder por Rowlings, é herdeiro espiritual de Nkrumah, o prestigioso dirigente do Ghana, afastado por um golpe militar e já falecido.



O regresso do rebelde

Ian Smith, que em 1965, se rebelou contra as leis britânicas proclamando unilateralmente a independência «branca» da Rodésia, está agora em Londres, ao abrigo de uma disposição especial que impede que os tribunais o processem. Juntamente com os seus companheiros negros do Governo de Salisbúria, participa sob os auspícios de Lord Carrington, numa conferência onde se encontram também os dirigentes da Frente Patriótica (Foto Ferique)

"CONDOR"

Multinacional das polícias secretas das ditaduras latino-americanas

«Condor» é o nome de código de uma organização terrorista secreta, com sede no Chile, criada em 1975 sob as «asas» do regime de Pinochet. As suas fileiras são compostas por agentes das Polícias Secretas de seis ditaduras latino-americanas. Essas Polícias concluíram um acordo para a realização de operações contra «inimigos comuns» que vivem no estrangeiro. O assassínio do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de Allende, Orlando Letelier, parece ter sido obra sua.

Alguns factos sobre a existência e actividades da «Condor» estão contidos num relatório secreto do Comité de Relações Externas do Senado dos Estados Unidos, de que vieram a lume recentemente na Imprensa certos extractos. Muitos factos eram, contudo, já conhecidos e outros fáceis de adivinhar. A importância do relatório reside não tanto no que diz, mas antes na sua existência. É uma prova de que os crimes das ditaduras latino-americanas não são uma invenção da propaganda marxista mas a cruel realidade.

«Corporação da Morte»

As actividades da «Condor» não se limitam à recolha de informações e à vigilância de políticos e organizações de esquerda no exílio. A «Condor» tem um grupo especial – a «terceira fase» – que é uma espécie de «corporação da morte». O relatório do Senado americano descreve-o como uma unidade especial encarregada de formar «comandos» com representantes dos países participantes para percorrerem todo o Mundo, onde aplicam sanções, incluindo o assassínio, contra os seus «inimigos». O grupo especial por sua vez, compõe-se de três subgrupos. O primeiro estabelece as listas dos inimigos da «Condor», o segundo localiza-os e mantém o olho sobre eles, e o terceiro executa as «sentenças» de morte.

O ramo americano da «Condor» está sediado em Miami onde os gangsters e os agentes das Polícias Secretas latino-americanas «trabalham». A actividade da «Condor» não passou ai desapercebida. A CIA informou disso o Departamento de Estado americano, e pediu para que fosse apresentado um protesto junto dos países participantes na «Condor». O então secretário de Estado, Henry Kissinger, vetou a ideia. O protesto foi substituído por uma «representação oral e não oficial» de Washington à Polícia Secreta chilena, que o relatório do Senado refere como «a principal força condutora por detrás da «Condor».

A «Condor» continuou contudo as suas actividades nos Estados Unidos. A sua acção que maiores tempestades levantou foi o assassínio, em Setembro de 1976, do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Allende, Orlando Letelier. Este foi morto em «Sheridan Square», em pleno centro da zona de embaixadas, luxuosos hotéis e «villas» de Washington. Apesar de o caso ter sido deslindado, nunca a «Condor» foi mencionada. O relatório do Comité do Senado contém um excerto de um outro relatório secreto do FBI que diz ter sido Letelier provavelmente assassinado pelo grupo da «terceira fase».

Ligações com nazis

No relatório do Senado existem ainda informações sobre a cooperação entre os regimes ditatoriais e as suas Polícias Secretas e os criminosos de guerra nazis que fugiram para a América Latina depois da guerra.

O relatório refere que um grupo de oficiais nazis da Força Aérea, que imigraram a seguir à guerra para o Chile, construíram uma «hacienda» em Parral, na província de Linares. Sob o nome de «Colónia Dignidad», a «hacienda» ocupa uma área de 3000 hectares e é dirigida por Franz Pfeifer-Richter, que toda a gente chama «Comodoro». A colónia é de facto um campo militar, e os seus membros usam uniforme militar e vivem sob disciplina militar.

Os seus membros mantêm estreitos laços com ao direcção militar chilena, particularmente com oficiais da Força Aérea. Com o auxílio de equipamento sofisticado comprado na Alemanha Federal, a colónia tem contactos com elementos pró-nazis na América Latina e na Europa. ●

Um Deus vivo visita os EUA

O Dalai-Lama, chefe espiritual do Tibete, considerado pelos seus fiéis como um deus vivo, fez uma demorada viagem pelos EUA. Nesta foto da SIPA Press, o Dalai-Lama, exilado na Índia desde que a China tomou conta do Tibete, avista-se na catedral de St. Patrick, Nova Iorque, com o cardeal Terrence Cook

EXCLUSIVO
N.º 37/79